

FON FON

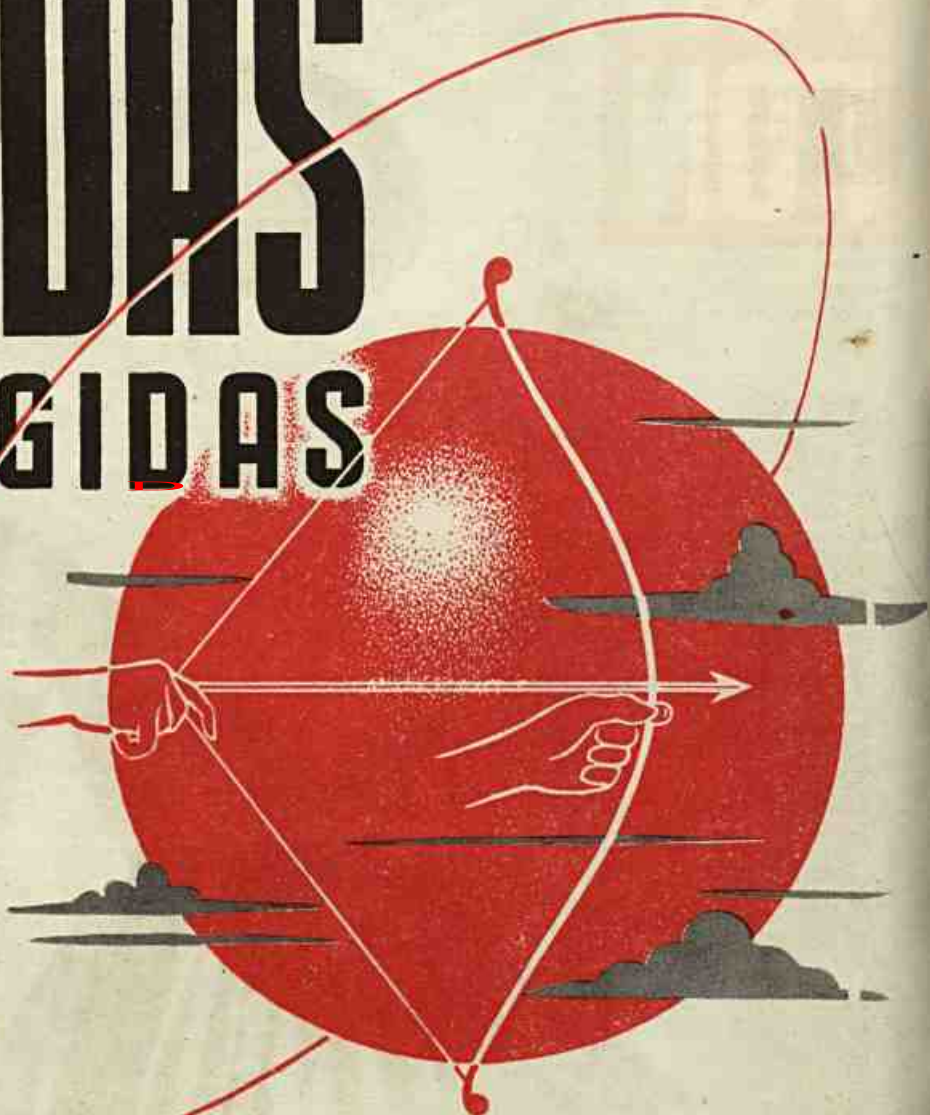
EDIÇÃO DE NATAL

Rio de Janeiro
22 de Dezembro de 1951
A revista feita para o lar
Cr\$ 5,00 em todo o Brasil

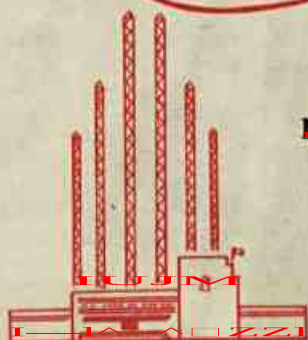


ONDAS DIRIGIDAS

SIGNIFICAM
ALCANCE
ILIMITADO
E EFICIÊNCIA
ABSOLUTA NA
TRANSMISSÃO



Porisso os anunciantes atestam que o
melhor veículo para a sua propaganda é o



Radio
JORNAL DO COMMERCIO

RECIFE - PERNAMBUCO - BRASIL

A VOZ MAIS POTENTE DAS AMÉRICAS DO SUL E CENTRAL

Não Havia Lugar...

Pe. GERALDO MENDES MONTEIRO

INFINITO o vosso amor, Jesus! Quando éramos nada, vós nos salvastes; quando tcevas, nos destes a luz; estávamos mortos e tivemos a vida; pobres e ficamos ricos, ricos da graça pelos vossos merecimentos (Santo Agostinho).

Da prisão nos arrancastes, trouxeste-nos a paz e a alegria. Vistes salvar-nos mas não vos recebemos: "não havia lugar para eles na hospedaria". Na estalagem de Belém não havia lugar. Dura realidade! E a história do homem se resume nisto: não há lugar.

E uma história que se não lê, é uma história que não se compreende. Deus, o Criador, sob cujo domínio estão as coisas, deixa o céu, vem à terra para redimir o gênero humano, bate e não é recebido. Para outros há lugar. Para José e Maria, não (Pe. Plus). E dentro em pouco Jesus lá nasceu. Onde? Numa gruta, sem agasalho e sem conforto. Eis como recebemos a Deus.

Alguém quanto menos vale, tanto mais facilmente encontra onde se estabelecer. Aquêlê que tem algum valor entre os homens, tem mais dificuldade em se acomodar. E se possui um objeto sobrehumano e quase divino, ainda maior dificuldade. Se traz a Deus, já não encontra lugar».

E a história de Belém se repete pelo tempo afora. Não há lugar. Não há lugar para Deus no coração do pecador empedernido, no coração daqueles que dos prazeres fugazes da vida fazem o seu deus e último fim. Na família sem religião e na sociedade sem respeito às leis divinas, na imprensa positivista, na escola e no Estado leigo, na Constituição, em todo setor, enfim, da atividade humana, onde se mofa de Deus e de seus mandamentos, onde se não ouve a Igreja e, ao contrário, se conculcam as suas determinações, em meios tais Deus não habita. Ele aí não pode reinar.

Bateis, ó Jesus, e encontrais a negação. Passais, pedis a hospedagem e o homem não vos abre a alma, não deseja a vossa companhia... Não encontrais lugar não só no coração dos que não amam e vos desprezam, senão também no mesmo mundo não há acolhimento para aqueles que testemunham a Verdade e pregam o Evangelho e espalham o vosso reino; para aqueles

que, desfazendo erros, abrem nas inteligências o caminho e nos corações preparam o terreno para o vosso nascimento. O mundo — esses não recebe; não lhes dá, tampouco, senão acanhado espaço, ao longe, na gruta. Não os compreende e, por isso, despreza e difama-os; eles, porém, calam e rezam; alunha-os e persegue, mas eles, olhos voltados para a eternidade, indiferentes a mesquinhos ataques, passam em gestos de bênção, semeando a verdade, distribuindo o perdão, colhendo almas.

Não havia lugar... Sim, há lugar, Senhor Jesus. Nós, a família católica brasileira, nascida à sombra da Cruz e sob as bênçãos de vosso Sacrifício redentor, queremos apresentar-vos nossa alma, cândida como o lírio, o nosso pobre coração para nele nascerdes e reinardes. Haveréis de nele encontrar sempre um berço para vosso nascimento e uma terra santa para as vossas divinas missões. E em nossas almas tereis um taboár onde vos transfigurardes e um trono para a vossa glória.



Um Presente Para Jesus

O NATAL dos brasileiros, que nunca se pode comparar ao dos povos europeus e americanos do norte, está perdendo cada dia mais a sua feição autêntica, a sua nota característica, a sua sagrada dignidade, para tornar-se uma festa quase que exclusivamente comercial. Falta ao nosso povo aquela unção, aquele misticismo de que se envolvem os povos de civilização mais antiga as aproximações da grande data da humanidade. Vemos chegar o Natal quase sem emoção, mas com a preocupação de comprar presentes, de dar isto e aquilo a fulano e a beltrano, a preocupação de que o dinheiro não chegue, de não decepcionar os filhos que esperam presentes valiosos, os amigos que acostumamos a receber de nós lembranças caras. A correria das compras, a cidade super-lotada, gente correndo,

entrando e saindo das lojas, carregado de embrulhos, tudo numa faina, numa azáfama, num delírio de compras, que nada tem de louvável. Pois que o Natal perdeu a sua feição antiga, transformando-se numa fúria comercial. É a grande data do comércio, isso sim. Já não tanto da religiosidade, do espírito cristão. Esse afundou sob a avalanche de nossos errantes hábitos modernos.

O Natal não devia ser uma oportunidade para trocarmos gentilezas, para esvaziarmos a bolsa, para dar-nos rinda mais preocupações financeiras. No Natal de hoje quase não nos lembramos justamente daquele que devia estar, mais do que nunca, presente em nossos corações e pensamentos, aquele maravilhoso Menino ao qual não damos nenhum presente e de quem recebemos tudo. Aquê que deu a vida por nós. Qual de nós, em cada Natal, pensa em oferecer-Lhe um verdadeiro presente? Damos até a pessoas de quem não gostamos,

E aquelas que têm nas mãos muito ouro para repartir em presentes, lembrem-se dos pequeninos, dos que sofrem, na pobreza e na indigência, ~~Bom, menos presentes, fustigados aos entes queridos,~~ e não esqueçam de que dando aos pobres estarão dando o melhor presente a Jesus.



tantas dádivas! Ofertamos tanto, gastamos tanto dinheiro em presentes inexpressivos, mais por uma espécie de vaidade, de vergonha de não dar. E aquele a quem devemos tudo, nada oferecemos...

No entanto, esses presentes que o Menino-Jesus gostaria de ganhar são tão fáceis de se obter! Não são as moedas que os compram. Eles estão dentro de nós, florindo ocultos em nossos corações. O único trabalho seria talvez de afastar as ervas más que os encobrem e colhê-los na sua maravilhosa simplicidade, para ofertá-los a Deus. Porque todos nós temos bons sentimentos, que nem sempre aparecem, nem sempre são visíveis. Mas a mão pressurosa que vai procurá-los nas profundezas traz sempre a luminosidade e a doçura, que deles emanam.

Jesus fica tão contente quando nos preocupamos em dar-lhe alguma coisa! Pede tão pouco! Não exige a nossa renúncia total aos bens do mundo. Fê-nos para o mundo, sujeitos às suas pesadas leis, mas capazes, com o nosso espírito alado, de livrar-nos das peias que nos acorrentam. Não é preciso que alcancemos grandes resultados. A Deus basta que nos esforcemos, que tentemos. Só o desejo de se esforçar já é grato a Deus. A aspiração ao alto já é uma subida.

Como tão bem disse Plínio Salgado, na sua maravilhosa "Vida de Jesus", "na degradação dos níveis existe, porém, uma beleza maior do que o efêmero esplendor das searas e das flores renovadas no recesso dos vales úmidos; e só por ela valia a pena que Deus baixasse das alturas. Essa beleza chama-se: Aspiração ao alto. A planície é fascinada pelas montanhas. As vozes das Montanhas passam pela planície nas asas dos ecos errantes. Os perfis das Montanhas, refletindo, primeiro, os raios do sol e da lua, embevecem os vergados. Agachada, nivelada, monótona e sem franjeira, a planície recebe a mensagem das Altitudes e consola-se olhando para elas."

E em outro trecho: "Essa luta entre os homens e a tremenda luta do homem contra si mesmo seria permanentemente na terra. Os discípulos aproximavam-se e afastavam-se, intermitentemente, da Perfeição, isto é, do Mestre. Esse vai-vem perpetuar-se-á em toda a cristandade; cada um de nós o percebe, na interdição dos nossos pecados e dos nossos arrependimentos."

Por isso, Deus não exige de nós a perfeição. Sabe que não é humana. Umímo-nos a Deus quando aspiramos a ele.

Que época melhor para uma aproximação com Deus do que o Natal? Vamos dar menos presentes às criaturas humanas e ofertar ao nosso Deus uma boa resolução, uma decisão correta, um propósito firme. É isso que Ele espera e quer de nós.

Mas não descuremos do aspecto material do Natal. A grande data precisa ser festejada à altura da sua significação. Precisamos envolvê-la de carinho, de amor, de fé. Dar a nossos filhos aquela sensação maravilhosa de uma época única, de uma data impressionante pelo que vale para a humanidade. Não deixemos passar despercebida a significação profunda do Natal. Não convém que excitemos os nossos filhos com a espera ansiosa dos presentes e das surpresas. Prepararemos os seus jovens espíritos, que são como a terra úmida onde tudo frutifica e cresce, para a data magna, para que eles a recebam não como



Não contem que excitamos os nossos filhos com a espera ansiosa dos presentes e das surpresas. Prepararemos os seus jovens espíritos que são como a terra úmida onde tudo frutifica e cresce, para a data magna, para que a recebam não como uma época divertida, mas com a decidida união.

uma época divertida em que ganharão muitos presentes, mas com a devida união. Eles precisam saber que as crianças não recebem, somente. Dão também. Estar no mundo significa uma intercomunicação contínua, um trocar ininterrupto, uma intercorrespondência permanente.

Que eles aprendam também a presentear os seres que lhes são caros, mas, sobretudo, a preparar carinhosamente no coração um presente para o Menino-Jesus. E que esse presente seja feito com humildade e amor, não espalhafatosamente, para os olhos do mundo. Na doce penumbra de sua consciência, na íntima semi-obscuridade, nos refolhos recônditos da alma. Ali, onde o Deus se manifesta de maneira mais clara, e onde a alma se liberta verdadeiramente da garga terrena. Cada um, no recesso do seu coração, oferte a Deus com ternura o seu presente de Natal.

Convém que a data máxima seja revestida do máximo esplendor, porque isso impressiona o espírito das crianças. Não poupemos esforços para que cada casa, cada lar se illumine de sorrisos, de alegrias, de esperanças. Façamos alto, com os filhos, bons propósitos, planos de felicidade, para que a grande data fique marcada em seus espíritos de maneira benéfica e inesquecível. O Natal não deve passar como todas as outras épocas do ano. Cada Natal deve ficar. Deve ser diferente, augusto, único. Festa por dentro de nós e por fora. Alegria. Paz. União. Amor. Perdoem-se os erros alheios, estendam-se as mãos, beijem-se as almas.

Esforcemo-nos para melhorar o ambiente em que vivemos, suprimindo heróicamente certas egolismos, lutando para que de nós não decorram males para os que nos circundam. Cada um bem sabe onde reside a máguia profunda, a que faz sofrer, a que faz derramar lágrimas. E aí o seu caminho, aí está a sua tarefa, o ponto em que deve trabalhar, para a glória do Natal!

E aqueles que têm nas mãos muito ouro para repartir em presentes tolos e fúteis, lembrem-se dos pequeninos, dos que sofrem, na pobreza e na indigência. Dêem menos presentes faustosos aos entes queridos, e não esqueçam de que dando aos pobres estarão dando o melhor presente a Jesus. Qualquer criança se sentirá satisfeita em ter reduzido o número, ou a qualidade, de seus presentes em benefício dos pobrezinhos. A criança que, egoisticamente, exigir tudo para si em detrimento... (Conclui na página 13)

DEBRUÇADOS nas janelas, os moradores da vila ouviam o vozerio e balançavam a cabeça uns para os outros em sinal de reprovação:

— Nem uma noite destas eles respeitam! — exprobavam.

O que causava pena era a filha do casal: os pais altercavam-se por qualquer coisa, escandalizavam a vizinhança com um bate-boca irreverente e interminável, e a menina soluçava pelos cantos da casa, de olhinhos arregalados para a costureira cerna.

As mulheres comentavam:

— Tão moços e já nessas desavenças.

O homem acabava saindo para a rua e a mulher ficava resmungando e maisinando-se, quando não fulminava a reação lacrimosa da filha com um "chega, também! ah!", que repercutia lá fora num murmúrio geral:

— Coitadinha...

— Imaginem que tristeza não há-de ser hoje lá! — acrescentou a dona da casa contígua. — Se a gente pudesse convidá-los...

O marido resistiu:

— Não vale a pena. Natal e festa íntima, cada família passa-a como quer e como pode. Além disso, quem sabe lá com que disposição eles viriam para aqui...

— É por causa dela e da menina, — justificou a mulher. — fico com pena delas... tão sozinhas lá! *

— Bem, você resolve.

O rapaz olhou o relógio. Vestiu o blusão e saiu.

— Aonde vai você? — interpelou-o a mãe.

— Dar uma volta.

— Não volte tarde, não; olhe a cela. Veja se vê a sua irmã e manda-a entrar. Chega de rua!

Na calçada não a viu. Foi até a casa próxima de uma família de suas relações e soube que ela estivera lá e saiu depois com outras moças em direção do jardim.

De fato distinguira-a ali, mas não gostou da sua companhia: aquela pequena de verde era terrível e o sujeito que passeava com elas sofria de péssima reputação entre os próprios rapazes do bairro. Aliás, a irmã reincidia na imprudência de tais relações, o que mais de uma vez causou discussão em casa.

De passagem, disse-lhe, discretamente:

— Mamãe está chamando.

— Não amole.

Esperava essa resposta. Continuou andando e teve a sua atenção subitamente despertada por um estridente ranger de freios seguido de um choque reproduzido em sons de metais e vidros partidos. Para desviar-se de um obstáculo qualquer, um ônibus em



NOITE DE



C. I. Brando

disparada projetou-se sobre a calçada e colheu um transeunte. Aglomeração. Polícia. Assistência. Encontrou um conhecido.

— Mais um bocadinho e este carro entrava pela casa dentro.

— Morreu o sujeito?

— Não, mas está bem ferido. E há outros dentro do carro. É o resultado dessa correria feito doidos. Imagine que eu ia tomar este ônibus. Já estou até atrasado. Que horas o senhor tem aí?

— Dez para as dez.

— Está vendo? Eu entro às dez lá na vigia! Até amanhã, amigo, e feliz Natal.

— Feliz Natal.

Seguiu com a vista o homem, que rumou apressado para o ponto de ônibus, sobraçando um pequeno embrulho. Depois, voltou ao jardim, onde se defrontou com dois amigos. Sentou-se com eles num banco ocupado, apenas, na parte posterior, por um indivíduo que teve de retirar o braço do encosto divisório. Relanceou o olhar pelos arredores, e, não vendo a irmã, tranquilizou-se com a idéia de que ela teria atendido ao chamado da mãe.

O homem solitário do lado oposto do banco pediu-lhes que lhe informassem as horas. A pronta resposta de um dos moços, agradeceu e resmungou:

— Diabo, que assim é demais.

Os rapazes se entreolharam. Notando-o, o desconhecido falou-lhes:

— Desculpem-me; eu falei comigo mesmo. Estou esperando a minha mulher e ela trabalha ali defronte e hoje está demorando demais.

— Ah, com certeza é porque está preparando o Natal da família.

— É isto mesmo; eu já sabia que ela hoje iria demorar. Mas é que já passa das dez e a que hora a gente há de chegar em casa?

— Moram longe?

— Acima de Deodoro. Não é por mim que eu fico aflito, não; é por ela mesma. A coitada deve sair dali estropiada.

— Têm filhos?

— Infelizmente, não senhor.

— Infe...

O moço curioso calou-se em tempo. Fitou com simpatia o homem e trocou um olhar significativo com os companheiros.

— Algum dos senhores podia fazer a gentileza de me ceder um cigarro? — pediu o desconhecido. Pensei que eu ainda tivesse...

— Amen-dólm!

O negrinho foi atraído por um dos rapazes, que lhe comprou um cartucho.

— Quanto é?

— Quinhentos réis. — < > >

— Que quinhentos réis! — corrigiu o comprador: — cincoenta centavos!

— Ah! é, senhor — concordou o pequeno vendedor, exibindo as gengivas, num largo sorriso. É que a gente não acostuma...

— Você vende isto na rua até esta hora?

— Vendo, sim, senhor.

— E vende tudo?

— Às vezes vendo, às vezes sobra. Mas a gente tem que fazer força senão a mãe da gente pensa que a gente estamos malandrando.

NATAL

Conto de EDSON KNEIPP

— Você também era dos tais que se fingiam roubados e choravam p'ra enganar os outros na rua?

O pratinho soltou uma risada divertida e respondeu:

— Ah, isso foi no começo... Depois ficou muito manjado. Meu irmão é que fazia...

— Quando é ele agora?

— Está engraxando, na cidade. Mas a esta hora ele já deve ter ido p'ra casa.

— E por que você não faz o mesmo? Hoje é noite de Natal!

— Anã! que adianta? minha mãe está doente e meu pai está consertando trinos de noite, lá em Botafogo...

— Mas papai Noel não gosta de ver meninos como você acordados até esta hora.

O negrinho tornou a rir alto, com ar de deboche.

— Eu, hein! — < > >

E lá se foi com a lata-fogareiro pendente do braço, apregoando a sua mercadoria.

— Ah! — exclamou de repente o homem do outro lado do banco. Lá vem a patroa! Os senhores me dão licença...

Tocou com a ponta do dedo indicador na aba do chapéu surrado e acrescentou, com um sorriso de solidariedade:

— Boas Festas, feliz Natal p'ros senhores.

— Feliz Natal, amigo!

Um bonde parou perto e a voz do condutor soou alto:

— Pon-to de seção!

Sacou do bolso deformado a guia e apresentou-a ao fiscal. O motoneiro desceu do posto, pachorrentamente, de sobretudo grosso no braço, enquanto outro lhe tomava o lugar com a mesma displicência. Trocaram um cumprimento mudo e o que subiu calçou o pé na sineta, de pescoço esticado para dentro do carro.

— Vamos embora! — intimou.

O condutor rendido passou rapidamente o serviço ao seu substituto, e

este galgou o balaústre: expediu um silvo agudo entre os dentes e reproduziu o sinal em dois puxões relâmpagos no cordel da campainha. O bonde arrancou.

— Bem, minha gente: deixe-me ir, que o pessoal deve estar lá me esperando — decidiu o nosso moço.

Os companheiros lembraram-se também de que deviam regressar a casa e então se separaram.

O rapaz fez o mesmo trajeto de volta. Ao aproximar-se da vila ouviu um som conhecido que até então não conseguira identificar. Muitas vezes, já deitado, ouvia-o sem nunca imaginar o que o poderia produzir: então era aquilo! O gari impulsionava a carrocinha de lixo e largava-a: o pé vertical sob o cabo do pequeno veículo feria o chão e cantava aquele som arrastado e cavo até imobilizar-se.

— Já, meu velho? — interpeleou-o o rapaz, consultando o relógio de pulso.

— Já, sim senhor — respondeu o gari. — São onze e meia, não são?

— Quase.

— Pois é; daqui a pouco a gente já pode começar a limpeza.

— Mas nem numa noite dessas o senhor pode folgar?

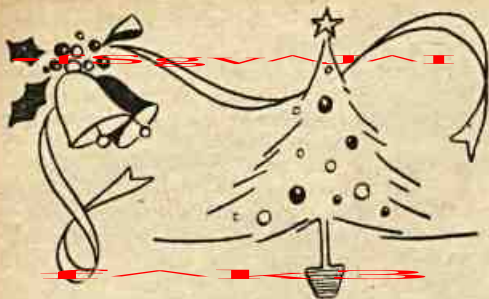
— Ah! não, senhor... A rua precisa ser limpa, eu já comi lá uma rabanada com o pessoal, agora é cuidar da obrigação.

O rapaz assentiu com um gesto.

— Bom... Então boa noite, e Boas Festas.

— Boas Festas, doutor!

Em toda a vila, de lado a lado, só uma casa jazia na penumbra. As demais irradiavam luz e alegria: vozes, risos, sons de música ecoavam das salas iluminadas, em que se viam árvores de pinheirinho com lantejoulas, mesas sortidas de coisas, embrulhinhos em papel de cores, numa sadia e comunicativa expectativa da lendária ceia. — (Conclui na pág. 18)



culinária

REFRESCO DE ABACAXI

Descasque meio abacaxi, corte-o em pedacinhos, mas sem os centros. Deite numa vasilha, cubra com 2 xícaras de calda fria e bem fina e deixe macerar por 1 hora. Noutra vasilha vidrada, ponha meio quilo de açúcar, 1 copo de água fria e caldo de 4 laranjas (ou de 1 limão) e deixe em infusão por 25 minutos. Passe tudo por um pano úmido e, em seguida, incorpore 1 xícara de conhaque e 1 de rum.

Junte as duas misturas e guarde na geladeira até a hora de servir quando então deve acrescentar 1 garrafa de champagne gelada. Sirva em cálices grandes, não muito cheios. É um delicioso refresco. Em lugar do abacaxi pode empregar pêssegos, mas bem maduros.

OS CONSELHOS DA SEMANA

1. □ Ponha um pedaço de miolo de pão dormido dentro da banha em que vai fritar alguma coisa, fazendo desaparecer assim qualquer cheiro desagradável que a gordura quente possa desprender, o que acontece com frequência nos dias de hoje.

2. □ Ao colocar a banha na frigideira, verifique se esta acha-se bem seca, do contrário a gordura começa a "espumar", sujando as outras panelas, o fogão e as paredes e ponho a cozinheira em risco de queimar-se.

3. □ Use sempre uns 6 grãosinhos de arroz cru no fundo do saleiro, ou então misture 1 colher de chá de maizena ao sal, a fim de evitar que ele se umedeça e, formando grumos, não saia direito pelo furo do saleiro.

4. □ Para conservar a bonita cor dos legumes e verduras, acrescente uma boa pitada de açúcar à água em que os estiver cozinhando.

5. □ É aconselhável esquentar um pouco o côco depois de retirá-lo da água, pois assim a casca grossa desprende-se depressa e com facilidade.

Naturalmente o peru com farofa tem as honras da mesa numa ceia de natal, mas não se esqueça das rabanadas, dos pratinhos com nozes, avelãs, amêndoas, castanhas, passas, figos tamaras e do infalível abacaxi com vinho. Você pode, entretanto, fazer uma série variada de docinhos com esse mesmos frutos, o que enfeitará bastante a sua mesa, mas não deixe de fazer o célebre bolo de nozes ou o pavê de maçãs, cujas receitas damos abaixo.

BÓLO DE NOZES

1 xícara de leite; 6 ovos (em média, um ovo para 50 gr); manteiga, farinha e açúcar — cada um deles em peso igual ao dos ovos, isto é, 300 gr de cada um; 2 colherinhas de chá de fermento; 1 xícara de chocolate ralado; 1 prato de sobremesa de nozes socadas.

Bata a manteiga com o açúcar. Junte as gemas e, depois de bem batido, acrescente o chocolate, as nozes, o leite e a farinha (à qual já deve ter juntado o fermento) e, finalmente, as claras em neve. Forma untada com manteiga e forno quente.

Quênto, faça o delicioso

PAVÊ DE MAÇA

$\frac{1}{2}$ quilo de biscoitos franceses; 2 maçãs, descascadas e cortadas em fatias finas; $\frac{1}{2}$ garrafa de vinho branco, do fino.

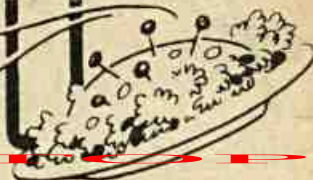
Para o creme: — $\frac{1}{2}$ litro de leite; 2 gemas (reserve as claras para cobrir o pavê); 1 colher de sopa de maizena; 2 colheres de sopa de açúcar e umas gotas de baunilha.

Faça o creme e reserve. Arrume

num prato de vidro fundo: uma camada de biscoitos molhados no vinho; uma de maçãs e outra de creme. Repita as camadas nessa mesma ordem até se acabarem os ingredientes, mas terminando com a camada de creme. Cubra tudo então com as duas claras que sobraram, mas bem batidas em neve e às quais se acrescentou 2 colheres de sopa de açúcar. Estando tudo arrumado, ponha o prato na geladeira até a hora de servir.



de BOM GOSTO



O PRATO NACIONAL

PERU A BRASILEIRA

Meia hora antes de matar o peru, dê-lhe umas duas colheres de aguardente. Mate-o de véspera e, depois de depenado e chamuscado, corte-lhe o pescoço rente, mas deixando a pele que o envolve. Retire o pato por cima. Os miúdos e as tripas são arrancados pela parte de baixo da ave. Lave-o bem, cruze as asas nas costas e prenda-lhe as pernas (ligadas os pés) enfiando-os num corte que se faz na altura da mitra, mas na parte inferior. Numa caçarola funda ponha sal, 1 galho de salsa picada, 1 pitada de pimenta do reino, meio dente de alho e 1 cebola pequena, bem picada. Misture tudo bem. Se quiser aromatizar a ave, abra uma lata de trufas, parta-as em tirinhas que são introduzidas entre a pele e a carne de todo o peru. Em seguida, esfregue-lhe bem os tempéres, tanto por dentro como por fora, e regue-o, finalmente, com 1 garrafa de vinho branco, 1 xícara de vinagre branco e 1 garrafa de água. Deixe ficar assim até o dia seguinte, virando-o, sempre que puder, para tomar gosto.

Recheio: — Cozinhe os miúdos do peru e pique-os bem. Numa frigideira, ponha pedaços de toucinho para fritar. Retire um pouco da gordura e jogue dentro da frigideira um pouco de cebola picada, cheiro e tomates. Refogue e acrescente 1 xícara de água. Deixe ferver um pouco e depois passe tudo por uma peneira. Junte então uma fatia de pão (molhado previamente e bem espremido) e, por fim, os miúdos picados. Com esse recheio encha a parte inferior do peru, tendo o cuidado de enxugá-lo antes com um guardanapo.

Farofa para o peru: — Tire os caroços de 125 gr de ameixas pretas. Numa frigideira, ponha umas 5 colheres de sopa de manteiga e frite uns 3 ovos. Pronto, parta-as com a colher e junte então as ameixas também partidas. Aos poucos e sempre mexendo, vá juntando a farinha de mesa até obter uma farofa não muito seca.

Modo de assar: — Depois de untar bem o peru com manteiga, ponha-o numa assadeira, de barriga para baixo, e regue-o com um pouco da vinha d'alho. Leve-o ao forno quente, regando-o, de vez em quando, com o vinho d'alho. Vire-o e deixe o peru dourar, regando sempre para não ficar ressecado.



O PRATO ESTRANGEIRO

PLUM-PUDDING

3 xícaras de gordura de rim de vaca; 1 xícara de farinha de trigo; 375 gr de passas de Málaga; 1 cálice de conhaque; 2 cálices de vinho branco; raspa da casca de 1 limão; 1 2/3 de xícaras de açúcar; 1 pitada de sal; 4 ovos; leite. Num gal de mármore ponha a gordura de rim, ou sebo, e soque bem com a farinha de trigo, as passas, o conhaque, o vinho branco, a raspa de limão, o açúcar, o sal e os ovos. Depois de tudo bem socado, junte, aos poucos, o leite suficiente para obter uma massa mole. Ponha em forma bem untada com manteiga e leve ao forno regular por duas horas. Sirva com o seguinte molho: — 115 gr de manteiga; 1 pitada de raspa de casca de limão; 60 gr de açúcar; 10 gr de farinha de trigo; 2 1/2 xícaras de vinho Madeira. Ponha a manteiga, a raspa de limão, o açúcar e a farinha numa caçarola e mexa bem com colher de pau. Junte o vinho e leve ao fogo. Assim que levantar fervura está pronto.

E agora, se me permitirem, uma versão brasileira desse pudim típico da Inglaterra:

BOLÔ DE FRUTAS

2 colheres de sopa de manteiga; 1 xícara de açúcar; 5 ovos; 250 gr de amêndoas picadas; 250 gr de tâmaras picadas; 100 gr de casca de laranja picada; 100 gr de casca de limão picada; 100 gr de cerejas cristalizadas, também picadas; 100 gr de damascos picados; 250 gr de passas sem caroços; 250 gr de coco ralado; 1 xícara de fatias de abacaxi; 1/4 de xícara de suco de abacaxi; 1/2 xícara de farinha de trigo.

Bata o açúcar e a manteiga até ligar bem. Adicione os ovos, um a um, batendo sempre. Misture as amêndoas, as frutas, o coco e, finalmente, os ingredientes secos e o suco de abacaxi. Misture tudo bem e mexa até que a massa fique bem ligada. Derrame em forma untada com manteiga e leve ao forno moderado por 4 horas.

nas que, postas no tabuleiro sem untar, são ligeiramente marcadas com um garfo, o que lhe dá um friso de enfeite e os achata como pequenas moedas. Esses biscoitos são deliciosos e quase se desmancham na boca.

E VOLTA A BENEDITA A INSISTIR

— Pois é, com três grãosinhos de milho postos na panela qualquer carne amacia enquanto a gente dá um espirro.

CANTINHO DA RECÉM-CASADA

COMO FAZER AS CLASSICAS RABANADAS PARA O NATAL

Corte fatias, de mais ou menos 1 centímetro de largura, de um pão dormido — de preferência daqueles próprios para rabanadas — e ponha-as de molho em leite acucarado. Não deixe que fiquem moles demais. Retire-as do leite, passe-as em ovos batidos e leve ao fogo numa frigideira com manteiga, ou com banha misturada com manteiga. Doure de um lado e de outro e, quando coradas, retire-as, ponha-as a escorrer sobre papel pardo e finalmente arrume-as num prato. Cubra-as com açúcar e canela e sirva-as quentes.

NOZES EM CAIXINHAS

Procure retirar as nozes inteiras das cascas. Faça bolinhas de massa de bala de ovo do tamanho de nozes pequenas, e coloque metade de cada noz nos lados da bola de ovo. No centro espete um palito untado com manteiga. Em seguida, passe as nozes assim arrumadas em calda em ponto de quebrar ou de bala e coloque cada uma delas em forminha de papel frisado.

BISCOITINHOS 100, 200 e 300

100 gr de açúcar; 200 gr de manteiga; 300 gr. de farinha de trigo. Amasse tudo bem e faça bolinhas pequenas.

Prisioneira da NOITE

(ROMANCE DE LÁSINHA LUIS CARLOS DE CALDAS BRITO)

RESUMO DO CAPÍTULO XXIX

No dia seguinte, Evangelina vai novamente ao restaurante e almôça sôzinha, trocando olhares com o dr. Ernani Lóssio. Ao outro dia, enfim, volta. Dessa vez, o advogado vai também sozinho. Ao sair do restaurante, ele acompanha a Alécia faz uma exposição de quadros, a que Evangelina comparece e quem encontra? o dr. Ernani Lóssio. Conversam e ele lhe pede o telefone. O editor que examinava "Mura-ba" chama-a para dizer-lhe que não podia editar a obra, pois de nada valia. Tinham sido vão os esforços do velho Avelino! Nem postumamente a glória.

Ele sorria! Evangelina nem chega a sofrer, tão ab-sorvida está pelo caso do dr. Ernani Lóssio. Encon-tram-se algumas vezes, em que falam do futuro. Ele é casado, tem quatro filhos, não pode assumir com-promissos... Apesar disso, ela se sente feliz, como que rehabilitada aos próprios olhos, pois agora acre-dita amar! Marcam, finalmente, um encontro mais íntimo. No momento de sair de casa, ela lhe parti-cipa que ela e Hugo resolveram tudo: ele vai pedir o divórcio e mesmo que Alécia não consinta, de qual-quer modo eles se unirão, desprezando as leis. Parece que, desde algum tempo, um vento imperioso de lou-cura levou todas as coisas.

CAPÍTULO XXX

Saiu para o encontro com Ernani Lóssio, mais linda e fulgurante do que nunca, com um vestido cinzento, de luto aliviado, que lhe assentava com imensa graça. Ia já pelo caminho prelibando a impressão que causaria no advogado. Já sabia o que ele ia dizer: Minha primavera... E sonhava. Chegou nervosíssima ao edifício que ele lhe indicara. Estava sem coragem para entrar. Sabia que ia dar um passo importantíssimo de sua vida. Temia pelas consequências, mas estava, no entanto, resolvida a não retroceder. Subiu no elevador transida de medo. Achava que, se por acaso, alguma pessoa conhecida a encontrasse ali, desistiria imediatamente, voltaria atrás.

Ninguém encontrou, porém. Viu-se diante de uma porta sombria, fechada ameaçadoramente contra a sua alegria. Bateu as três pancadinhas combinadas. Sentia as pernas bambas. Imaginava a cena: ele a esperaria de braços abertos, murmurando-lhe palavras ternas... Bateu novamen-te. Tinha batido tão de leve que talvez ele nem ti-vesse ouvido. Bateu, pois, mais forte. Esperou, o coração tumultuoso. Seria que ainda não tinha chegado? Estava com um pequeno atraso, apenas o suficiente para não chegar antes dele. Experimentou bater mais uma vez. Caso não viesse abrir, que remédio senão retroceder, ir caminhar um pouquinho ali por perto, para dar tempo a que ele chegasse? Foi o que fez, porque ninguém respon-deu ao seu chamado. Voltou novamente ao elevador, desceu à rua, pôs-se a passear nervosa-mente. Ao fim de quinze minutos, voltou ao prédio. Novamente bateu à porta sem resposta. Começou a aborrecer-se. Por que teria ele falta-do, logo ao seu primeiro encontro?... Sentia-se indignada, ofendida, pisa-da quase. Mas, não! certamente algu-ma coisa tinha acontecido. Desceu no-vemente no elevador, entrou numa tinturaria ali perto e discou para casa. A criada respondeu-lhe que ninguém havia telefonado. Tomou o ônibus, desanimada, o pensamento num verdadeiro desfile de hipóteses. Com certeza ele ia telefonar, expli-cando o impedimento... Deveria zan-gar-se?... Marcara outro encontro? A desculpa seria dessas que se podem perdoar? Nervosa, aguardou, mas na-quele dia ninguém chamou para a casa de Conde do Bonfim. No dia se-guinte, continuou na enervante espe-ra. Até à hora do almoço, nada. Quan-do a sua solidão e enervamento che-garam a um ponto demasiado insu-portável, resolveu ligar o telefone para o escritório dele. Atendeu-lhe uma voz de moça, um tanto velada.

— O Doutor Ernani Lóssio está?
Houve um momento de indecisão antes da resposta.

— Não, minha senhora (como se dissesse: é claro que não, minha se-nhora...) Quem desejava falar com ele?

— Uma cliente. Precisava falar com ele com urgência. A que horas posso encontrá-lo?

— Minha senhora...
E a voz pareceu novamente he-sitar.

— ... pelo que vejo a senhora ain-da não sabe... está procurando pelo Doutor Lóssio... mas ele faleceu ontem à tarde!

Um arrepião percorreu-a toda. Sen-tiu enorme diante de si o poder de destruição da vida. O poder contrá-rio, hostil, obstinado, do mundo de fora con-
— (Continua na página 26)



Hugo esperou que Evangelina saísse e veio para a sua amada. Tomou-a pela cintura.



Não desespere!

Para grande número de senhoras, o período menstrual significa sofrimento, inatividade forçada, depressão física e psíquica. É um suplício que se renova todos os meses (e, não raro, com intervalos abreviados) fazendo parecer bem dura a condição feminina.

Cólicas, dor de cabeça, enjoo e até vômitos constituem esse martírio habitual. Muitas mulheres sentem-se tão indispostas que são obrigadas a ficar em repouso, e então atormentam-se por terem de interromper os seus afazeres cotidianos...

Simples analgésicos não resolvem o problema, pois apenas atenuam as dores durante algumas horas, sem tratar a causa.

Existe, entretanto, um conhecido remédio, um remédio de comprovada eficácia, o qual age não só como sedativo das dores e calmante dos nervos, mas também, e principalmente, como descongestionante dos órgãos útero-ovarianos, cujas funções regulariza. Este remédio é o **Regulador Gesteira**.

Tanto as mulheres que trabalham no lar como as que lutam fora dele precisam ver-se livres dos seus sofrimentos periódicos!

São excelentes os resultados obtidos, em tais casos, com o uso do **Regulador Gesteira**.

Experimente!

Não se deixe vencer pelo desânimo!

Comece hoje mesmo a usar **Regulador Gesteira**, medicamento valioso, que exerce ação duplamente benéfica — sedativa e tônica — sobre os órgãos útero-ovarianos.



USINA TERMO-ELETRICA NO R. G. DO SUL — O Governo do Estado do R. G. do Sul, cuja sede se vê na foto, está de parabéns pelo projeto que autoriza o Poder Executivo a abrir um crédito para instalação de uma grande usina termo-elétrica, no valor de 105 milhões de cruzeiros.

OURO PRETO E O TURISMO — Numa exposição de motivos, o Ministro Negrão de Lima apresenta ao Presidente da República um trabalho sobre turismo onde se pede a preservação dos monumentos históricos, entre os quais encontra-se a tradicional Ouro Preto, a qual se vê na foto.

RECUPERAÇÃO DO NORDESTE — O tão castigado e esquecido Nordeste recebeu com alegria a notícia do Movimento de Combate às Secas e Recuperação do Nordeste. Na foto uma vista da tranqüila capital do Piauí, vendo-se ao fundo a Matriz de Teresina.

SERÁ MESMO SÓ ISSO? — Dizem as más línguas que, apesar dos esforços das autoridades, tudo no Rio sobre, menos o nível das águas do Ribeirão das Lages.

SAMBA E AS PRINCEZAS — Notícias de Londres nos informam que as princesas Elizabeth e Margareth preferem o samba e que, de um modo geral, a música sulamericana é a favorita na sociedade londrina.

APLICADA A LEI RACIAL PELA PRIMEIRA VEZ — Aristônio Corrêa de Oliveira foi proibido de entrar num clube recreativo porque era de cor preta (quando levava consigo um convite de outra pessoa). Intervindo, a Polícia julgou razoável aplicar, pela primeira vez, a lei contra a discriminação racial.

RACIONAMENTO DA LUZ MUDA A FISIONOMIA DO RIO — Os cartões estão apelando para os lampêes e o ferro a carvão diante do racionamento de luz. O resultado disso é que lampêes que custavam Cr\$ 200,00 quase desapareceram do mercado e os poucos que existem são vendidos por Cr\$ 600,00. Também os ferros elétricos foram abandonados e em seu lugar encontram-se os velhos ferros a carvão.

RECORDISTA QUER SER TÉCNICO — Adhemar Ferreira da Silva, recordista mundial de salto triplice inscreveu-se para o exame vestibular na Escola Nacional de Educação Física, onde pretende tirar o curso a-fim-de tornar-se técnico.

MIMI E O FAMOSO CANTOR — Frank Sinatra, o ídolo do rádio, da televisão e do cinema, aspira ao mesmo perfume da flor de Mimi Benzell, primadana do Metropolitan de Nova Iorque, cujo dó de peito vale por ano cerca de cem mil dólares.

OS EXIBIDORES E O DECRETO N. 30.179 — Parece ter causado a mais viva surpresa e decepção a recente assinatura do decreto n. 30.179, pois, segundo alegam os exibidores de todo o Brasil, ele fere frontalmente seus interesses. Na foto, o sr. Luiz Severiano Ribeiro, o maior exibidor brasileiro, e o banqueiro Vitor Fernandes.

DALI ABANDONARÁ O SURREALISMO — O famoso pintor espanhol Salvador Dali anunciou que abandonará sua técnica surrealista e voltará à tradicional escola espanhola religiosa mística. Na foto Dali em um trem de brinquedo de Walt Disney.



VOCÊ

**também
deve usar**



FOR-T-FOSFATOS

Porque contém:
fosfatos naturais
Vitamina B1
aminos neuro-
cerebrais

combate o cansaço mental

INSTITUTO FARMACOBIOLOGICO

Rua da Estrela, 57 — Tels. 28-7330 e 48-3455
Caixa Postal 3061 End. Tel. "Bragança" — Rio

Meia-Noite

(Conto de Natal)

A única que acreditava nos pais, não era Michelle, não! Era Colette. Além disso, ela era também a única a acreditar em Papai Noel.

— Se ele chega e não nos encontra, não põe nada nos nossos sapatos.

— Não te lamurias, minha queridinha, interveio Péronelle. Vamos deixar um bilhetinho para ele.

— Um bilhetinho?

— Caro senhor, nós tivemos que sair, mas voltaremos logo. Faça, de qualquer modo, o que puder. Com os nossos cumprimentos... nossas afetuosas saudações...

— ...boa distinta consideração... acrescentou Michelle.

As cinco crianças, deixando a sala de jantar, saíram para o pátio calçado. Com as fauzinhas rosadas, radiosas, pareciam totalmente indiferentes ao frio. Michelle e Péronelle tinham passado por cima da saia de seda azul escuro e da blusa vermelha um ligeiro casaco. O rostinho de Jacqueline surgia do cálice de uma gola alta. Colette abafava a tenra carnezinha, com covinhas, de meninazinha gorducha, num macio monte de saias e tricôs de lã, um vestido de lã azul celeste bordado de escarlate por cima de tudo.

Mas Colin, vivo e malicioso, não pusera nenhum vestuário suplementar para sair.

Eram todos tão pequenines que a vida lhes formigava até às pontas dos dedos, jorrando e crepitando-lhes nos cabelos, nos olhares.

— Vamos passar a tarde no estábulo, netinha coima. Ensaaiemos os cânticos.

— E as lanternas? lembrou Jacqueline.

— As lanternas? Vamos fazer com... Estão ouvindo? E o ôníbus?

— O ôníbus! o ôníbus! gritou Colette.

Correu através do pátio até a porteira que dava para a estrada. Os outros seguiram-na, em desordem.

— As lanternas! gritou Colin, correndo, vamos fazer as lanternas com beterrabas.

Naquela época, algumas fazendas e uma aldeia de pescadores constituíam a população humana desse canto de ilha. O ôníbus puxado a cavalos era o único elo com São-Pedro. Quando o ôníbus de São-Pedro chegava com os jornais, os comestíveis, as visitas, todas a aldeia ficava numa confusão! As crianças, a galope, chegaram até os Quatro-Caminhos bem no momento em que João, o condutor, puxava as rédeas dos dois cavalos velhos a fim de imobilizar o antigo e barulhento veículo. Gritaram: "Tão alguma coisa para nós?"

— Hoje, não, que sorte! disse João. A semana inteira, a minha carangueijola não parou de carregar emburruhos para vocês, garotos! Estou com todas as molas partidas. Hoje, estou passeando sem bagagem.

— Malvado! Malvado! gritaram as crianças, sem maldade.

— Feliz Natal, apesar disso! respondeu João alegremente. Depois, olhando por cima do ombro: — E aqui que a senhora deve descer, senhorita!

As crianças olharam os passageiros do carro. Reconheceram as duas velhas peixeiras do quarteirão, a mulher do correio e o soldador ambulante. Mas não conheciam aquela moça.

BEM CHEIA de neve, aquela noite de Natal. É preciso dizer que a neve cai muito raramente nas ilhas anglo-normandas. Começou dois dias antes da grande data. Leves flocos brancos, trazidos pelo vento, tombavam de um céu cinza-ferro. Mas, na véspera do Natal, de repente, tudo clareou. O sol apareceu, para deixar que as crianças vissem o que a neve fizera. A neve recobria tudo, atapetara, debruara, prateara, enguirandara. A fazenda, o terreiro e o jardim tinham-se transformado em deslumbrantes maravilhas.

A fazenda chamava-se "Bom Repouso". Hoje o nome lhe convinha mais que nunca. O repouso e a calma cercavam a fazenda e o universo. Mal se percebia o murmúrio do oceano próximo e dos pintarroxos.

Os pintarroxos pipilavam em torno da porta aberta. Terminando, na cozinha, o almôço, as crianças espiavam os pintarroxos que saltitavam na neve como lanterninhas carmezin. Os pintarroxos deram a Colin uma idéia.

— E se nós fizéssemos umas lanterninhas, hein, garotas? disse ele às irmãs. Depois vamos cantar as canções do Natal!

— Cantar as canções na véspera do Natal, na neve! exclamou Péronelle. Ah! que bom! e saracoteava de alegria. Seus cabelos eram como o ouro. Repetiu:

— Ah, que bom! Colin! que bom!

— Mas, e nossos sapatos... Nossos sapatos na chaminé? lembrou Jacqueline.

— Vamos botar os sapatos na chaminé, dizemos boa-noite a todos, vamos nos deitar, compreendes? Depois a gente se levanta e vai embora.

— Mas e os pais da gente? perguntou a tímida e esperta Michelle, cujos eternos óculos lhe davam um ar estranho de fada velha.

— Nossos pais? cortou Colin. É melhor não pedir nada a eles. Seriam capazes de nos impedir. Ah! os pais... Não me fale neles!

No Estábulo

Por ELIZABETH GOUDGE

(Tradução de LÁSINHA)

No entanto, gostariam de conhecer aquela moça! Ela trazia vestuário de mendiga, porém era bela. Seus olhos escuros pareciam amores-perfeitos de veludo preto no seu rosto em forma de coração, com a ponta para o lado de baixo. Do chale que trazia em volta da cabeça, os cabelos lhe escapavam em deliciosos cachos negros. As suas botinas de abotoar, acalcanhadas, a saia estufada, o chale fora de moda e aquele extraordinário saco de pano não conseguiam destruir-lhe a beleza impetuosa. Parecia uma flor, uma "campanhola branca", uma rosa de Natal, uma alva camélia. Ao descer do ôniúus, tropeçou um pouco, pois que carregava com uma das mãos o saco, e com a outra uma coisa pesada e incômoda. As crianças precipitaram-se para ajudá-la, como se ela fosse a rainha.

— Obrigada, disse ela rindo. Se vocês não me ajudassem, eu poderia ter machucado meu bebê.

— A senhora tem um bebê? gritaram as crianças. Depressa! mostre à gente!

As frescas juventudes dos garotos cercavam a juventude da moça. O ôniúus tornou a partir para São-Pedro. Os outros viajantes, voltando para suas casas, olhavam enternecidos aquele grupo comovente, das cinco crianças e da moça em adoração diante do bebê. Era um encantador bebê, o que ela trazia nos braços. Um recém-nascido gordinho e rosado. Mas, por menor que fosse, já sabia achar graça. Quando suspenderam Colette, um pouco maior do que ele, apenas, para que o beijasse, ele começou a rir. Sem dúvida nenhuma, ele ria. Seus pezinhos e brancinhos agitavam-se no desejo de um universo que não parecia desagradar-lhe.

— Não tem cabelos, disse Colette.

— Mas isso era uma atração a mais.

— É menino? perguntou Péronelle.

Estendia o dedo indicador ao bebê. Quando ele o segurou, e que ela viu as unhas minúsculas dos dedinhos bem feitos, o coração da menina, por um momento, cessou de bater.

— Naturalmente, é um menino, disse a moça com o tom ligeiramente superior que adotam as mães dos meninos.

— Ele é bem comportado? perguntou a turbulenta Jacqueline.

— Não chorou durante toda a viagem.

— A viagem? arriscou Michelle. Mas donde a senhora vem?

— De França.

Michelle consentiu os olhos.

— Mas quem é a senhora? Para onde vai?

Dessa voz era o homem, era Colin que falava.

O doce rosto da estrangeira de súbito se endureceu.

— Isso é comigo, rapazinho. E agora, por favor, deixem-me passar.

— Nós vamos com a senhora, disse Colin. Acrescentou gentilmente: — Eu levo o seu saco...

— Não, disse a moça com firmeza. Depois suavizou-se:

— É aqui que vocês moram? Nesta fazenda? Estou certa de que sua mãe não gostaria de saber que vocês estão aqui fora, tão sem agasalho, com este frio! Vamos! vão para casa! Eu tomo conta daqui.

Puseram-se a correr. Na portaita, viraram-se para acenar com as mãos. Gritaram: — Adeus! Félix! Natal!

Ela respondeu: — Feliz Natal!, cumprimentando com a cabeça e sorrindo, enquanto eles entravam no pátio.

— Ela estava com uma pressa de se libertar de nós! disse Jacqueline, magoada.

— Acho que ela não queria que nós vissemos que caminho ia tomar, disse Péronelle, perplexa.

— Você é Maledoss! disse Colin. Ela estava bancando gente grande, apenas isso! Não há muito tempo que ela é grande. Essa gente grande muito recente é o que há de pior, palavra!

A discussão foi interrompida por uma explosão de lágrimas de Colette:

— Quero um! quero um!

— Um quê?

— Um bebê.

— É impossível, disse Michelle. Quando cresceres, terás

tantos quantos queiras, mas agora desiste.

— Quero um, já rugiu Colette.

— Michelle já te disse, é impossível, mesmo! disse Jacqueline.

— Por que? Por que é impossível?

— Porque é preciso ter um marido para ter um bebê, disse Péronelle.

— Mas não quero ter marido, disse Colette. O que eu quero é um bebê.

— Cala a boca, sim? murmurou Michelle, perturbada. Alguém assõe o nariz dela, peço amor de Deus.

— Não passas de um bebê.

Colette disse Colin. Um bebê não pode ter outro bebê. Colette insistiu. Uma briga esboçava-se. Michelle interveio. Seus olhos e sua idade (tinha treze anos) conferiam-lhe certa autoridade.

— Bobos! disse ela. Nunca que vamos conseguir fazer as lanternas, se passarmos a tarde a brigar.

Atravessaram o pátio a galope. Tudo estava esquecido, exceto a aventura da noite próxima. Gritavam, ao mesmo tempo: — Depressa! Venham! Vamos ao estábulo! As beterrabas! Os cânticos de Natal! Não buscar os travesseiros e o cobertor da cama de Michelle! Andem depressa!

Essas crianças tinham uma aptidão maior que a das crianças comuns para se transformarem, num minuto, de anjos em demônios e vice-versa. Ligeiro pavor de chifres e pés de pato possuíam-as quando abriam o trinco da porta do estábulo. Mas, desde que o fecharam, tornaram-se serafins aureolados.

Os olhos brilhavam na penumbra. Sorriam como se já estivessem no Paraíso. Estranha atmosfera reinava, aliás, no estábulo. É claro que este era sempre o mesmo, com os seus barrotes ornamentados de teias de aranha, a lanterna, os ramos de ervas secas, o farelo de alfarroba, o solo desigual de calcamento arredondado, as suas profundezas sombrias e aveludadas, a janelinha através da qual o sol dardava raios oblíquos. O cheiro também não mudara, cheiro de feno fresco das mangedouras, dos cavalos limpos, de aveia, um cheiro de jardim e de verão em pleno inverno. Os animais pareciam os mesmos de sempre. Lá estava Lupin, o cavalo velho e gordo, cujo dever era puxar a charrete da família; Alberto, o burrinho que o vovô emprestara para os festejos; Matilde, a jumenta malhada que fazia o giro do leite todas as manhãs; Olívia, a bela vaquinha fulva de Jersey, que não andava muito bem ultimamente; Maximiliano, o vira-latas preto; Marmelada, a gata enroscada dentro de uma caixa, embaixo da mangedoura de Lupin, com sua família de seis gatinhos ruivos.

Nada mudara. No entanto, tudo estava diferente. Os grãos de poeira, no ralo de ouro, dançavam em êxtase. O feno das mangedouras murmurava segredos. Os animais estavam com bizarra disposição. Tinham aspecto distante e protetor. Os olhos negros de Lupin, de Matilde e Olívia tinham uma profundidade misteriosa. Alberto, o burro, sempre tão humilde, estendia a cauda como um cetro, até parecia que ele se acreditava o rei dos animais. Maximiliano, embora imóvel e deitado, com o focinho alongado sobre as patas estendidas, tremia de animação. Os olhos amarelos de Marmelada, reinando como rainha no meio dos seus gatinhos irrequietos, brilhavam como lâmpadas.

As crianças sentaram-se nos travesseiros, em cima dos montes de feno. Cobriram estes com o cobertor de Michelle. Puseram mãos à obra. Com uma faquinha, abriam em cada beterraba um buracinho onde colocavam uma vela. Depois, abriam outros buracinhos. Cantavam. Péronelle batia o compasso. Não tinham nenhum ouvido. Cada um cantava num tom diferente. Mas os animais aprovavam.

O feno parou de murmurar para escutar. O olhar dos animais fez-se amigável e compreensivo. As crianças cantaram "O bom rei Wenceslau" e "Enquanto os pastores velavam". Cantaram também na linguagem da ilha, e cânticos franceses que aprenderam com as irmãs de caridade, quando eram pequeninhos. Quando acabaram de cantar, começaram, oh! bem timidamente, a comunicar uns aos outros as suas impressões sobre o aspecto misterioso do estábulo.

— É uma bonita lenda, disse Michelle.

— Que? perguntou Péronelle, que no entanto sabia a que se referia a irmã.

— Todos os estábulos, na véspera do Natal, transformam-se e tornam-se santos. A meia-

(Continua na página 50)



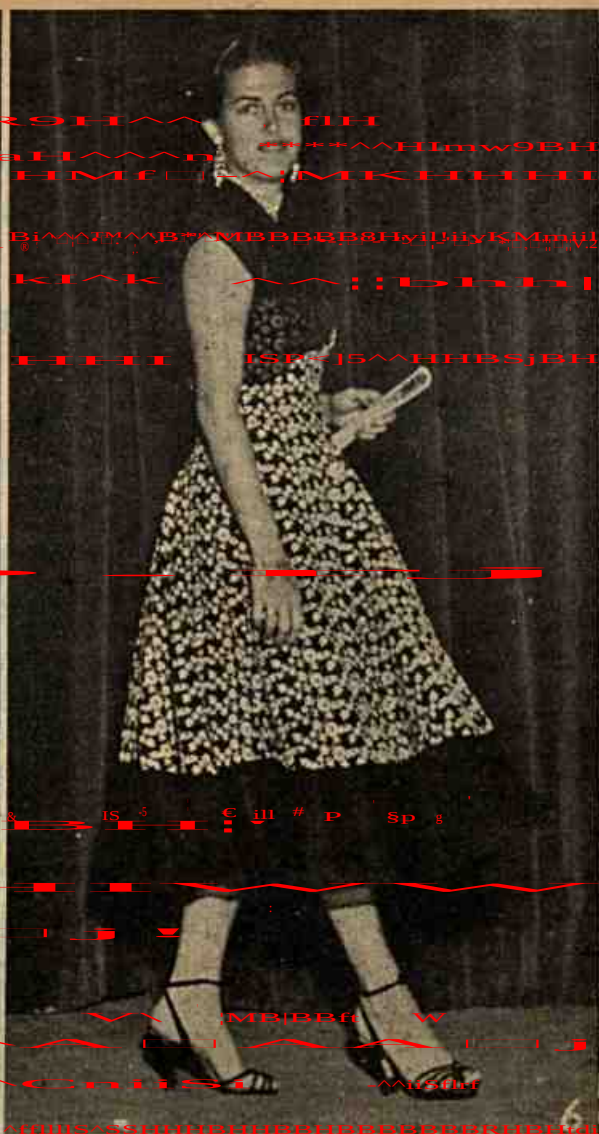


Entrega de Diplomas



1 — "Boneca Parisiense" — Elegante chapéu trabalhado pela aluna Celine Bandeira de Melo, em "rêve" rosa, forrado de "faite" da mesma cor e tendo como acabamento um grande laço de "rêve". 2 — "Te reviens" — Elegante vestido executado pela aluna Quenne Barbosa. Renda preta, sobre fundo rosa, saia clitorica e blusa francesa. 3 — "Juventude" — Este foi o modelo premiado pela comissão julgadora, confeccionado pela aluna Maria Helena Araújo, em linho rosa, com guarnição de renda "guyot" branca. Saia ampla, toda recortada com pétalas de "guyot", soltas. 4 — "Elegante" — Interessante modelo confeccionado pela aluna Clotilde Heloisa Neves. A saia tem dois godês duplos forrados por tafetá. A graça é o acabamento de amplas drapenhas, sobressaindo de um fundo escuro. 5 — "Rêve d'amour" — Lindo modelo confeccionado pela aluna Sary Nigri, em renda branca com sombra preta. Saia bem ampla com três discos plissados, terminando com renda "guyot" e barra. 6 — "Interlúdio" — Confeccionou-o a aluna Léa Mackenzie, que levou como base vestido princesa, barra disco, bolero japonesa. Os modelos 1, 2, 3 e 4 foram criação da professora Eliza Nogueira.

Grupo das alunas que concluíram o curso básico, ao redor da prof. Eliza Nogueira.



na Escola Técnica de Artes e Profissões e na Escola Elegante de Copacabana

Em 1.º de dezembro, no auditório do Ministério de Educação, realizou-se, às 16 horas, a cerimônia da entrega de diplomas às alunas que concluíram o curso básico e o de aperfeiçoamento.

A cerimônia transcorreu cheia de beleza e de atrativos. Perante a mesa, composta do corpo docente das Escolas, desfilaram as diplomandas, numa encantadora demonstração de graça e feminilidade.

A comissão julgadora concedeu um prêmio à aluna que apresentou o vestido mais bem confeccionado e trabalhado.

A maioria dos modelos exibidos foram idealizados pela prof. e diretora Elisa Nigri.

(MATRÍCULAS ABERTAS. —
CURSO DE FÉRIAS)

A aluna Wandira Castelo Branco, ao receber das mãos da Diretora Elisa Nigri o primeiro prêmio do Curso de Aperfeiçoamento e Especialização.



UM PRESENTE PARA JESUS — — — (Conclusão)

Uma criançazinha, não foi bem utilizada. E aos pais competirá, então, abrir-lhe o coração, tirando de lá de dentro a bondade que deve estar escondida e sufocada. Toda criança é boa, pois ainda não foi tocada pelos males do mundo. Ainda não lhe penetrou fundo no coração a serpente venenosa da descrença, da decepção. Toda criança ainda crê. E quem crê é bom. Por isso, todas estão prontas a abrir mão de suas regalias para espalhar mais humanamente a felicidade pela terra. Jesus veio ao mundo como criança pobre, para mostrar-nos que devemos amar os pobres-zinhos.

Chegou mais um Natal. Mais uma vez Jesus Cristo nos oferece uma oportunidade para que lhe façamos um maravilhoso presente... Oh! Ele não exige muito... Não é preciso nenhum grande gesto, nenhuma palavra. Apenas darmos ao nosso coração a força de que ele necessita para uma união mais completa com Deus. Jesus pede apenas que o nosso coração sorria para ele... e a vida sorriria para nós.

Sem visar os sorrisos da vida, devemos amá-la por amor a Jesus, porque ela é a nossa cruz, a que nos salva, a que nos conduz à ressurreição. Aceitemos, portanto, a vida como ela é, nesse Natal, por amor a Jesus. E vamos pôr no sapatinho daquele Menino que não teve sapatos o nosso presente de Natal, feito de humildade amor e aceitação das tristezas do mundo.

NOITE DE NATAL

(Conclusão)

— Salve ele! — saudaram-no, ao vê-lo entrar.

— Onde você andou, menino — cebsaurou-o a mãe.

— Por aí, mamãe. E não cheguei a tempo? São onze e meia.

— Podia ter chegado mais cedo. Estão todos em casa e hoje não é dia de se bater perna na rua até esta hora. Onde já se viu isso?

Onde?... Começasse por perguntar à triste e solitária vizinha do lado. Por acaso tinha visto um motorista de ônibus ser preso em flagrante e um ferido ser apanhado pela Assistência? Longe dali um vigia fazia uma ronda até o sol nascer. A mulher esfaçada que o marido esperava com paciência, filando cigarros, teria coragem de fazer Nani quando chegasse a Deodoro? Perguntasse ao motoneiro e ao condutor de bonde...

— Boas-Festas! — exclamou de súbito o dono da casa, erguendo o primeiro brinde da noite.

— Boas-Festas! Boas-Festas! — responderam todos.

O rapaz ergueu também o seu copo de vinho, mas seu olhar não traduzia a consciência da significação do gesto coleado de que participava maquinalmente.

Onde estaria agora o pequenino vendedor de amentinhos, que háo acreditava em Papai Noel? O pai removia trilha na rua. A mãe, doente. O irmão levantara o dinheiro todo para casa? Aquelle nom misterioso, que lhe feria os ouvidos na quietude da noite agora sabia o que era. Meia-noite, lá se vai a rua...

— Feliz Natal! — repetiu, em voz alta, erguendo de novo o copo.

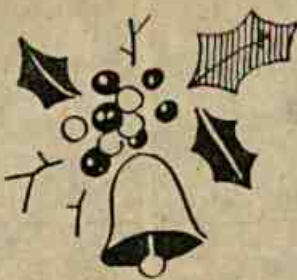
Uma onda de riso explodiu na sala.

— Ué! — replicaram — agora é que você acordou?

Indiferente as provocativas expansões de bom-humor causadas pelo seu brinde, o rapaz exclamou de novo, desta vez com um brilho diferente no olhar:

— Boas Festas e Feliz Natal!...

Mas seu pensamento não estava ali.



NATAL

MARTINS CAPISTRANO

Ainda posso recordar, melancolicamente, aquele Natal, que me levou, irresistivelmente, para junto de ti, felicidade, com a alegria de rever-te, após tantos anos de ausência, e a emoção de sentir, novamente, a tua presença em minha vida.

Na velha fazenda, onde o cheiro gostoso das mangas maduras contagiava até as flores violáceas dos ipês opulentos, amanheceu um dia de sol glorioso de dezembro esmaltando as paisagens ondulantes, que enchiam de festa nossos olhos deslumbrados...

Um céu muito azul, harmonioso, transparente, mergulhava, por assim dizer, nas águas mansas e claras do açude, para refletir-se lá no fundo, como um tapete imponderável...

Naquela véspera de Natal, eu era o primeiro convidado a chegar para a tua festa, que reuniu, depois, tanta gente simples da redondeza, moças do campo, lindas moreninhas de sorriso juvenil e trajas regionais, rapazes de rosto bronzeado e porte vigoroso, crianças, velhos, homens e mulheres acostumados a viver longe da cidade e, por isso mesmo, sem os defeitos, sem as ambições e sem as inquietudes nervosas da civilização....

Passei o dia contigo, felicidade, esperando a noite fascinante, as danças no grande salão colonial, os desafios dos violeiros improvisados...

Antes do almoço, percorremos, a cavalo, os recantos da fazenda, numa excursão, que se prolongou, deliciosamente, até os limites da garrida cidadezinha paulista, onde, pela primeira vez, teus olhos verdes iluminaram a noite dos meus olhos indecisos...

Não tínhamos pressa. Mas galopávamos pelos caminhos do bosque, subindo e descendo colinas, ouvindo a voz dos pássaros cantando na grande manhã radiosa e detendo-nos, de quando em quando, dentro da natureza livre, para celebrar, com um beijo, a festa do nosso amor...

Tenho a impressão de que foi esse o meu último Natal. Nunca mais pude encontrar-te, felicidade, na melancolia e na amargura com que, inutilmente, te procuro, pelas estradas invisíveis do meu sonho impossível...

Para onde te foste, que nem quando volta dezembro, e os sinos de Natal despertam todos os corações, vens consolar-me com a mensagem da tua ternura?

As manguelras carregadas, os ipês floridos, os caminhos da floresta, o rio, a manhã de sol, o açude tranqüilo e doce com o azul do céu dentro de suas águas silenciosas — tudo isso compõe a minha saudade deste pobre e desolado Natal sem a tua companhia, felicidade.

PARA A "DONA DE CASA"

MILO DÁ NOVAS FÔRÇAS

Porque contém:

- ★ leite puro
- ★ cereais maltados
- ★ vitaminas A, B₁, B₂ e D
- ★ fosfatos e ferro facilmente assimiláveis
- ★ sais de cálcio e magnésio

Aromatizado com cacau

Adquirir novas forças agradavelmente
tomando M I L O frio ou quente.

COSTOSO

FRIO OU QUENTE



PARIS

ASPECTOS GERAIS E ÍNTIMOS

(Especial para FOFON)

Por OSWALDO DE OLIVEIRA

CARACTERÍSTICA VISUAL

Em qualquer cidade do mundo, há sempre um dominante motivo exterior. Para uma definição visual de Londres, por exemplo, nada encontrei de melhor do que referir: "Londres é um vastíssimo museu". Isto porque, em cada recanto da cidade há uma maneira de sentir o influxo da tradição. Paris, em sua visão externa, oferece uma lembrança totalmente diversa e desconcertante para os olhos. Assim, é possível citar: "Paris é um vastíssimo musical!" Pode parecer extravagante esta maneira de sentir, mas fácil é o esclarecimento. Por mais distante que seja o "arrondissement" (bairro) há sempre uma decisiva característica nas calçadas das ruas e nas esquinas: as casas de diversões, com as clássicas cadeiras ao ar livre. Em geral, estão situadas umas ao lado das outras, até mesmo fronteiras, etc., mas existem sempre, por mais complicado que seja o bairro. Sejam os célebres "cafés" ou bares, luxuosos ou não, com ou sem pequenas "shows" ou cantores, as cadeiras externas não faltam nunca. Além disto, este sentido direto é completado tanto pelas fachadas e reclamações de vultoso número de "cabarets" quanto pela preocupação geral que a alta percentagem de turistas traz à idéia de recreações de toda a sorte.

A BELEZA DE PARIS

É extraordinariamente bela a cidade de Paris, superando, neste particular, todas as outras que conheci na Europa. As perspectivas que oferecem os traçados das avenidas se aliam também o gosto arquitetônico. Tudo isto vem a refletir particularmente nas minúsculas decorativas, tão tradicionais aos artistas franceses. Este traço está presente nos edifícios públicos, nos templos religiosos, nos jardins, nos monumentos, nas pontes. Haveria muito do que falar em cada um destes e de outros setores, mas convém tampouco esquecer a poesia. Como se trata de uma visão fugaz, falarei das pontes sobre o Sena. Para escolher, entre muitas delas, como a de mais enlevo, desponta a das Artes, fronteira a duas lindas ilhas sobre o rio: a de Saint Louis e Clé. O encantamento traz à uma das suas mais elevadas expressões. Em outro campo, o simbolismo, nada pode superar o Arco do Triunfo, já descrito



No bairro de Montmartre, pela manhã cedo, fora da sua agitação, vendo-se um dos muitos "cabarets".

em anteriores notas. Em matéria de amplo descortínio da cidade, há superioridade para duas situações: o alto da magnífica elevação natural, onde se encontra o basílica de "Sacré-Cœur de Montmartre" e a Torre Eiffel.

NO ALTO DA TORRE

Encontrei muitas justificativas a fim de contemplar, várias vezes, e por horas, Paris do alto da Torre Eiffel. A circunstância que inicialmente desperta a atenção são os telhados das casas e dos edifícios. Em geral, são todos enfeitados de pequenos adornos arquitetônicos, traindo as tendências estéticas dos franceses, até mesmo do alto, quanto também de motivos naturais. Há canteiras com flores por todos os lados e, assim, verdadeiros jardins suspensos e estranhos, em meio de reflexos de "clara-voias" e de toda a sorte de objetos. Para a observação não causar surpresa, convém explicar que, tanto no ponto culminante da Torre quanto nas outras paradas do trajeto, há lunetas que se alugam para os visitantes. Através das mesmas alcançam-se os pontos mais longínquos da grande cidade. Motivo de grande interesse é o Sena, visto das alturas. Tudo parece ainda mais poético: as chatas, de todos os tamanhos, que transitam suavemente no leito, os pequenos botes amarrados nos cais e até mesmo os destroços do rio geral de parte da população. Tradicionalmente colada à Liberdade fica situada de costas para quem se encontra na Torre. Instintivamente, não é difícil recordar que esta própria expressão funciona também de maneira contrária. Se passasse aos contrantes, haveria muita coisa para sugerir. Basta, talvez, lembrar o leito de uma pequena estrada de ferro, cujo trajeto é apenas em um rumo, enquanto que, situada precisamente ao lado do Sena, as águas correm sempre em sentido contrário... E há o horizonte, em que se divisa os saudios contornos dos campos, velados um pouco pelas nuvens de fumaça das fábricas, trazendo por vezes uma atmosfera em "flue" visual e íntimo, no choque dos elementos.

INTROITO PARA O LADO ÍNTIMO

A contínua afluência de turistas, de toda a parte do mundo, certamente tem que influir decisivamente no padrão geral de parte da população. Tradicionalmente conhecida como centro de ruidosas atrações, convergem também mais elementos. Há um senso geral de avidez de lucro por parte do comércio, sendo bem alarmante o atual custo de vida. De tal foi exacerbada a noção de turismo como alta fonte de renda que os exploradores encontram um fácil campo. Entretanto, os bons parisienses reprovam muito esta desonestidade, mas consciente ou inconscientemente passam a repudiar o turista. Este é um dos vários motivos porque não se encontra, no trato geral da massa pública, aquele profundo culto de confraternização e harmonia, tão frizantes na Inglaterra. É claro que nos planos da melhor sociedade assim não acontece, sendo, ao contrário, muito gentil para com os estrangeiros. Contudo, evidentemente tem que prevalecer a ascendência popular, muito mais numerosa nesta autêntica semi-hostilidade.

O ESPÍRITO DO POVO

A índole geral do francês difere profundamente de outros povos europeus, particularmente do povo inglês. Não se nota a mesma evolução em massa, a tranquilidade, o congoçamento de uns para com os outros e tantos outros motivos básicos que proporcionam algo de melhor. Muitas razões podem ser invocadas, sendo várias delas extensivas ao passado. Entretanto, vou expor apenas uma causa recente que foi possível concluir após acurada observação. Está ligada a um motivo de guerra: a recente ocupação alemã, durante um longo período, em todo o território. Por vezes, o sofrimento vem a reverter em benefício íntimo. Foi, por exemplo, o caso da Inglaterra. O ininterrupto bombardeio de Londres, dizimando tantas vidas e também o patrimônio da cidade, as características de tradição abalaram muito, mas em sentido favorável, de soerguimento, o íntimo do povo inglês. Resultados contrários surgiram na França e particularmente em Paris. Sente-se, até a presente data, em qualquer que seja a reminiscência, a revolta abafada, o orgulho incontinido, um misto de revolta que ficou, a intranquilidade. Enfim, em tudo o sofrimento que não encontrou redenção.

Teatro - "Ballet" e Música

Por OSWALDO DE OLIVEIRA

O ÚLTIMO ESPETÁCULO DA TEMPORADA

"Variações sinfônicas" abriu o ^{quarto} espetáculo. A maravilhosa inspiração que envolve os temas de Cesar Franck proporcionou, em Londres, na coreografia de Frederick Ashton a uma alta forma do belo, em torno da noção do simples. Somente tons claros na pintura e nas vestes e movimentos puros, simples e envolventes. Inevavelmente, o trabalho de Ashton está mais integrado no espírito da música. Entretanto, isto não desmerece o brilhantismo da coreografia apresentada por Tatiana Leskova. Há admiráveis combinações de idéias, promovendo um transporte de valor. Estamos certos de que, embora esta diferença de concepção no tocante à melodia, é um espetáculo capaz de alcançar sucesso no estrangeiro. Na Coreia melhor a apresentação da noite da estreia. Na vespéral, a substituição de Tamara Capellor — que atua melhor neste gênero — por Sandra Dickson prejudicou o conjunto, porquanto a última demonstrou insuficiente preparo, quebrando a visão conjunta. Tanto na primeira noite quanto na vespéral, Beatriz Consuelo, mais uma vez, provou a versatilidade da sua arte, demonstrando pureza e expressividade de movimentos, em gênero abstrato. Não é apenas a bailarina romântica-lírica conforme muitos julgam. David Dupré, Johnny Franklin, Ebba Will, Cirley Franca, Sebastião Araújo, Ariete Saraiva, Dennis Grey, Andy Ador, Julia Rodrigues, Edmundo Carijó mostraram-se firmes. Na visão conjunta, poderia ter havido mais imolação das qualidades individuais para uma mais avançada busca de harmonia geral. Desta vez, esteve melhor a orquestra, embora sem transmitir toda a riqueza melódica da composição. Particularmente na vespéral, Otto Jordan, o solista, teve um apreciável desempenho. Não apreciemos a cenografia de Fernando Pamplona.

"Prometheu" é uma das melhores coreografias de Tatiana Leskova. A tragédia de Eschilo em que se baseou o bailado, tem belo simbolismo. Tatiana contornou bem certos pontos muito perigosos da idealização, trazendo certa plasticidade-dramática no conteúdo, na forma, com minúcias técnico-artísticas verdadeiramente preciosas. Trata-se de outro trabalho capaz de consagrá-la internacionalmente como grande coreógrafa.

Esperamos assistir ao mundo reverenciar não apenas a sua capacidade, bem como uma outra, inegável: o merecimento das principais figuras e do Corpo de Balé do Teatro Municipal. "Prometheu" forma um conjunto de grande beleza. Desperta justo entusiasmo a notável compreensão com que se houveram todas as principais figuras, cada qual procurando retirar o máximo na emoção interior e nos movimentos. Honras, pois, para Beatriz Consuelo, Ebba Will, Arthur Ferreira, Johnny Franklin, Sebastião Araújo, Julia Rodrigues, Dennis Grey (a águia estréia), Edmundo Carijó (o mesmo papel, em vespéral), Helga Loreida, Aldo Lotufo. Tanto as intérpretes de as "oceânicas" quanto do povo mantiveram esplêndida noção de conjunto.

Em conjunto, "Don Quixote" foi o melhor ^{das} de ^{deux} apresentado na temporada. Tatiana Leskova e Arthur Ferreira ajustaram-se magnificamente ao estilo da coreografia de Petipa. Melhor coordenação na orquestra, mais empenhada (fácil, também, a orquestração) de forma que tanto na estreia quanto na vespéral os bailarinos mantiveram, de forma absolutamente internacional, o rigor exigido para uma justa apresentação de gala. Outro número para brilhar no estrangeiro.

Impropriamente denominada de "divertissements", porquanto não apresentou números de alta manifestação artística, foi notável o fecho da temporada. Pelo imenso poder da música de Debussy, pela finura da coreografia de Tatiana Leskova e pela sutilíssima expressão de Beatriz Consuelo, "Ondine" foi o ponto alto deste epílogo. Não se trata apenas de simples sugestão dos movimentos do mar. Beatriz transmitiu o que se pode encontrar além das vagas, o simbolismo que os elementos naturais irradiam. Conjunto de extrema delicadeza e encantamento. De muito valor o "Pescadinhos", música de Tchaikowsky, coreografia de Massine, modificada por Tatiana Leskova. Belíssima demonstração dos méritos de Bertha Rosanova, tanto valor digno de representar o Brasil no exterior. Muito bem acompanhada por Arthur Ferreira e Dennis Grey, havendo apenas um desajuste em Sandra Dickson que, apesar de mostrar boa elevação, esteve, desta feita, insegura e com defeituoso acabamento. "Valse do 'ballet' Beau Danube", música de Strauss, coreografia de Massine. O gênero adapta-se melhor ao temperamento de Tamara Capellor, que cumpriu apreciável exibição, ao lado de Johnny Franklin. Entretanto, este último necessita exercitar melhor o amparo às suas companheiras de par, notadamente nas "pionettes". Cirley Franca, dançando



Bertha Rosanova, conforme apareceu em "Giselle", na Temporada Nacional.

novamente um trecho da Variação Clássica, o fez com elegância, graciosidade e técnica, estando melhor na noite da estreia. "Pão", música de Strauss, coreografia de Nini Theilade, proporcionou uma excelente exibição de Ariete Saraiva, cujos progressos são cada vez mais sensíveis. "A dança da fita", música de Giliere, coreografia de Igor Schwezoff, foi apreciavelmente dançada por Dennis Grey. "Bataque", música de Nepomuceno, coreografia de Yucco Lindberg, é uma das melhores folclóricas do nosso meio. Ery Garro e Sebastião Araújo dançaram com exatidão e desembaraço. E, assim, foi encerrada uma temporada que confirmou o otimismo anterior à sua excelente efetivação.

A DANÇA ATRAVÉS DOS POVOS

No próximo número anunciaremos as definitivas datas dos espetáculos. É intensa a vibração dos leitores pela realização, com foros de ineditismo, no mundo. Entre as últimas notícias de chegada de filmes para "A dança através dos povos" e "Festival Mundial" figuram: "Ballet", de 15 minutos, exclusivamente dançado por Margot Fonteyn e corpo de balé do "Sadler's Wells", "Yolanda", com Irina Baronova dançando, entre outros, "Bodas de Aurora", "Wago dos cisnes" e "La fille mal gardée", além de vários filmes de dança típica espanhola. Desta maneira, dentro em pouco será satisfeita a extraordinária expectativa pública em volta do acontecimento.

IMAGEM E MOVIMENTO

Por OSWALDO DE OLIVEIRA

PRÉ-ESTREIAS

PRESENCIADOS EM PARIS

"FACTO SINISTRO" e "A VIDA COMEÇA AMANHÃ"

ÓTIMO Há escritoras que idealizam um conto criminal sentindo algumas situações com certa originalidade. No tocante ao sexo oposto é difícil obter algo de diferente no assunto pelo simples fato de o cinema acompanhar ininterruptamente até mesmo a própria realidade. Muito embora a trama do atual, escrita por Patricia Highsmith, pois seja conhecida — há trechos que lembram "A noite todo encobre" ou "A dama fantasma" — destacam-se certas curiosidades nas ocorrências. Naturalmente, nota-se a influência do excelente adaptador (Whitfield Cook) e certamente reparos, em busca do seu estilo, de Alfred Hitchcock. O fato é que há um senso de imprevisto que parte de coisas aparentemente banais. Por exemplo, em certo instante estabelece-se um esplêndido paralelismo entre uma partida de tênis, que nada tinha a ver com os acontecimentos, com a desesperada recuperação do criminoso dos óculos da sua vítima, caídos em uma canalização de água das ruas. Apesar de a história ter o seu lado tétrico, há uma linha geral — característica ao grande diretor de "Os trinta e nove degraus" — de eminente simplicidade. Isto não impede que seja estabelecido, no final, um dos bons "clímaxes" da sua carreira, em um desastre de carrossel, em um parque de diversões. Há, também, provas de que o cineasta inglês esforçou-se a fim de agitar o espectador, até mesmo em surpreendentes angulações.

O elenco é equilibradíssimo. Farley Granger interpreta novamente, e muito bem, o rapaz que, imprevistamente, se torna cúmplice de terrível aventura criminal. Pode-se lamentar mais ainda a prematura morte de Robert Walker porque viveu um palcos de maneira notável, deixando bela recordação, na despedida da arte que abraçou. Ruth Roman, orientada por grande diretor é outra atriz. Nota de curiosidade na película é a estreia da filha de Hitchcock, Patricia, orientada pelo seu próprio pai.

Farley Granger e Ruth Roman em uma cena do excelente filme de Hitchcock: "Facto sinistro".



BOM Entre as teses mais originais que o cinema filmou. Não há propriamente história e sim curiosas repontagens. Um provinciano de ideias conhece Paris e decide analisar a mentalidade do mundo presente e a do futuro. Interessava-o particularmente um resultado que o ambientasse com o homem de amanhã. Passa, então, a procurar vultos célebres a fim de efetuar um inquérito real e palpante.

De início, surge imediatamente uma desilusão: ouvir Jean Paul Sartre. Assim, o estudo foi inaugurado com o vínculo do materialismo, embora o fizesse em caráter de sóbria análise. Felizmente, ficou nas bases do inquérito e não reverteu em divertições. Figuras das mais representativas do grande país surgem posteriormente na tela tomando parte, *in-vivo*, em uma narrativa cuja tese encampava a perspectiva de, no epílogo, vir a sugerir uma mensagem de melhoria. Aparecem: Jean Rostand, tratando de problemas da vida; Le Corbusier, o arquiteto de pensamentos renovados; Picasso, o tão discutido e célebre pintor e outros vultos mundialmente famosos nas suas diversas atividades, como André Gide, Jean Rostand, Darius Milhaud, Jacques Prévert, etc.

O mais interessante de tudo é que, no cômputo de tudo isso, as imagens vêm a refletir muito os próprios erros da concepção do idealizador deste ensaio — N. Vedres e pouco os da humanidade. Não foi encontrado um caminho capaz de mostrar um rumo superior, de concluir, com brilho, a reunião de tantos valores. Não importava que ouvisse o mesmo número de materialistas do grupo e sim a impregnação de algo mais importante. Falava-se muito e os diálogos são, de fato valiosos. Entretanto não há o elo irmanante a sequência de valores. Depois, vem a insidiosa dispersão e implanta-se a monotonia.

Jean Pierre Aumont faz aceitavelmente o provinciano que efetua o inquérito e não há muito a falar das "pontas" dos vultos que aparecem no filme. O estilo da direção de N. Vedres é teatral, sem talento ou arte.

FON-FON ▲ NATAL DE 1951

ALABIO
FONE: 22 08 30

RIAN
FONE: 43 11 44

LEBLON
FONE: 27 78 05

AMERICA
FONE: 48 45 19

BOTAFOGO
FONE: 26 22 50

COLISEU
FONE: 29 87 58

ICARAI
FONE: 33 46

2ª FEIRA

**WARNER BROS
PRESENTA**

**Rouxinol
da
Broadway**

"LULLABY OF BROADWAY"

**COLOR POR
TECHNICOLOR**



DORIS DAY - GENE NELSON

SZSARAKI, BILLY DE WULFE, GLADYS GEORGE

dirigido por DAVID BUTLER

Acompanha Complemento Nacional



Ofereça

Meias...

O presente que agrada sempre!

Presentear, no Fim do Ano, constitui um problema de difícil solução, pela escolha do presente a oferecer. Este ano, nós lhe sugerimos, meias **OLGA!** Para Senhoras, Homens ou Crianças!

Em cada 9 pares mais um grátis

ATRAÇÕES OLGA 1952

Olguinha	C/\$ 32,00
Casino	Cr\$ 37,00
Malha 60x15	Cr\$ 49,50
15 Denier's-Luxo	Cr\$ 58,50
Olga Ouro	C/\$ 75,00
Hollywood 66x15	Cr\$ 89,50
Decoradas desde	C/\$ 98,00
H.M.L. 6" x 10"	Cr\$ 110,00
Industriaeis U.S.A.	Cr\$ 140,00

e mais 65 tipos diferentes.

66 Gauge
15 Denier's
Cr\$ 68,50

Meias Olga
Um "Sonho" em Nylon
Um "Real" Presente

casas olga

AV. RIO BRANCO, 119
RUA URUGUAI Nº. 70/22

RUA DO OUVIDOR, 122
RUA 7 DE SETEMBRO, 113

Voga Publicidade

SER BONITA



É O IDEAL DE TODA MULHER

Aquela que é feia tendo podido evitar a fealdade cometeu um feio pecado... Um rosto bonito não é só o que possui a beleza da forma e sim uma pele unida, sem manchas, espinhas, cravos, rugas, sem imperfeições da cutis

CREME POLLAH

fará o vosso rosto bonito, admirado de todos, com uma pele fina e lisa debaixo da qual como que se verá circular a vida.

Vende-se nas farmácias e perfumarias.

GRUPE /
RESERVIADO /
NEURALGIA /



TRANSPIROL

O Transpirol é apresentado em todos de 20 comprimidos e em carteirinhas de 2 comprimidos.

decoração

O A B C DA DECORAÇÃO

A DECORAÇÃO DO NATAL



OS arranjos de Natal devem trazer sempre a lembrança desta data. No mundo inteiro as famílias se reúnem para festejarem esta noite tão bela e expressiva!... As árvores de Natal, com os variados coloridos dos enfeites e os embrulhos dos presentes, dão um sabor especial ao carácter da festa. É uma festa diferente, portanto o motivo de suas ornamentações devem ser origina-

nais. As salas são as mesmas, assim como os móveis, mas devemos fazer a sua arrumação diversa.

O centro de interesse será a árvore de Natal ou o presépio; todas as atenções se convergem para este lado. O espaço da sala deve ser livre e a reunião deve ser feita em volta da árvore.

As flores e a cela são arranjadas de acórdio com a festa.

Nas portas de entrada pode-se pendurar galhos de cedro com laços de fitas, pequenas estrelas e sinos, símbolo da anunciação dos reis Magos.

Os bolos, os doces, as castanhas, as bebidas, os pratos, e os copos devem ser enfeitados com motivos do Natal. Os copos por exemplo: se não houver alguns já prontos em casa, comprem pequenas árvores ou decalque-mania e coloquem pelo lado de fora do cristal. Os pratos colocados em forma de árvore, a toalha com fitas e enfeites aplicados, as nozes e castanhas pintadas de dourado ou prateado, etc. enfim tudo que indique esta grande noite.

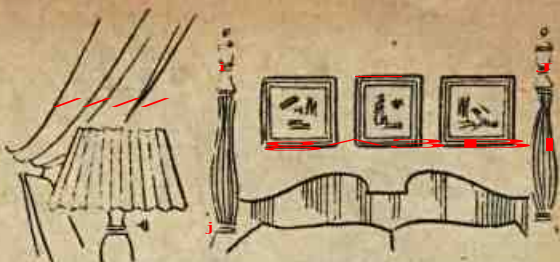


Um dos Natais mais bonitos que assisti, foi nos Estados Unidos. O povo delira com as compras, até quase a última hora. As casas e as ruas são enfeitadas com majestosas árvores. Não há uma só pessoa que não tenha sua árvorezinha, muitas vezes pequenina, mas não importa, é uma árvore de Natal! Na noite de Natal, neste país, em geral, todos dirigem-se para as igrejas, as casas ficam abertas e iluminadas, e os sinos repicam abençoando e repetindo: "Jesus nasceu! Jesus nasceu!". Nas ruas e nos "bars" há uma

OUÇAM, as terças-feiras, pela Rádio Mayrink Veiga, sua PR-9 das 14 às 14,30 horas, o programa DECORAÇÃO DO LAR, na palavra de d. Yeda Fontes

FON-FON ▲ NATAL DE 1951

do IAR



Colaboração de YEDA FONTES

Ilustração de CARLOS FERNANDES

feita completa, todos cantam e saúdam em louvor a Jesus.

O tempo contribui dando um cunho todo especial; a neve caindo e em volta das grandes árvores armadas ao longo das avenidas, ainda mais ajudam embelezar o quadro dessa noite... Parece-me que é a festa máxima do ano, para os americanos do norte.



HOJE VOU TRAZER AQUI ALGUMAS SUGESTÕES PARA O SEU NATAL:

1.º) — Por exemplo: uma árvore de Natal toda de galhos secos pintados em prateado, dentro de um vaso de cristal, em cima de um piano de cauda ou de uma mesa, é simples e fácil de fazer.

2.º) — Um centro de mesa: uma bacia uma bandeja ou um prato fundo de centro de mesa, cheio de bolas de Natal, coloridas, com algumas flores de anturium espetadas entre as bolas, dá um enfeite extraordinário.

3.º) — Um prato de nozes pintadas de prateado com uma vela vermelha no centro, tendo, em baixo, uma estrela recortada, maior que o prato, fica uma maravilha.

4.º) — Uma fruteira cheia de uvas cristalizadas, com galhos de cedro e confeitos prateados, fica lindo...

5.º) — Uma cesta de vime cheia de frutas e castanhas, com flores de gravata, serve para ornamentar os "buffets" ou consolos.

ORNAMENTAÇÕES DA MESA DE NATAL

Para ornamentar uma mesa deve-se escolher frutas vermelhas como maçãs, cerejas, mangas rosas, etc. os abacaxis pintados e as folhagens pintadas de dourado, etc. (as folhagens podem ser pintadas de vermelho, branco e prateado).

ILUMINAÇÃO

O lustre pode ser decorado com bolas de vidro coloridas, e estrelas prateadas, com fios de vidro... A iluminação também poderá ser feita por

meio de velas ou pequenos fios de luz com lâmpadas pequenas intercaladas com cores. A iluminação colorida entre as plantas dá um efeito bem interessante. Uma estrela pendurada no alto com um foco de luz indireta sobre ela, iluminando a sala toda dá muita originalidade.

A mesa estando coberta com uma toalha branca, tendo uma grande fita vermelha, dando um laço em um dos lados, com as pontas

caindo por cima da mesa, com os pratos e copos arrumados, parece uma caixa de presentes.

Meia dúzia de maçãs, furadas no centro com velas dentro, dá um bonito centro de mesa. Estas maçãs deverão ficar em ninhos de galhos de cedro.

Faça um prato de "suspiros" bem grandes, encha uma bandeja e arranje pequenos Papais-Noel pelo meio dos suspiros.

Arrume os presentes dentro de um cesto com fitas grandes por fora, cada pessoa poderá puchar uma fita, trazendo assim o seu presente.

Amarrar um pote de barro no alto, com todos os presentes, com os nomes das pessoas. A dona da casa dará à pessoa mais velha da família, uma vara ou bastão para quebrar o pote, e com a quebra deste, todos os presentes cairão, todos se precipitarão e então cada pessoa procurará o seu presente.



CARLOS LAUBISCH, HIRTH & CIA. LTDA.

MÓVEIS — DECORAÇÕES — TAPEÇARIAS

RIO DE JANEIRO

Fábrica: — RUA DO RIACHUELO, 81-87

Exposições — RUA DO OUVIDOR, 86

Depósito de móveis, anexo à fábrica.





A Vida e os nossos FILHOS



D.R. HUMBERTO BALLEARIN

Médico especializado em idade escolar. Do Instituto de Endocrinologia da Santa Casa de Misericórdias de São Paulo

SINAIS E SINTOMAS DE DESNUTRIÇÃO — RAQUITISMO

SEGUINDO o esquema traçado no primeiro artigo da série "Sinais e sintomas da desnutrição", publicada do no número de 24-11-1951 de FON-FON — trataremos hoje das modificações encontradas nos ossos, cuja causa determinante é a alimentação inadequada. O raquitismo é uma doença própria das crianças em idade de crescimento, caracterizada por modificações na estrutura dos ossos. Os ossos da criança raquítica não oferecem a necessária resistência de sustentação para o peso do sector corporal que lhe está afeito. Como consequência aparecem as diversas deformações ósseas localizadas, ou as modificações da postura da criança quando na posição de pé. Assim, entre as deformações localizadas temos:

a) — No crânio — O crânio em celulóide, isto é, com uma compressão que cede como se fora uma bola de "ping-pong" previamente aquecida. Outras vezes em crianças já mais crescidas, até mesmo em adolescentes e adultos, encontramos o crânio em torre, a fronte olimpíca e o crânio largo na parte posterior e estreito na testa. Estas deformações em crânios já ossificados, indicam na maioria das vezes, um raquitismo em tenra idade, passando despercebido e que, se curou, mais tarde não sem deixar a sua marca registrada.

b) — No torax — a expressão torax raquítico é de uso popular, portanto um torax em tonel, em barrica, com umas costelas muito finas ou um torax chamado de sa-pateiro com uma depressão funda no centro do peito, ou então a presença do chamado rosário costal, e se fora as costas de um rosário justapostas às costelas na face anterior do torax.

c) — Na coluna vertebral — quando os ossos afetados são as vértebras então teremos as cifoses ou lordoses; as lordoses onde o dorso da criança apresenta no centro do tronco uma concavidade como se fora o lombo de um cavalo velho; as escolioses ou sejam os desvios de um corpo para a esquerda ou para a direita, ocasionando a queda de um dos ombros. A causa desta anormalidade é a falta de consistência de um grupo de vértebras para aguentar o peso do tronco, pois a vértebra raquítica se

deforma cedendo ora de um lado ora de outro. A escoliose ou desvio lateral muito comum em nossos escolares pode ser devido a vícios de postura nas carteiras existentes na maioria das escolas. Nestes casos, pode ser apenas um vício muscular com a estrutura óssea normal.

Qual a causa do raquitismo? Como evitá-lo? Será o assunto do próximo artigo desta seção.

LESÕES OSSÉAS DO RAQUITISMO



Deformações das vértebras (cifose)

Genu Varus

Genu Valgus — Pé em ventania.

modas de FON-FON

Segredos...

A idade desempenha um papel de grande relevo na elegância feminina. Nenhuma mulher poderá ser elegante se não estiver trajada rigorosamente de acordo com a sua idade. Não queremos dizer com a sua idade cronológica, mas com a que aparenta possuir. Alguém já disse certa vez, que a mulher tem três idades: a que aparenta possuir, a que diz possuir e a que possui realmente. Dessas, apenas a primeira deve interessar quando a mulher procura vestir-se bem.

Depois que se torna adulta, a mulher terá de trajar-se de acordo com as três etapas principais da sua vida: a juventude, a maturidade e a velhice. De uma maneira aproximada, a primeira etapa vai dos 15 aos 25 ou 30, a segunda dos 25 aos 45 ou 50 e a terceira dos 45 ou 50 até a morte.

Na juventude, a mulher pode se permitir certas liberdades e exageros, mas tudo nos devidos limites. Nesse período, são bem próprios os vestidos de saias largas, confeccionados em tecidos leves e vaporosos, os acessórios de cores vivas, os chapéus de grandes abas transparentes e os detalhes juvenis e graciosos. Antes dos vinte anos, são porém inadéquados os vestidos muito justos, com drapados e franjidos ousados, que só são permitidos às mulheres completamente formadas. É quase chocante ver-se uma garota de 16 anos, mal desabrochada ainda, usando vestidos exageradamente sofisticados, chapéus com plumas e "diademas", o rosto quase irreconhecível por baixo da excessiva pintura. Tem-se imediatamente a impressão de uma criatura prematuramente envelhecida ou de uma criança brincando de gente grande.

Na maturidade, a mulher pode vestir-se com mais liberdade, sem deixar de ser elegante, desde que preste a devida atenção à sua silhueta física. Apenas, não deve abusar dos modelos juvenis em demasia. A mulher madura pode usar todo e qualquer tipo de fazenda, saia larga ou saia estreita, movimentos ousados ou discretos, tudo de acordo com a moda, com o físico e sobretudo com os gostos pessoais.

Na idade mais avançada, enfim, a mulher deverá vestir-se com o máximo de discrição, procurando evitar as cores vivas e os modelos rebuscados. Deve evitar também as jóias muito coloridas, os sapatos de salto muito alto, os cintos muito largos, as flores muito exageradas, dando preferência às jóias brancas ou de pérolas, os sapatos de salto médio, os cintos de pouca largura, as flores pequenas e singelas. Nada mais triste do que ver-se uma mulher idosa, que procura ingenuamente esconder o trabalho implacável dos anos por meio de recursos artificiais, trajando de uma maneira, que seria elegante e graciosa numa mulher jovem, mas que nela se torna grotesca e ridícula...



Doris Day, da Warner, apresenta um conjunto em "seersucker" composto de um vestido sem alça, com saia franzida, e um "manteau" amplo, abotoado na frente. Cinto de couro. — Manequim 46, moldes de 7 a 15.

Os moldes encontram-se no Suplemento anexo.

Modelo de Hannah Troy, em seda estampada. Decote amplo, sublinhado por uma barra franzida de "chiffon". Saia godê. — Manequim 40, moldes de 16 a 19.



1 MARILYN SALOMÃO — (Belo Horizonte) — Para o seu vestido de chiffon azul, desenhamos este modelo, com drapeados em "X" no busto e nos quadris. Saia godê franzida, com anáguas armada.

2 ANGELA MARIA — (?) — Vestido de baile em "tulle" preto. Saia em várias camadas, e três ou quatro ordens de babados plissados no busto.

Seja uma das primeiras!

Durante uma temporada especial a Sra. poderá adquirir a sua **ELNA - SEM ENTRADA INICIAL**. Seja uma das primeiras a inscrever-se no nosso plano de pagamento oferecido pela ELNA. Visite uma de nossas lojas e peça uma demonstração sem compromisso.



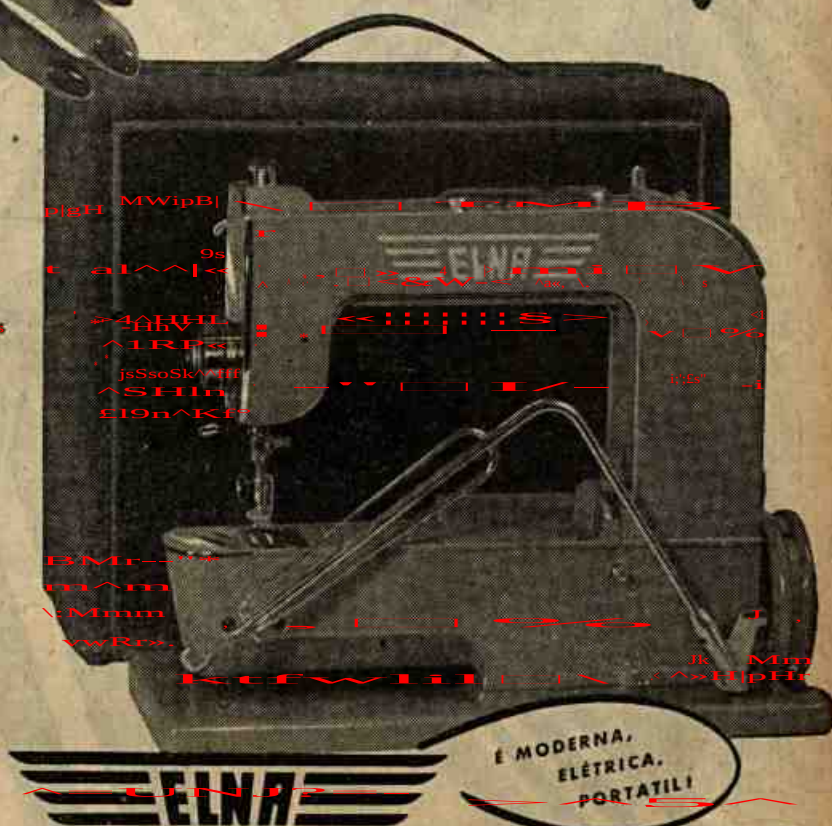
O "Bico Uve" serve a bordo sem acessórios.



A luz embutida lhe permitirá costurar a qualquer hora.



ELNA costura qualquer tecido fino ou grosso.



É MODERNA,
ELÉTRICA,
PORTÁTIL

COMPANHIA DE MÁQUINAS ELNA DO BRASIL

Rio de Janeiro Av. Caldeiras, 23 - Tel. 32-6642
 São Paulo Rua 7 de Abril, 248 - Tel. 34-8151
 Belo Horizonte Rua Tamoios, 90 - Tel. 2-1930
 Porto Alegre Rua dos Andrajes, 1538 - Tel. 9-1643
 Recife Rua da Concordia, 143
 Curitiba Rua Barão do Rio Branco, 41 - sala 525 - Tel. 4174
 Juiz de Fora Rua Marechal Deodoro, 385 - sala 103 - Tel. 1636
 Santos Rua João Pessoa, 16 - 4º andar - Tel. 2-7458
 Salvador Ed. Sul América - Trav. Bonifácio Costa, 2 - salar 513/515

Solicite-nos sem compromisso uma demonstração de ELNA em sua residência.

Nome: _____
 Endereço: _____ Tel.: _____
 Cidade: _____
 Estado: _____

1 MADAME LEONGE — (DF) — Para sua filha, que é magrinha, eis um modelo juvenil vaporoso, em organza. Blusa chemisier plissada. Fanta saia rodada. Cinto e botões em verniz preto.

2 DALVA MARIA — (DF) — Eis o vestido de noiva, tipo monge, que nos pediu. Mangas compridas de punhos longos e decote alto drapado. "Corsete" justo, em panos, que se abrem numa saia bem ampla, com ligeira cauda.





1 CONCEIÇÃO PARECIDA CORREIA — (DF) — Vestido em "faite", com recortes em ângulo, que limitam bolsos embutidos. Decote fechado por uma fileira de botões pequenos.

2 ALBERTINA CATUZZO — (Sorocaba — SP) — Modelo em "mousse", com movimentos drapeados no busto e nos quadris. Notar que o drapeado dos quadris faz corpo com o godê das costas da saia, que se prende na costura lateral. Para que a frente da saia se mantenha justa, é preciso colocar por baixo do godê, um pano mais ordinário como se fosse uma sob-saia, prendendo a frente.

3 NEYDE MARTINS — (DF) — Em surah com "pôs" este vestido é guardado por um viés branco no decote, combinando com as abas dos bolsos aplicados na saia enviesada.



Gil Brandão
Rio

- 1 YARA LINS — (Recife — Pe) — Vestido em shantung, com o corpo plissado ou nervurado, num efeito de bolero.
- 2 ARANI LINS — (DF) — Vestido de organza azul, cujo amplo decote deixa ver um peitinho de pragas religiosas estreitas, efeito este que se repete na barra da saia larga.
- 3 ROBÉLIA PINTO — (Ilhéus — Bahia) — Vestido de seda pesada, com uma "écharpe" em cetim listrado, que obliquamente se prende a um recorte da saia, depois de cruzar a blusa.
- 4 TITY AZEVEDO — (Petrópolis) — Modelo em linho, com abas cruzadas na saia e viéses brancos no decote e nas mangas japonesas.



1

1 LILIA MENDEZ — (Livramento — RGS) — Modelo em shantung, de mangas japonesas rebatidas, formando abas. Frente abotoada.

2 SILMA TERESINHA S. BASTOS — (Caxias) — Vestido de linho, com grande gola aberta. Bolsos aplicados na parte superior da saia, abaixo da qual desce um largo babado pregueado. Botões cobertos.

3 THEREZINHA CERQUEIRA — (J. de Fora — MG) — Vestido inteiramente plissado, com exceção da pala. Frente abotoada.

4 MADAME MARQUES — (DF) — Este vestido de linho tem um acentuado trespassse com dupla fileira de botões. Bólo aplicado sobre um dos lados da saia.

4



2

3



1 Blusa em cambraia de linho, guarnecida de pregas e de renda. Uma "écharpe" de gaze colorida prende a gola de renda junto ao pescoço.

2 Blusa em popeline, com mangas-raglan curtas. Recortes oblíquos que limitam bolsos em fenda. Gola fechada e botões cobertos.

68 Brandão
Rio



Grandes bolsos triangulares guarnecem esta blusa sem mangas em "toile" de seda. Franzi-dos nos ombros e golinha alta.

Blusa sem mangas em shantung, frente pregueada e decote fechado por uma gola estreita. Botões fantasia.



3 Blusa em algodão listrado. Mangas três-quartos com punhos. Frente com três pregas abotoadas com originalidade. Laço e botões brancos.



4 Blusa de linho, guarnecida de nervuras e com uma gravatinha de tafetá de "pois", fechando a gola alta.



1 MARIA GERALDA F. FARIA — (Piqui) — Vestido em shantung, abotoado lateralmente. A barra da saia e das mangas é forrada e pespontada.

2 DIVA CHARO GONÇALVES — (Jaraguá do Sul) — O decote deste modelo, fechado por um botão, pode ser aberto, formando gola. Avental plissado ou pregueado tem uma dasque, que forma as abas dos bolsos aplicados na frente da saia.

3 MARIA JOSÉ MOTTA — (Campos — SP) — Modelo em panamá de bolas brancas, decote recortado. A saia caídos.

4 HERMINIA TEIXEIRA FABRICIO — (DF) — Vestido de linho, decote triangular e abas na saia, de onde partem pregas.

Quando se fala em

contacto que é uma carícia...

você compreende logo que se trata de

LINGERIE

Valisère



Tecido indismantável
Corte individual rigoroso

... e a toilette estará completa com Meias Nylon Rhod

PANAX - Casa de Amigos

1 Rendas e nervuras enfeitam o corpo deste vestido para mocinha. Em surah com "bola", na saia, pregas sem passar.

2 Modelo em piquê ou tussor. Empregar o mesmo tecido para os alamares que enfeitam o bolso e a gola dupla.

3 Muito juvenil, também, este vestido em piquê ou "toile". As pequenas lapelas, no mesmo tecido estampado e liso, mas de cor contrastante, lembram a barra que enfeita a saia.

4 Em tecido de algodão quadriculado, com enfeites de piquê branco, e quatro botões fechando a parte da frente do corpo.

5 Foi escolhido o piquê branco para enfeitar este lindo vestido em fazenda de algodão listrado; botões realçando os bolsos e a saia.



2



3



4



7



5

método FON - FON de corte e costura

LICÇÃO V

Utensílios de costura

(Conclusão)

MESA DE CORTE

A mesa de corte é um elemento de grande importância para o resultado perfeito do trabalho. Quem não tiver uma mesa adequada para costura, poderá utilizar uma tábua de comprimento regular ou uma mesa com dobradiças, que pode facilmente ser guardada em qualquer lugar. A mesa também é útil para dispor as diversas partes de um vestido, à proporção que se vai cosendo, a fim de poder observar-se o efeito final do trabalho.

PANO E BACIA AUXILIAR PARA PASSAR — FERRO DE PASSAR

O ferro de passar é importantíssimo não para o corte, mas sim para a costura perfeita. Toda costura em definitivo deve ser imediatamente aberta no ferro, mesmo antes do vestido ficar pronto. Uma aba, uma gola, uma lapela, já deve estar previamente acabada, bem batida no ferro, antes de ser pregada em definitivo no vestido. E isto se compreende, pois é muito mais fácil bater a ferro, uma costura ou uma peça qualquer do vestido, quando ainda está isolada, do que depois de costurada. E além disso, a costura feita numa fazenda bem lisa, fica mais pura, mais correta, sem franzir a fazenda.

Por esta razão, enquanto se cose, deve-se ter sempre à mão uma bacinha cheia d'água, com uma esponja ou paninho, bem como um pedaço maior de pano macio e limpo, para proteger a fazenda que é passada a ferro.

O pano úmido ajuda muito, sobretudo quando a fazenda é difícil de ser passada a ferro. Quanto a este último, o melhor é o elétrico. Aquece rapidamente e conserva o calor.

Como as costuras devem ser passadas úmidas, é preciso adaptar ao ferro um cordão de borracha, pois os cordões comuns não suportam a umidade.

TABUA DE PASSAR

Enquanto se costura, deve ser posta sempre ao alcance da mão, uma tábua de passar bem forrada.

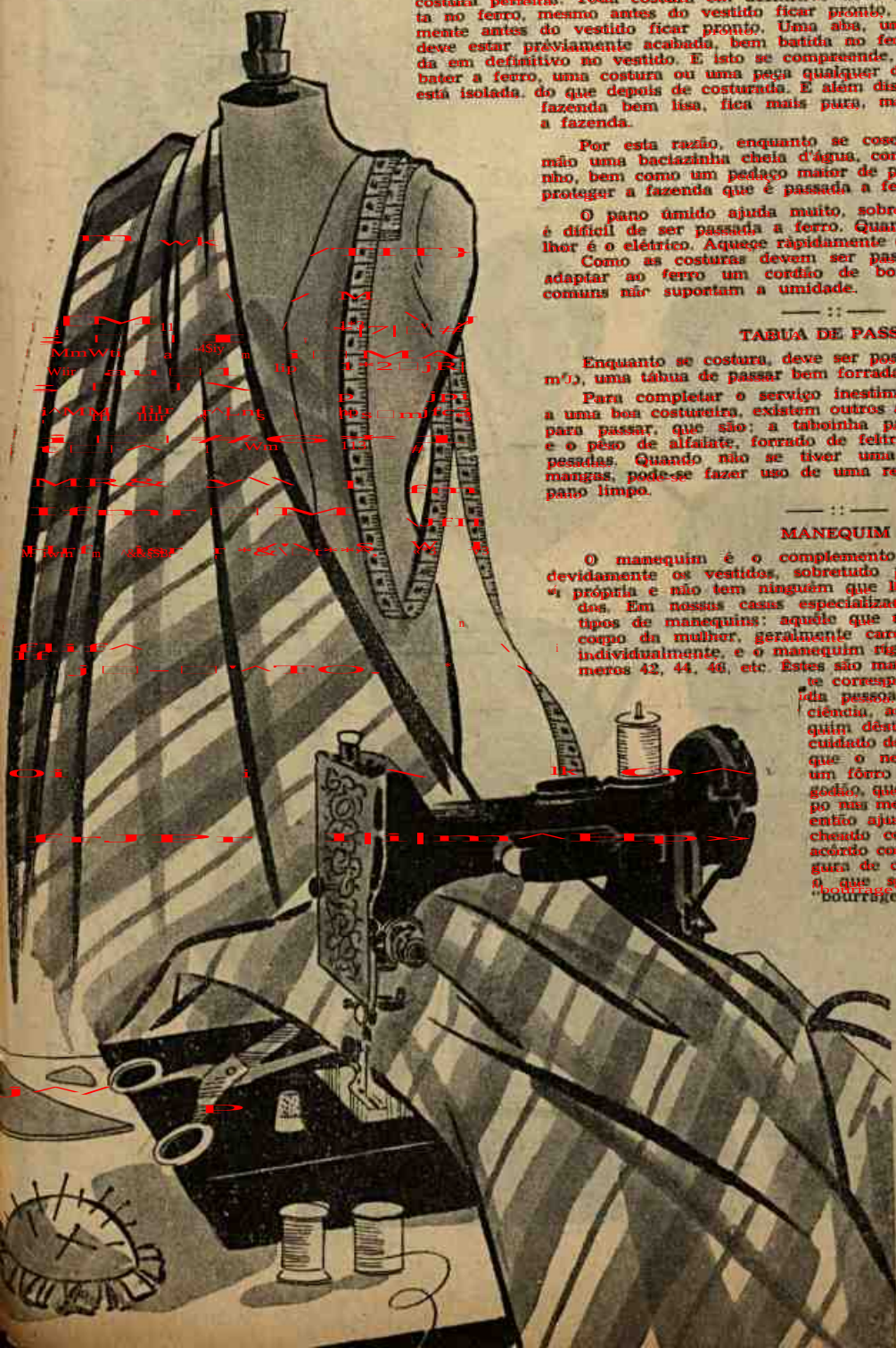
Para completar o serviço inestimável que o ferro presta a uma boa costureira, existem outros acessórios indispensáveis para passar, que são: a taboinha para mangas, a almofada e o peso de alfaiate, forrado de feltro, para as costuras mais pesadas. Quando não se tiver uma taboinha própria para mangas, pode-se fazer uso de uma revista grossa, envolta em pano limpo.

MANEQUIM

O manequim é o complemento essencial para acertar devidamente os vestidos, sobretudo para quem costura para si própria e não tem ninguém que lhe experimente os vestidos. Em nossas casas especializadas existem apenas dois tipos de manequins: aquele que reproduz integralmente o corpo da mulher, geralmente caro, só podendo ser usado individualmente, e o manequim rígido, que obedece aos números 42, 44, 46, etc. Estes são mais baratos, mas, raramente correspondem às medidas exatas da pessoa.

Para corrigir tal deficiência, ao se comprar um manequim deste último tipo, tenha-se o cuidado de pedir um número menor que o necessário. Faça-se depois, um forro de fazenda grossa de algodão, que reproduza o próprio corpo nas medidas exatas. Este forro é então ajustado ao manequim e recheado com pasta de algodão, de acordo com as peculiaridades da figura de cada uma. Este processo é o que se chama na França de "bourrage" do manequim, processo este, indubitavelmente de grande valor prático.

Tendo sido comentados os utensílios de costura mais importantes, chegamos ao fim do assunto na lição de hoje. Na próxima semana, trataremos da passagem dos moldes para a fazenda com alguns conselhos práticos sobre o início correto da confecção de um vestido.



1 ILZA OLIVEIRA — (Recife —
Pe) — Duas-peças em lã azul-
marinho. A frente do ca-
saco forma duas lapelas que se
prolongam pela basque. Busto
interno sem alças, com um pei-
tinho de fustão branco.

2 LOURDES CARVALHO — (Ja-
guara) — Em fustão é este ves-
tido amplamente decotado, com
recortes, que, na saia, formam
uma espécie de avental.

3 SUZI GIMARAES — (?) — Ves-
tido em pratala, guarnecido de
abas pratas, que, na blusa, imi-
tam uma gravata. As costuras
da saia terminam em pregas
abotoadas.

3

Gil Brandão
R90



1



2



DETALHES DE COSTURA

PARA GESTANTES

Este vestido, muito simples de ser executado, apresenta um "ampleur" folgado, que convém sobretudo às mulheres que estão à espera da cegonha. Deve ser realizado em tecido leve, liso ou estampado, bem próprio para o verão.

As costas são modeladas pelas costuras laterais e por duas pecees. A frente é talhada numa só peça, franzida no decote e presa na cintura por um cinto mole, fixo sob o vestido, nas costas, e deslizando através de duas fendas abertas nas costuras laterais. Tal disposição permite regular a cintura à vontade.

As mangas bufantes completam a graciosidade deste modelo, que não é apenas próprio para gestante, como também para as mulheres magras, de busto pequeno.





1—Vestido em crepe bege queimado, com pespontos na barra da saia e na pala.

2—Calsinha de veludo verde com blusa de pregas e recortes para menino de 3 a 4 anos.

3—Vestidinho em "faite" rosa sêco com enfeite de nervuras que se prolongam em pregas.

4—Vestido em Tafetá azul pastel com enfeites de festão branco.

5—Vestido em fazenda pesada escura com "guipure" branco alegrando o conjunto.


Baby

Os mais lindos
modelos

Os melhores
artigos

RUA DO OUVIDOR, 141 — RIO



TRICOT

Vestido para menina de dois anos



Este vestido é composto de saia e blusa.

Material necessário — 250 gr de lã azul royal e 50 gr de lã branca. 1 par de agulhas número 3.

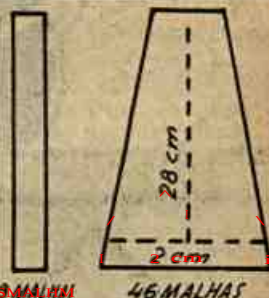
Execução — Esta saia se compõe de 10 panos executados em azul royal em ponto de jérsei unidos entre si por uma tira executada em linha branca e também em ponto de jérsei que se unirão com agulha de bordar.

Panos da saia — Para os panos da saia montam-se 46 malhas faz-se uma orla de 10 carreiras que se fará em ponto de arroz que se obtém fazendo uma malha em tricot e outra em meia até o fim da carreira e no avesso onde for tricot fazer meia e onde for meia fazer tricot, esta orla depois de pronta se virará para dentro e servirá de bainha. Continua-se a trabalhar em jérsei e vai-se diminuindo 1 ponto de 4 em 4 carreiras até alcançar 28 cm, onde se fará 2

carreiras de cordões de tricot que se obtém fazendo todas as malhas no direito e no avesso em tricot, depois destas 2 carreiras faz-se um passador para o cordão (2 pontos juntos, 1 laçada, 3 pontos de tricot, 2 pontos juntos, 1 laçada, 3 pontos de tricot, assim até o fim da carreira e no avesso trabalhar todos os pontos em tricot). Fazer para terminar 3 carreiras de cordões de tricot.

Tira branca — A tira branca se obtém montando-se 8 malhas em lã branca, que se trabalham retamente até se obter uma altura total de 33 cm. Fazer 10 tiras iguais.

Montagem — Passar a ferro sob um pano úmido todas as partes do trabalho, depois uma com agulha de bordar um pano azul, uma tira branca e assim sucessivamente até emendar as 10 tiras brancas e os 10 panos azuis. Fazer um cordão de lã



branca que se enfiará no passador e terminará em um laço. B.S.L.U.S.A

Material necessário — 100 gr de lã branca, 1 par de agulhas n. 3, e 4 botões.

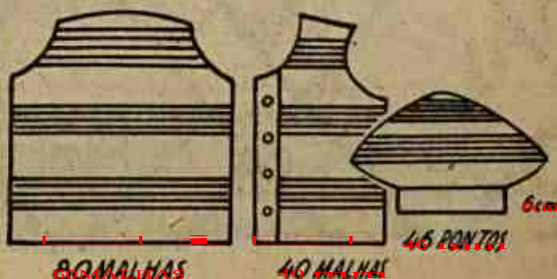
Pontos empregados — Jersey, tricot no avesso e meia no direito.

Cordões de tricot — Todos os pontos no avesso e no direito em tricot, em todas as carreiras.

Execução — Frente direita: Montar 40 malhas e trabalhar 2 cm em tricot, que viraremos para dentro e será a bainha.

Trabalharemos em jersey 40 carreiras, fazemos aí 10 carreiras de cordões de tricot, 30 carreiras em jersey, 10 carreiras de cordões de tricot, 10 carreiras de jersey, onde começaremos as cavas, rebatendo 8 malhas da seguinte maneira: 3

(Conclui na página 45)



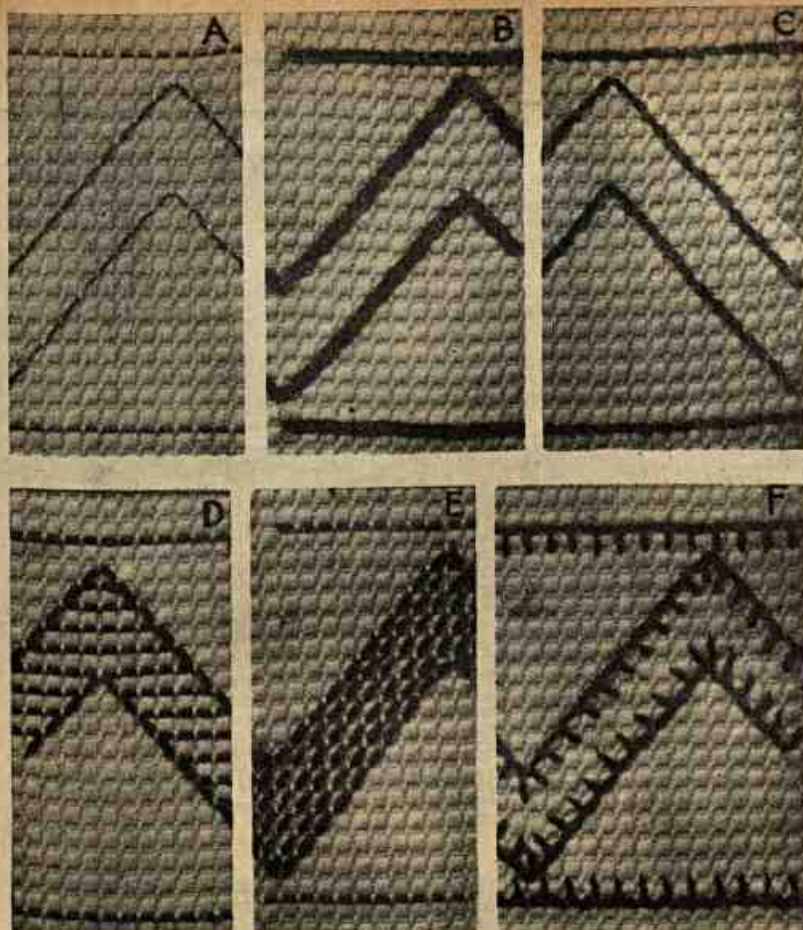
Uma coberta para carrinho de criança

E SEIS MANEIRAS DE BORDA-LA, SOBRE PIQUÊ FANTASIA

O jogo compõe-se de coberta e fronha. Fustão liso ou (casa de abelha). Linha Mouliné especial D.M.C. (Art. 117) n. 25, em Azul 312.

De uma sobriedade elegante este bordado combina admiravelmente com a carroceria azul-marinho, de frisos brancos, muito em voga atualmente.





Variantes: — 1.º — Fundo de linho azul-lavanda. Bordado em Mouliné especial D.M.C. (Art. 117) n. 25 Branco-neve ou Azul 312.

2.º — Fundo de linho marinho. Bordado Mouliné especial D.M.C. (Art. 117) N. 25, Branco-neve.

Descrição do trabalho. — Em redor da fronha: barra cujo ângulo é mostrado em tamanho natural nesta página. Sobre a coberta: mesma barra; no centro, jogo de fundo formando losângos. Encher de algodão e forrar com crepe da China.

Detalhe dos pontos. — Começar traçando o desenho, tomando por base os motivos do pique para se orientar. É impossível desenhar os motivos sobre o pique pois as linhas sairiam tortas, não podendo acompanhar as casas de abelha ou os quadrados de fundo. Trabalhar com um fio apenas de Mouliné especial D.M.C. Agul 312.

FIG. A — Segue-se então esse traçado, fazendo sobre ele o ponto de bordado que se preferir.

1.º — Ponto de haste. Como o modelo fotografado na página anterior. Empregar três fios.

2.º — Ponto de cadeia (fig. B) com três fios.

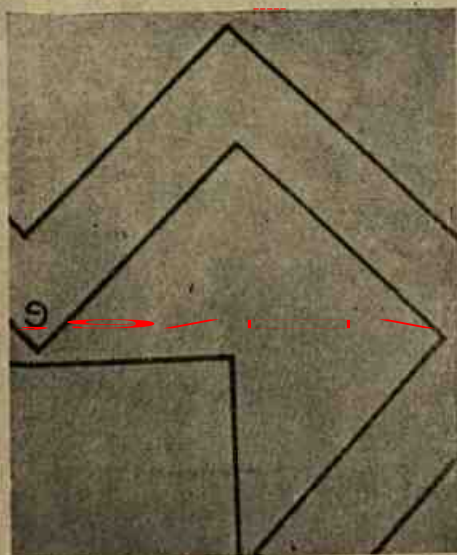
3.º — Ponto de alinhavo (fig. C) com quatro fios.

4.º — Ponto horizontal (fig. D) com três fios, para o contorno e o enchimento dos motivos.

5.º — Ponto horizontal e enviesado (fig. E) para o enchimento, com três fios.

6.º — Enfim, o ponto de fecho espaçado, que é de rápida execução. Borda-se com três ou quatro fios.

O motivo formando o ângulo da barra é dado na fig. G.



VESTIDO PARA MENINA DE 2 ANOS — :: — (Conclusão)

malhas, 2 malhas e 3 vezes 1 malha, trabalhar mais 30 carreiras em jersey, começar o decote, mais 20 carreiras em cordões de tricô, mais 10 em jersey e formar o ombro, que se rebatem as malhas em 4 vezes.

Decote — Do lado oposto da cava arrematar 4 malhas, 3 malhas e uma malha até o fim.

Frente esquerda — Igual a frente direita.

Tiras centrais — Montar 6 malhas trabalhar em cordões tricô fazendo a primeira casa a 1 cm do início, para abrir cada casa, arrematar 3 malhas após haver tecido as 2 malhas da beirada e tricotar ainda 1 malha. Na carreira seguinte remontar as 3 malhas fechadas no mesmo lugar.

Fazer ainda 3 casas com o intervalo de 5 cm.

Costas — Montar 80 malhas. Tricotar os 2 cm da bainha trabalhar em seguida 40 carreiras em jersey, 10 carreiras em cordões de tricô, 30 carreiras em jersey, 10 carreiras de cordões de tricô e mais 10 carreiras em jersey onde começaremos as cavas rebatendo 8 malhas da seguinte maneira: 3 malhas, 2 malhas e 3 vezes 1 malha trabalhar mais 30 carreiras em jersey mais 20 carreiras em cordões de tricô e mais 10 carreiras em jersey e dividir o trabalho em 3 partes, que serão as duas dos dos extremos dos ombros e a do meio do decote das costas. Trabalha-se primeiro um ombro que se rebatem os pontos em três vezes trabalha-se o decote e faz-se o outro ombro igual ao primeiro depois dos 2 ombros prontos arrematam-se os pontos do decote de uma só vez.

Manga — Monte 46 pontos e tricote 2 cm em gaita (1 tricô, 1 meia). Continue em jersey durante 20 carreiras aumentando 1 ponto de cada lado. Quando tiver 6 cm começa-se a diminuir um ponto de cada lado. Depois das 20 carreiras de jersey faz-se 10 carreiras de cordões de tricô, 20 carreiras de jersey e mais 10 carreiras em cordões neste ponto das diminuições só devem ter sobrado umas 10 malhas, que se arrematam de uma só vez.

Gola — Nas agulhas n. 3. Monte 66 pontos e tricote 5 carreiras em cordões de tricô e continue durante 5 cm em jersey, aumentando então 1 ponto em cada lado de 2 em 2 carreiras.

Montagem — Passe a ferro e uma a uma coza-as. Pregue os botões.

PRONTAS PARA A LUTA

UMA CHAMA DE ENTUSIASMO E DE IDEALISMO ENVOLVE AS NOSSAS DOUTORANDAS — NENHUMA REPRESENTANTE FEMININA COLA GRAU ESTE ANO NA ESCOLA NACIONAL DE ENGENHARIA — EM COMPENSAÇÃO, ELAS SUPERAM NUMERICAMENTE OS HOMENS NA FACULDADE NACIONAL DE FARMÁCIA, NA FACULDADE NACIONAL DE FILOSOFIA E NA ESCOLA NACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS

Reportagem de ROBERTO LOBO

A mulher invade o âmbito profissional de modo definitivo. De ano para ano se nota um percentagem cada vez maior do elemento feminino nas ortas antes dominadas exclusivamente pelo homem. E de tal ordem e essa majoração percentual, que se tem a impressão de que a mulher procura recuperar, as pressas, os longos séculos passados nos limites dos afazeres domésticos, os únicos condizentes com a sua natureza, de acordo com as idéias de então. Vejamos as percentagens alcançadas pela mulher, entre os doutorandos deste ano, em oito dos principais estabelecimentos de instrução superior:

Faculdade Nacional de Odontologia — 40%; Faculdade Nacional de Filosofia — 70%; Escola Nacional de Educação Física e Desportos — 90%; Faculdade Nacional de Farmácia — 70%; Faculdade Nacional de Arquitetura — 11%; Faculdade Nacional de Medicina — 12%; Faculdade de Direito do Rio de Janeiro — 3%; Escola Nacional de Química — 20%.

Na Escola Nacional de Engenharia não cola grau este ano nenhum aluno do sexo feminino.

As percentagens citadas, todavia, se referem apenas aos diplomados em 1951, pois, conforme estamos informados, há tendência para um substancial aumento nos próximos anos. A própria Escola de Engenharia, por exemplo, deverá contar em 1952 com um número razoável de engenheirandas.

No trabalho para compor esta reportagem, FON-RON obteve a confirmação de que a mulher não procura os altos domínios da ciência e da cultura por simples snobismo, nem por vaidade, nem tampouco por uma tendência à masculinidade. FON-RON sentiu nas doutorandas, a par de uma feminilidade absoluta, quase orgulhosa do sexo, um desejo ardente de desempenhar, em suas profissões, um papel de nítida utilidade social. Sentiu nelas a pulsão de espíritos idealistas, impregnados de uma vocação viva, que anseiam por colaborar, dentro de suas especialidades, na melhoria da pessoa humana.

E pois as médicas, as químicas, as professoras, as farmacêuticas, as dentistas, e a toda essa pleiade de moças talentosas, que se lança no terreno profissional, que FON-RON presta a sua homenagem mais entusiástica e expressa os seus votos mais sinceros pelo êxito de suas carreiras.

A esquerda — A química, Maria Cloris de Araújo, Cearense. Diz que acredita serem iguais as possibilidades do homem e da mulher no campo de sua profissão. Vê na Química um dos setores mais importantes para o desenvolvimento do Brasil. A direita — A professora, Luis Myriam C. de Andrade. É carioca. Primeira aluna do curso de Línguas Neo-Latinas. Tencionava dedicar-se ao ensino do Português. Acha que o professor deve ser, antes de tudo, um educador. Sua vocação se deriva do seu gosto pela literatura.



A arquiteta Esmeralda A. de Oliveira Pena. É paulista, de Campinas, e acha que existe certa prevenção contra a competência da mulher no terreno da arquitetura. Preconceito sem base, diz ela, e aí estão os professores da Faculdade para confirmar o que digo.



A esq. — A advogada, Carolina Sotto Mayor. É carioca e pretende dedicar-se à defesa da mulher no setor trabalhista. Conhecida artista dramática de nossos palcos, diz que devotará à advocacia o mesmo idealismo que sempre devotou ao teatro. A dir. — A dentista, Sara Ita Bergher. É carioca e vai dedicar-se à Clínica Cirúrgica. Acha que sua carreira oferece o mesmo campo para ambos os sexos. Na pediatria odontológica, declara ela, o terreno até parece mais favorável a nós.

A esquerda — A farmacêutica, Margarida Adelaide Duarte Moreira. É carioca, de Santa Teresa. Tem vocação atávica pela carreira. Substituirá sua mãe na farmácia de propriedade da família, fundada pelo seu tio-bisavô. Crê fervorosamente eficácia terapêutica homeopática. No centro — A médica, Vera Lolita Stamer. É carioca. Vai dedicar-se à Neurologia. Reconhece haver certa prevenção contra a capacidade médica da mulher e por isto, diz ela, somos obrigadas a estudar mais que os homens, a fim de se poder anular essa má vontade. A direita — A professora de educação física, Lydia Martins dos Santos. Carioca, de Vila Isabel. É a oradora da turma, declara que seguiu essa carreira por considerar a educação física a mais eficiente escola para a formação do caráter. A preparação do professor é rígida, do ponto de vista moral.



Uma Cidade Que Procura



O jardim da infância é um encanto. Aí as crianças, em seus aventalinhos brancos, vêem livros de figuras, brincam com lápis de cor, fazem a merenda e ... quando não estão contentes vão passear pelo pátio.

QUEM atinge o Centro Social do IAPC, em Coelho Neto, vindo da Pavuna, como aconteceu conosco, tem a primeira impressão que tem é a de ordem e a de limpeza. As casas alinhadas simetricamente não são novas, mas estão bem conservadas. As ruas impecavelmente limpas. E nelas, poucas pessoas. Nenhum moleque, nenhum desocupado bem trajado, como em tantos bairros elegantes do Rio, ou maltrapilhos a implorar a car-

idade pública. Mas há vida, vida familiar. Por trás das cortinas das janelas percebe-se a faina doméstica. No grande prédio do "Serviço Social" vamos encontrar, então, as crianças. Mas que é que as crianças estão fazendo aí?

Bem, entre outras coisas as crianças estudam, isto é, algumas turmas do ginásio. Mas não estudam apenas. Nos grandes pátios e nas amplas salas elas (as crian-

Os trabalhos em madeira, que os meninos executam em suas horas de folga e após as aulas num dos colégios do "Centro", são assistidos pelo mestre especializado, que os anima, os orienta e estimula cuidadosamente. No auditório, as crianças cercam a assistente-social, D. Cecília Hora, que com elas discute um problema em absoluto pé de igualdade. Democráticamente querem saber: cuida-se de galinhas ou se brincar de barra?



Resolver Um Mundo De Ansêios

O CENTRO SOCIAL DE COELHO NETO
MODELA OS CIDADÃOS DO FUTURO

Texto de J. BANDEIRA NERY

ONDE SE DEMONSTRA QUE O TRABALHO
REALMENTE, ENOBRECE E DIGNIFICA

Fotos de MOZART

cas de ambos os sexos, cuja idade varia de três anos até ... passam a adultos) têm suas agremiações, umas infantis outras de adolescentes. Ali estão o Grêmio Esportivo, o Clube Avícola, isso para os meninos, e para as meninas a Colmeia. Então — como já nos dizendo — as crianças têm recreação, praticam esportes, dedicam-se à música, ao teatro, à dança, aos trabalhos manuais que vão desde os de agulha até aos trabalhos em madeira ou à criação de galinhas (que merece a especial ternura da Assistente-Social D. Cecília Hora).

Ao ver-se tudo aquilo fica-se pensando: realmente a situação da Capital do país exige dos homens de boa vontade e dos que assumem a responsabilidade de instituições como o IARC, do sr. Henrique La Roque, por exemplo, uma dedicação e uma capacidade de trabalho extraordinárias no sentido de encontrar soluções adequadas para os problemas sociais, que se vão apresentando com o desenvolvimento da cidade.

A vida prática, nas suas contingências tantas vezes cruéis, não admite, nem se pode perder, em discussões teóricas. O Centro Social do IARC, em Coelho Neto, a frente do qual está a Assistente-Social, D. Hailil Prado, é, assim, antes de mais nada, uma resposta objetiva aos interesses da coletividade.

Felizmente, registamos a colaboração eficiente e sempre pronta dos altos funcionários, como a do dr. Laís Lago Araújo, que se descobre a fim de que o ritmo dessa grandiosa obra não sofra a menor solução de continuidade.

Aí tenta-se a reforma social de um grupo através desse movimento, que representa também o espírito evoluído de nossa época, procurando-se, sem dúvida, a integração do indivíduo no seu lugar justo em proveito próprio e no benefício da comunidade, a qual procura obter dele a maior contribuição que pode oferecer, na associação com os outros.

Os filhos dos comerciários, que aí brincam, aí estudam, aí se educam e aí crescem, constituem uma verdadeira reserva de valores humanos na qual podemos depositar nossas esperanças de um futuro melhor para o próprio país, que com ela toma vulto e progride e alcançará o merecido lugar de relevo no cenário mundial.



Através do ritmo de nossas danças folclóricas disciplinam-se as crianças e se lhes dá o senso do trabalho em equipe, cujos resultados são tão vantajosos para a coletividade e para elas próprias no futuro.

Brincando de roda alegremente as meninas da "Colmeia" recebem também os conselhos e ensinamentos da assistente-social, que com elas confraterniza e assim tem mais facilidade de ser compreendida e entendida.

Desde cedo as filhas dos comerciários ali residentes aprendem os "mistérios" da culinária, preparando gostosos doces, que levam para suas casas ou oferecem às visitas, como aconteceu a reportagem de FON-FON.



noite, em todos os estábulos da ilha, os animais se ajoelham e fazem a adoração.

Essa antiga crença, nas ilhas anglo-normandas, durava havia séculos, pelo menos no coração dos camponeses e das crianças.

— O que seria divertido, disse Colin, seria ver, à meia-noite, que é que acontece.

— Não! exclamou Jacqueline horrorizada. Mas, Colin, tu bem sabes.

— Que é que eu sei?

— Se um ser humano, à meia-noite, olhar para os animais, cairá morto.

Como se fossem adultos intelectuais e superiores, caíram na gargalhada, exceto Colette, na verdade muito pequenina aliada para fazer córa com os espíritos fortes. Os animais também não riem. Lupin e Matilde, lançando uma olhadela por cima do ombro, soltaram um relincho. Alberto, erguendo a cabeça, pôs-se a zurrar.

— Que é que há com ele? inquietou-se Colin. Até parece que é o dono da fazenda.

— Na véspera de Natal, os burros ficam muito importantes, é coisa sabida, informou Péronelle. Vocês compreendem, foi um burro que levou nas costas a Santa Virgem quando ela ia para Belém.

— Que será que esse simpático Alberto fará esta noite, à meia-noite? sonhou Colin. Depois, súbitamente irritado: — é uma bobagem esta tua história da gente cair morta. Vamos voltar quando soar a meia-noite e ver.

— Eu preferiria que fosse depois da meia-noite, disse Péronelle. Para que correr riscos inúteis? Mas quanto a essa coisa de cair morta, acho que isso não quer dizer nada, estamos de acordo!

Michelle, endireitando os óculos, disse:

— Já temos bastantes lanternas. Deve ser a hora do chá. Venham.

A sua voz afirmava despreocupação, mas com Michelle a gente nunca podia ter muita certeza. Acrescentou de repente, com o tom de gente grande que ela quase que era:

— Onde está Colette?

As beterrabas tinham-nos absorvido a tal ponto que nem tinham notado que Colette os deixara. Viram-na numa mangedoura, que enchera de feno fresco e decorara de flores secas e de farelo de alfarroba. Empoleirara-se no feno da mangedoura. Amontava-o com as gordas munhecas e com os joelhinhos rechonchudos, de modo a formar um ninho no centro. Os últimos raios do sol tombavam-lhe em cheio em cima. Iluminavam o seu vestidinho azul e pareciam inflamar-lhe os cachos de ouro.

— Parece um platarraxo preparando o ninho, disse Péronelle.

— Parece um querubim, disse Michelle.

Michelle sentiu uma dor no coração, pois que amava acima de tudo a

MEIA-NOITE NO ESTABULO

(Continuação)

sua irmãzinha e, apesar dos seus óculos e do seu ar impenetrável, temia vê-la levantar o voo para o céu.

Mas Colin mostrou-se positivo. Vociferou:

— A hora do jantar, Colette!

O rosto da boneca de Colette apareceu por sobre a borda da mangedoura.

— Que é que há para o jantar?

— Pães de leite, disse Colin.

— Torrados, disse Jacqueline.

— Foi Mamãe que disse. E panquecas.

Panquecas! As panquecas eram doces especiais da ilha. Colette adorava-as. Rolou por cima da mangedoura. "Meu Deus!" murmurou Michelle. Mas Colette era um verdadeiro querubim. Sem se ter machucado, rolou, como um barril, até a porta.

— Venham! gritou ela para os outros, erguendo-se na ponta dos pés para fechar o trinco. Panquecas! Venham!

Seguiram-na, levando os risos e a

excitação através do pátio até a casa. A lampada já estava acesa na cozinha. A caldeira cantava no fogão.

O silêncio era profundo e silencioso. Em profunda calma, em que o frufrú do feno e o ritmo da respiração dos animais palpitavam docemente como o coração do mundo.

São momentos assim que justificam a vida", pensava Raquel Le Rocq, suspendendo o bule de prata nas belas mãos.

Passou os olhos ternamente pelas cabeceiras de seus cinco filhos e foi encontrar o olhar de André, seu marido. Raquel e André estavam sentados um diante do outro na mesa da cozinha. André leu, nesse olhar, os pensamentos da mulher. Fez-lhe um aceno com a cabeça. Formavam um par simpático. Raquel, bela, alta, vistosa, tinha uma cabeleira escura, enrolada em diadema, e uns olhos negros cujo brilho indomável nada jamais diminuiria. André, magro, barbado, pessimista, idealista, sonhador. Perdoava-se-lhe, de boa vontade, na família, a falta total de senso prático à vista do seu desinteresse.

Os olhares unidos de André e sua esposa percorreram ternamente a sala onde se haviam acumulado a alegria e a paz de umas trezentas vésperas de Natal. As achas queimavam alegremente na vasta lareira prolongada, ao fundo, pelo forno imbutido na parede e emoldurado de envasamentos de pedra. O fogo lançava a sua luz dançante no teto emadrelado, na "junqueira", que é como se chama o leito em que se descansa de tarde, sobre a porcelana francesa em ricos cores — vermelho, azul e ouro — do serviço de chá que só era usado nos dias de festa. Tudo era cálido, vivo, e no entanto silencioso. As crianças, de fato, nunca falavam quando se tratava de panquecas e de pães de leite. O silêncio foi quebrado por Mateus Torade, que era, na fazenda, o braço direito do patrão. Vinha dizer boa-noite antes de partir, com o seu passo tardio, para a sua cabana solitária, no penhasco. Mateus era um homem agradável. Era jovem e alto, ombros largos, pés fortes e ágeis. Suas mãos enormes sabiam ordenhar com uma rapidez, uma habilidade sem rival na ilha. Falava pouco, mas o pouco que dizia era sempre rico de sabedoria e polidez. Seus olhos brilhantes e sorrisos imprevistos tinham a vida intensa de água sob o sol.

— Boa noite, senhor, senhora, senhoritas, disse ele. Deus os guarde!

— Feliz Natal! responderam todos os que comiam à mesa.

O rapaz saiu, um tanto bruscamente.

— Ele é tão sozinho, disse Raquel.

Dois anos antes, Mateus apaixonara-se por um amor de mocinha, Denise Marquand. O nome dos Marquand, em Guernesey, não era bem visto. Alexandre Marquand, o avô de Denise, soltava os cães a quem, com exceção de seus operários agrícolas, se aventasse perto da sua fazenda de Blanchelande. Andava em desavenças com a família Le Rocq. Tanto que, com exceção de Mateus, ninguém em "Bon Repose" via Denise, que tinha sido educada num colégio da França. A mocinha fugira da ilha em companhia de um francês encontrado na praia, na parte baixa de Blanchelande. O avô jurara soltar os molossos contra ela se algum dia ela ousasse aparecer de novo. Quanto a Mateus, nunca mais falara na ausência. "Ele nunca se consola", disse Raquel. E lá já se vão dois anos...

— Podemos sair da mesa? disse Colin. Temos negócios importantíssimos a tratar...

— Está bem... está bem... sorriu Raquel.

(Continua na página 52)

ARTIGOS
DE CONFIANÇA

SERINGAS
"LUER" e
"FIAS" (ITALIANAS)
AGULHAS

TERMÔMETROS
PRISMÁTICOS

NO BALCÃO ESPECIALIZADO
DA
DROGARIA V. SILVA
64-ASSEMBLEIA-66

VAI SER MÃE?

DELIVRANCINA

É o medicamento das Parturientes. Prepara o organismo para um parto feliz. Evita o Aborto, Vômitos, Enjôos, Cansaços. Seu uso é providencial durante toda a gravidez.

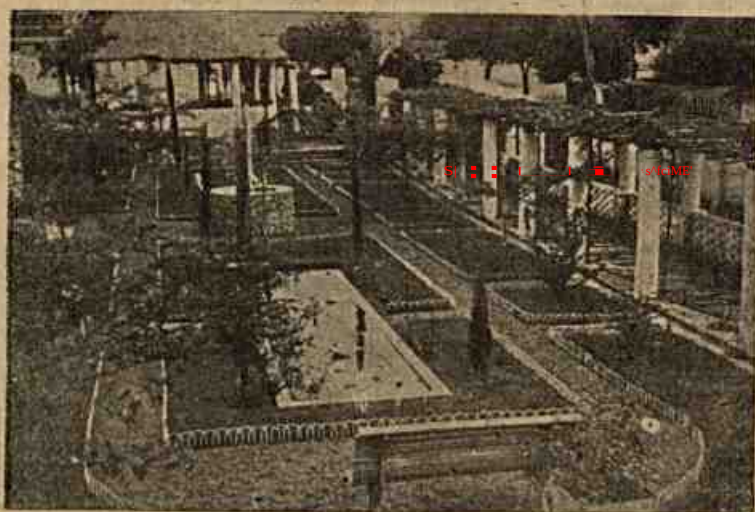
VAS FARM. E DROG. E LABOEL. SIMÕES
RUA DO MATOSO, 33 — RIO
ENVIAMOS PELO REEMBOLSO POSVAL





IMPERIAL HOTEL

(LAMBARI)



CONFORTO — DISTINÇÃO — GRANDIOSIDADE

DIARIAS COM REFEIÇÕES:

1 pessoa	Cr\$ 130,00
2 pessoas	Cr\$ 230,00

CAPACIDADE PARA 600 PESSOAS — REABERTURA: DIA 1.º DE JANEIRO

INFORMAÇÕES E RESERVAS:

EDIFÍCIO REX — 5.º ANDAR — SALA 501 — TELEFONE 22-8554

MEIA-NOITE NO ESTÁBULO

(Continuação)

Tendo desaparecido as crianças, Raquel e o marido sentaram-se junto ao fogo.

Bateram à porta. Levantaram-se ambos, esperando a visita de algum amigo. Diante deles estava a moça morena, com o bebê nos braços. "Poderiam dar-me de comer?" disse ela, simplesmente.

Sua voz clara e inarriosa contrastava com o seu vestuário de pobreza. Atravessou majestosamente a cozinha. Sentou-se junto ao fogo. "Tenho ainda algum dinheiro para poder hospedar-me por uma noite. Estou cansada. Acabo de chegar da França".

O chale caíra da sua casocinha bem feita. Estava abatida pelo cansaço. Mas os olhos escuros brilhavam tão indomavelmente quanto os de Raquel.

— A senhora pode emprestar-me uma agulha e linha? continuou ela.

A saia caía-lhe, esfarrapada. Raquel exclamou: — Você caiu?

— Não, foram os cães.

E pôs-se a comer o que André lhe trouxera. Comia com uma avidez de recém-nascido.

— Encontrei as crianças nos Quatro-Caminhos, disse. Elas têm uns bons pais.

— Seu bebê tem uma excelente mãe, respondeu Raquel. Nunca vi um bebê tão bem tratado. Você é viúva? perguntou Raquel, interrogando com o olhar as roupas pretas da moça.

— Sim, senhora. Mas não sou caso para se lamentar, sabe?

A sua dureza e a sua calma fizeram André estremecer. Não podia suportar a ideia de um desespero humano numa noite de Natal.

Ela acabou de comer e dispôs-se a partir. Então, entre André e Raquel principiou um dos combates mudos que por vezes punham em choque as suas concepções diferentes. Com o auxílio de movimentos quase imperceptíveis da pálpebra esquerda, e do polegar direito, André sugeria à esposa a conveniência de recolher essa mulher e seu filho ao quarto de Colin, lá em cima. Colin dormiria na "junqueira". Mas Raquel acolheu essas alusões sem nenhum entusiasmo. Não sabia nada a respeito dessa criatura. Não iria conservá-la sob o mesmo teto que suas inocentes filhinhas!

— Você irá passar a noite na aldeia, em casa de uma de minhas antigas criadas. Vou escrever um bilheteinho, que você levará. Não será difícil achar o caminho.

— Eu conheço o caminho, disse a moça com altivez.

— Está bem, minha filha. Sente-se outra vez, enquanto eu escrevo.

Vencido e triste, André saiu. No pátio cheio de neve, olhou as estrelas. Foi então que uma voz, lhe soou como em dobre de finados no cérebro. "Não havia lugar para eles na hospedaria".

Dirigiu-se ao estábulo. Era a hora de acender o fogareiro de petróleo

(Continua nas páginas 56 e 57)

Escolares e Adolescentes
(de AOS 18 ANOS)

DR. H. BALLARIN

Distúrbios do crescimento —
Endocrinologia — Obesidade
— Magreza — Mau aproveitamento escolar. Exames periódicos de saúde. Marquei hora pelo tel.: 27-8421.

Um Molde Gratís Para Você!

FON-FON se propõe a enviar-lhe gratuitamente, o seu molde individual.

A pessoa interessada deverá encher cuidadosamente o coupon, com as medidas tomadas de acordo com as explicações ao lado.

O coupon publicado nesta página vale por um molde de qualquer dos modelos estampados neste número de FON-FON.

Poderá o coupon ser entregue pessoalmente, ou enviado pelo correio, para os seguintes endereços: — MOLDES FON-FON, rua Pedro Alves, 60, ou a Rua Arseniêlia, 79, loja, A TULIPA — Rio de Janeiro.

Atendemos pedidos de qualquer Estado do Brasil.

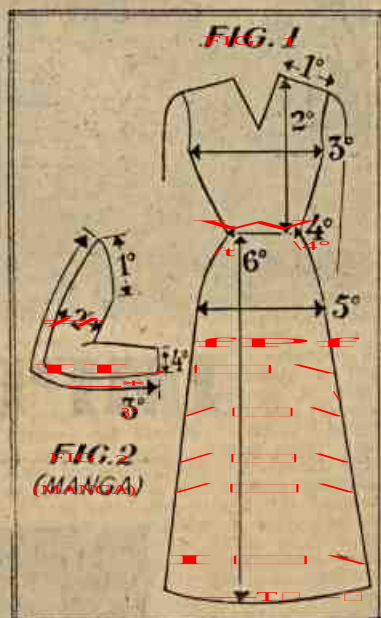
COMO DEVEM SER TOMADAS AS MEDIDAS

FIG. 1

- 1.º — ombro
- 2.º — comprimento da blusa
- 3.º — largura do busto (circunferência)
- 3.º — largura da cintura (circunferência)
- 5.º — largura do quadril (circunferência)

FIG. 2

- 1.º — circunferência da cava
- 2.º — largura da manga
- 3.º — comprimento da manga (braço dobrado)
- 4.º — largura do punho.



UM MOLDE GRATIS PARA VOCE - (22-12-1951)

QUEIRA REMETER-ME, COM BREVIDADE, O MOLDE DO MODELO N.º

DA PAGINA DE ACORDO COM AS SEGUINTES MEDIDAS:

FIG. 1

- 1.º
- 2.º
- 2.º
- 4.º
- 5.º
- 6.º

FIG. 2

- 1.º
- 2.º
- 3.º
- 4.º

NOME:

RUA:

..... N.º

CIDADE:

ESTADO:



Mesbla

apresenta

a sua

Secção Feminina

Desde remotos dias, MESBLA agita-se na admiração do Público brasileiro, não somente pela sua organização modelar, como também, pela qualidade e seleção de seus artigos.

Ao encontro, agora, da grande aspiração de suas prezadas clientes e no interesse de melhor servi-las, aproveita das festivas comemorações de NATAL e ANO BOM para apresentar sua SECÇÃO FEMININA, esperando contribuir, assim, para maior realce dos predicados de beleza, graça e elegância da MULHER MODERNA.

Éis algumas das interessantes sugestões da Secção Feminina de MESBLA:

Vestidos - Blusas - Saias
Calças compridas - Sweters
Capas impermeáveis.

Maillots - Shorts - Slacks
Toucas p/ banho - Esteiras
Saídas de praia.

Bolsas - Porta-notas
Cintos - Lenços - Meias
Luvas - Trousses.

Perfumes - Porta-pós
Jóias de Fantasia
Porta-jóias - Flores.



SECÇÃO Feminina

MESBLA

RUA DO PASSEIO, 48/54

Pro-Rio

... e lembre-se. UM CRÉDITO-MESBLA resolve seu problema!

★ *Escolha o caminho!...* ★



A modalidade do seguro de vida é variável, facilitando, assim, sua melhor conveniência. Qualquer que seja o seu interesse, "escolha o caminho" que "A EQUITATIVA" está apta a oferecer-lhe para sua garantia e tranquilidade. Não estando sujeito a descontos e impostos, nem sequer o de transmissão, o seguro de vida é pago integral e imediatamente ao beneficiário. Consulte-nos, que lhe daremos tôdas as informações e esclarecimentos.

A EQUITATIVA DOS EE.UU.
DO BRASIL

Sociedade Mútua de Seguros de Vida
Sede: Av. Rio Branco, 125 - Rio de Janeiro

CONFITEITARIA COLOMBO

FILIAL DE COPACABANA

SERVÍCIO IMPECAVEL DE ALMOÇOS, LANCHES E JANTARES

O MESMO ESmero E OS MESMOS PREÇOS RAZOÁVEIS DA CASA MATRIZ

ARMAZEN DE COMESTÍVEIS E BEBIDAS FINAS

Av. Copacabana, 890 - Esq. da Rua Barão de Ipanema

Telefones | 47-2620
27-8925

RIO DE JANEIRO

Campanha da Boa Vontade

De ZILAH BASTOS SEABRA

GERALMENTE, o homem mundano olha com antipatia as coisas espirituais. Encara, mesmo, com alguma irritação as pessoas que lhe falam de Deus, de Jesus e do Evangelho do Amor. É que o homem mundano supõe ser a religião o refúgio das criaturas infelizes, desiludidas da vida. E, como receia perder os prazeres materiais, foge de tudo aquilo que lhe recorde as leis divinas. Mas o homem materialista está redondamente enganado: o homem espiritual, liberto dos grilhões do fanatismo, é o homem mais feliz da terra! A verdade é que as coisas materiais não bastam para fazer alguém feliz. Vejamos os ricos: ou vivem atormentados pelas provações, que não entendem, ou lentamente se suicidam nos prazeres ilusórios. Vejamos os poderosos: temem até a própria sombra, desconfiados de eternos traíções. Vejamos os ambiciosos: nunca estão satisfeitos, e só enxergam rivais naqueles que os rodeiam. Nem a riqueza, nem o poder, nem a fama podem tornar alguém feliz. Só há, em suma, um caminho para a felicidade: amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo. Se Deus nos confiou riquezas, não esqueçamos os semelhantes necessitados, porque na realidade nada é nosso neste mundo. Na hora da morte é que se vê que ninguém é dono de coisa alguma na terra...

UMA BANDA SÓ DE CEGOS

A visita da Caravana da Boa Vontade à sede geral da Liga de Proteção aos Cegos do Brasil, na Rua Dias da Cruz (Méier), foi uma das mais felizes de todos os tempos da Legião da Boa Vontade. Conduzidos pelo sr. Pedro Nunes, diretor da venerável instituição, os Legionários travaram conhecimento com uma banda de música inteiramente constituída de cegos! Esse maravilhoso conjunto brindou os visitantes com um programa esplêndido, arrancando lágrimas de todos os presentes. FON-FON estampa, nesta página, a fotografia dessa banda magnífica — atestado da eficiência da Liga de Proteção aos Cegos do Brasil.

LEGIÃO FRANCISCO DE ASSIS

Em Japeri, antiga Belém, os Legionários da Boa Vontade tiveram o prazer de assistir à inauguração da escola

Na Legião Francisco de Assis, o sr. Oli de Castro proferiu o discurso de inauguração da escola dessa instituição de Japeri (Belém).

da Legião Francisco de Assis — uma vitória do saber contra as trevas da ignorância! Ali, crianças e adultos serão alfabetizados, ganhando, ainda, um régio presente espiritual: lições do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo — a solução de todos os problemas que afligem a Humanidade! Em nome da Legião Francisco de Assis fez uso da palavra o escritor Oli de Castro, saudando a Caravana da Boa Vontade. E Alziro Zarur, respondendo, fez o elogio daquela obra meritória.

DO "SERMÃO DA MONTANHA"

... E disse Jesus, ensinando aos seus discípulos: "Bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados. Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos. Bem-aventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia. Bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus. Não julgais, para não serdes julgados, porque, com o mesmo juízo com que medirdes, também sereis medidos. O que quereis que os homens vos façam, fazei-lhes também, porque esta é a Lei. Ouvistes que foi dito: 'Amas teu amigo e odiares teu inimigo'. Eu, porém, vos digo: amai até mesmo os vossos inimigos, bendizei aqueles que vos perseguem e maltratam. Buscai o reino de Deus e sua justiça, e todas as coisas vos serão acrescentadas." Não são eternas estas palavras do Redentor da Humanidade? Só as criaturas de má vontade não entendem as bem-aventuranças.

A CAMPANHA EM MARCHA

A Legião da Boa Vontade funciona diariamente em sua sede (Rua Acre 47 — 9.º andar), onde a Legionária Maria Isabel atende a todos os casos. No primeiro sábado de cada mês, a LBV realiza sua reunião pública no 7.º andar da Associação Brasileira de Imprensa, falando oradores de todos os credos religiosos, na confraternização da Boa Vontade. No terceiro domingo, a Caravana da Boa Vontade visita as casas de caridade e de assistência social, levando-lhes o seu apoio. E aos sábados, das 14 às 14,30 horas, na Rádio Mayrink Veiga, sob o patrocínio das Casas Olga, vai ao ar a "Campanha da Boa Vontade". Todas as pessoas de alma bem formada podem ajudar esse movimento por um Brasil melhor!

A banda de música da Liga de Proteção aos Cegos do Brasil — um conjunto primoroso, exclusivamente formado de cegos da benemérita instituição do Méier!



Até as
crianças já sabem
qual é a
melhor!



MASSAS AYMORE

"A MASSA QUE O POVO EM MASSA EXIGE"

que aquecia os seus amados animais. Com um ligeiro estremecimento no coração, abriu o trinco. Por um instante, as estrelas e a neve emprestaram ao estábulo doce claridade, que revelou as pacientes silhuetas dos animais. Como incenso, os seus hábitos demoravam-se, verticais, no ar perfumado.

André curvou-se para acender o fogareiro. Gostou de ver o fraco clarão dourado esgueirar-se timidamente em direção às sombras misteriosas, pesando dedos de carícia sobre o dorso luzidio dos animais. De súbito, sobressaltou-se. Ficou parado, contemplando, com os olhos marejados de lágrimas, a

MEIA-NOITE NO ESTÁBULO

(Continuação)

malgedoura que Colette decorara e em que fizera um ninho de feno.

Um pouco para divertir-se, e um pouco propositadamente, com os preparativos. Arrumou o estábulo. Varreu. Acendeu a lâmpada. E a lâmpada balançou como uma estrela suspensa no antigo teto de vigas. Depois, saiu de mansinho, deixando, sem saber ao certo porque, de fechar a porta à chave.

Logo, antes que a porta se fechasse,

a lâmpada do estábulo revelou uma silhueta feminina, em pé, imóvel, junto a porta. A moça... Altiva demais, para obedecer a Raquel e ir dormir na aldeia, em casa da antiga criada.

Algumas horas mais tarde, no caminho cheio de neve, as crianças ardiavam de ansiedade. Tinham-se deitado docilmente. Logo depois levantaram-se. Deixaram a casa, pela janela do quarto de Péronelle e pela porta da entrada. Estavam agora acendendo 10 pontas de velas nas suas beterrabas, gritando de alegria ao ver as flamas brilharem no estranho universo de neve deslumbrante e de árvores praticadas.

— Onde vamos primeiro? perguntou Michelle.

— Blanchelande, replicou Colin, prontamente.

Esperava uma exclamação da parte das meninas. A fazenda de Alexandre Marquand era "fora dos limites possíveis"... Raquel achava que as histórias contadas sobre o velhote continham mais mentiras que verdades. No entanto, não queria que os filhos corressem risco nenhum. Mas não houve exclamações, apenas um sóro rápido de animação. As meninas com certeza pensavam, como Colin, que naquela noite iluminada de beterrabas mágicas, o destino as conduziria, pelo menos, ao castelo de um ogre, como nos contos de fadas.

As meninas olharam para Colette de soslaio. O suplemento de dois casacos, polainas e uma "écharpe" tinham-na tornado mais gorda que alta, e além disso pesadinha. A cabeça, sob o fardo dos sonhos, coberta por um grande gorro vermelho, pendia como uma dália pesada demais.

Foram pelo penhasco. O caminho passava pela cabana de Mateus Torde. O mar murmurava muito ao longe, lá em baixo. O céu estava incrustado de estrelas resplandescentes. Uma lua redonda traçava grande estrada de ouro no mar.

— Lá está Blanchelande, disse Péronelle.

A fazenda de granito parecia de mármore branco. Erguia-se quadrada e sem árvores. Nenhuma vinha virgem diminuía a intensidade da dureza de seus contornos. Nenhuma luz nas janelas. Nenhuma fumaça. Disse-lhe imenso tumulto na lua e na neve.

— Ficamos do lado de fora ou batemos? disse Péronelle.

De uma só vez, as portas do inferno abriram-se numa algazarra de latidos, de uivos, de urros, tais como as crianças jamais tinham ouvido. Não se haviam lembrado dos cães de Blanchelande. Eram, pelo menos, uns cent.

— Calma, sobretudo calma, disse Péronelle. Fiquemos juntos, Colette no meio. Não percam a cabeça. Lembrem-se de que os cães gostam de



Luvas, Bolsas, Blusas, Vestidos, Bijuterias

Artigos de presente, Cama e Mesa

Compre depois de visitar

Luvaria e Galeria Gomes

Ruas do Ouvidor, 185 até Ramalho Ortigão, 38

nós e de que nós gostamos dos cães. Aliás, são apenas quatro. Falem com eles com muita gentileza e estendam as mãos para que eles as sintam.

— Bons cães... Bravos cães... disse-lam as crianças. Feliz Natal!... Somos cantores de Natal e não foi para o mal que viemos aqui.

— Eeee! Saíam daí!

A porta abriu-se bruscamente. Um alto vulto curvado ali surgiu, ao luar. As crianças ergueram os olhos para o rosto feroz, de barba cinzenta, de Alexandre Marquand. As crianças que não tinham nunca encontrado, sob nenhuma forma, a cólera e a crueldade, não tiveram medo.

— Deixe-nos entrar, suplicaram elas. O homem contemplou-as. As lanternas iluminaram-lhes as faces brilhantes e rosadas, as silhuetas que pareciam ramalhetes, os cães que, entezados, com a língua de fora agitavam-se em volta delas.

Foi Colette quem resolveu o caso. Toda barba recordava-lhe o pai e o avô. — braços fortes que carregam a infância incerta. Por isso, correu à barba cinzenta. Erguia o rostinho de querubim. Implorava o calor, o abrigo. "Estou com dor nas pernas", disse.

Os anos destacaram-se como uma película, do coração de Alexandre Marquand. Todo o amargor e todo o ódio, mantidos pelas adversidades e pelos lutos, desapareciam com a fumaça do fogo que as crianças acenderam na cozinha de Blanchelande. Sentado em sua poltrona, tinha Colette no colo, enquanto as crianças cantavam. Quanto tempo ficou ele assim, imóvel, escutando os cânticos de Natal, entregue a sonhos, lembranças, a cabeça adormecida de uma criança em seu ombro? Que criança, afinal? Uma das suas, saída do passado, ou algum anjinho do Natal?

— Agora precisamos ir, disse Michelle, endireitando os óculos.

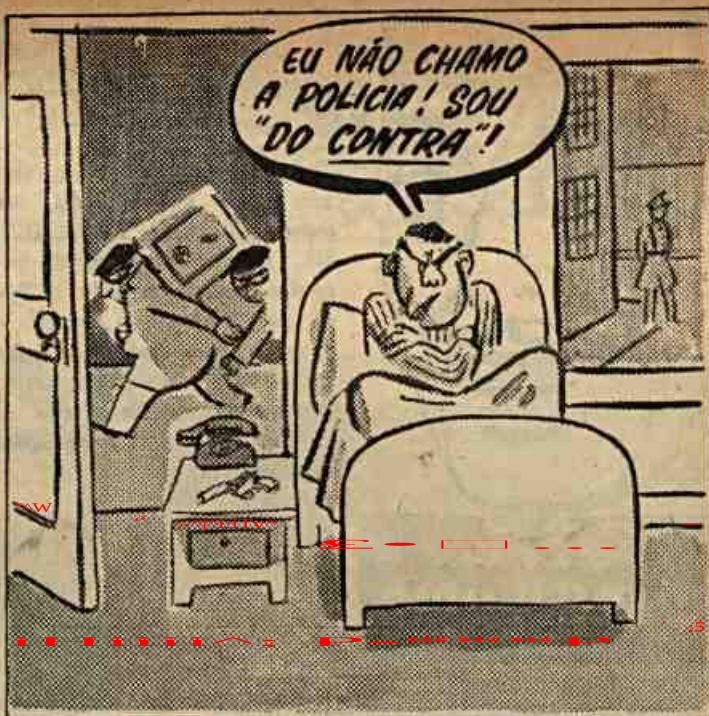
— Vou acompanhá-los, disse o velho Marquand. Carrego a pequenina.

A volta foi tão maravilhosa quanto a ida. Um silêncio atento estreitava o mundo. O homem e as crianças caminhavam pelo penhasco, acima do mar, seguidos de perto pelos quatro cães. Avistaram silhuetas, com uma lanterna que se balançava, vindo-lhes ao encontro.

— Mamãe, Papai e Mateus! exclamou Michelle. Eles subiram para encher os nossos sapatos. Pomos uns tolos de não nos lembrarmos disso. Eles viram que nós saímos.

— Foram chamar Mateus para ajudá-los. E encontraram a nossa pista na neve.

Entretanto, André e Raquel encravavam estupefatos o homem que durante anos e anos se tinha, sem nenhuma razão, considerado como inimigo deles. O sr. Marquand esboçou o



Não seja do "Contra"! Faça o regime ENO - "Sal de Fructa" ENO, laxante e antiácido ideal, ao deitar e ao levantar - para garantir o seu bom humor diário. Combate a prisão de ventre

SAL DE FRUCTA

ENO

gesto de depor Colette nos braços de Raquel.

— Não, Marquand, não! disse André vivamente. O senhor prestou-nos um obséquio esta noite e agora venha à nossa casa para fazer um brinde conosco.

Trazido pelos ares calmos e gelados fez-se ouvir a primeira badalada da meia-noite, da longínqua cidade de São-Pedro, no momento em que a ro-

maria penetrava no pátio do "Bom Repouso".

Os sinos das diferentes igrejas começaram a soar, ao longe, gotas d'água cristalina caindo no poço fundo e pungente do silêncio. O pequeno grupo humano imobilizou-se ao péso de uma grande mão.

— E agora, disse Colin baixinho. Seguido de Colette, completamente (Conclui na página seguinte)

Uma Especialista
de Beleza não poderia fazer mais

• Debaixo de toda epiderme existe uma pele interna, fresca, jovem e livre de defeitos. Faça surgir essa beleza oculta, começando a usar Cera Mercolizada. Vale por um tratamento de beleza.

CERA MERCOLIZADA

Remove os pelos

Supérfluos, que tanto enfeiam. Póvilax é inerte, não irrita e não irrita. É a sua epiderme.

com PÓVLAX
DEPILATORIO

PRODUTOS
DEARBORN



CHEGANDO AOS 40

Prolongue a mocidade e assegure uma velhice sadia, tomando **CÉREUS BRASILIENSIS**, medicamento vegetal inofensivo, usado em todo o Brasil para tonificar o coração e preservar a elasticidade das artérias. É um produto Araújo Penna, indicado na arterioesclerose. Combate: palpitações, tonteiras, falta de ar, opressão, dor no peito, cansaço, etc.

**Cereus
BRASILIENSIS**



Produto dos Laboratórios Araújo Penna ★ RUA DA QUITANDA, 57
RIO DE JANEIRO

**SÓ UM CABELO
BEM TRATADO
DARÁ UM BOM
PENTEADO!**



Oleo de Lima fortifica os bulbos capilares e dá saúde ao cabelo!

Friccione o couro cabeludo três vezes por semana, com Oleo de Lima, para tornar seus cabelos fortes, abundantes e sedosos. Isento de gordura ou gordura, fixa o penteado e auxilia a circulação.

Oleo de Lima

Dá brilho e vigor aos cabelos



O MELHOR DEFUMADOR EM TARETES. USADO PELOS ÍNDIOS NAS SUAS PRECES DE PAZ E FELICIDADES E EM SUAS CASAS COMERCIAIS.
FAHR. J. STEFANNINI - RUA ESTACIO DE SA. 71 - RIO
ENVIO POR MODO REEMBOLSO POSTAL
REFR. EM 1 PAQUETE - J. BARROS LIMA - ALAMEDA RIBEIRO SILVA, 609

MEIA-NOITE NO ESTABULO

(Conclusão)

desperta, atravessou o pátio até a porta do estábulo e abriu-a bruscamente. Todos os animais se tinham reunido em semi-círculo. Os cavalhos, a vaca, o cão, e a gata dourada. Não estavam de joelhos, embora o afirmasse, depois, Colin, que pretendia tê-los visto levantando-se a toda pressa, no momento em que a porta fora aberta.

Os cães deitaram-se, com o focinho entre as patas. Os outros animais mantinham-se tranquilos, pensativos, com os grandes olhos escuros fixos no bebê que repousava no côncavo do feno na mangedoura decorada. Sua bela mamãe tinha adormecido nos travessieiros e sob a cobertura que André ajeitara com tanto cuidado. Agora, estava sentada. Esfregava os olhos. Todos contemplavam-na. Ela deixou cair as mãos do rosto. Os olhos escuros e misteriosos sorriram-lhe no rosto de flor. A lâmpada suspensa nas vigas iluminava a cena com uma doçura polida que de estranho modo parecia vir da mangedoura onde o infantezinho dormia. Cada palhinha de feno era um traço de ouro. As alfarróbas e as flores de Colette brilhavam em volta do berço como chamuscas amigas. Todos olhavam-no. Os minutos duraram uma eternidade. O que eles viam continha significação suficiente para mudar o sentido de uma vida humana inteira e para sempre.

As crianças se lembrariam para sempre daqueles minutos. Foi essa visão, mantida pelo barulho distante e próximo dos sinos de São-Pedro multiplicados, que os marcou, e não o rápido tumulto dos acontecimentos que se seguiram na confusão de um sonho de súbito terrestre e de interesse menos forte. No entanto, alguns detalhes desse sonho neles se imprimiram. "Denise! Denise!" gritava Mateus. Era um grito tal, de pesar e de amor, que os transportou como uma flecha. O rosto de Denise, pálido de dolorosa contrição, ergueu-se para o de Mateus. A barba cinzenta do sr. Marquand rompia em soluços inexplicáveis. André batia com a ponta dos dedos nas costas do ogre arrependido. A voz de Denise repetia indefinidamente: "Perdoe-me, senhora! Perdoe-me, senhora! Eu não tinha vontade de descer até a aldeia. Então meti-me na cocheira. Perdoe-me, avô. Senhor, perdoe-me". O sr. Marquand não pediu perdão a ninguém. No entanto, pensaram mais tarde as crianças, o modo com que ele soltou os cães contra Denise, quando ela, depois da fuga, tinha tentado voltar para casa, fora atroz. Mas, sem dúvida, as suas lágrimas, as primeiras que ele viera havia sessenta anos (conforme depois ele confessou), eram já lição suficiente.

E muitas coisas, de fato, foram redimidas naquela noite. A antiga afeição entre Alexandre Marquand e sua neta. O antigo amor entre Mateus e Denise, que, ressuscitada em Sra. Torode, e orgulhosa de o ser, tornou-se depressa uma camponesa de faces rosadas habitando, no penhasco, a cabana onde seu filho cresceu em força e vigor, numa ilha de paz colocada como uma jóia entre o sol e o mar, encanteirada de juncos e glórias na primavera.

Para as crianças, Denise e seu bebê não foram nunca aquela léptida matrona nem aquele rapazinho robusto. Permaneceram, até o último dia, seres sobrenaturais. Uma mãe que não podia envelhecer. Uma criança que não cresceria nunca. Quanto aos animais, cada véspera de Natal, quando São-Pedro, ao longe, toca o carrilhão da meia-noite, ajoelham-se, é coisa sabida, e vêem de novo a Mãe e o Filho.

FON-FON ▲ NATAL DE 1951

SE, GALAS, ÉS GULPADO

CAPÍTULO IX

(Foto-romance de ADA SALVI)



RESUMO DOS CAPÍTULOS ANTERIORES: PAOLA DAVALLI QUE FICOU SOZINHA E SEM RECURSOS, EMBARCA PARA A AMÉRICA, MAS CARLO ANGELELLI, UM JOVEM RICO QUE LHE FAZIA A CORTE, VAI NO MESMO NAVIO. A MOÇA NÃO CONSEGUE RESISTIR A PAIXÃO DO JOVEM, MAS DEPOIS, PELA ATITUDE DELE, ACHA QUE NÃO A AMA REALMENTE. PARA ESCONDER O SEU DESESPERO, FAZ AMIZADE COM BARBARA E TOM, DOIS TIPOS SUSPEITOS QUE A ENGANAM FACILMENTE E COM OS QUAIS RESOLVE DESEMBARCAR. CARLO EMPREENDEU A VIAGEM PARA ENTRAR NA POSSE DE UMA HERANÇA DE UM TIO E O ADVOGADO MORALES, QUE O ACOMPANHA, IMPEDE-O DE OCUPAR-SE DE PAOLA NO MOMENTO DO DESEMBARQUE. ASSIM, PAOLA, PENSANDO SER HOSPEDE DA SUA AMIGA, ACABA NA CASA DE TOM. CASTIGLIA E TARDE, DEPOIS, COMPREENDE QUE TOM É UM AVENTUREIRO QUE A ATRAIU A SUA CASA COM A ESPERANÇA DE QUE ELA CEDA AS SUAS PROPOSTAS DE AMOR. PAOLA TENTA MANDAR UMA CARTA, MAS ESTA É ENTREGUE A TOM.

PRISIONEIRA DA NOITE — (Continuação)

tra o mundo interior. Suas mãos tremiam, enquanto os lábios perguntavam:

— Que me está dizendo?... A senhora... está mesmo certa da notícia que me está dando?...

— Infelizmente sim, minha senhora. Fala aqui a secretária dele. Recebemos ontem mesmo a notícia de que foi acometido de um mal súbito. As quatro e meia da tarde... deixou de existir.

Exatamente à mesma hora em que batia aquela porta sem resposta!

— Está bem... balbuciou depois de algum tempo. Sinto muito... muito mesmo. Obrigado pela informação.

Largou o fone como uma tóla, sem consciência do que havia dito. Pôs-se a andar pelo apartamento automaticamente. Viu as horas do dia decorrerem, uma a uma. As quatro horas tomou uma resolução repentina. Correu a vestir-se de preto e saiu. Tomou um táxi e mandou que corresse para a rua Marques de S. Vicente. Em frente à residência senhorial, que tinha contemplado certa vez com tanta ansiedade e tal palpitação de esperança, parou, imóvel. Viu desfilar os automóveis chegando com as pessoas para o enterro. Grandes montões de flores eram depositados em carros abertos, que seguiriam para o cemitério. Gente do povo se aglomerava de encontro às grades, espiando por entre a trepadeira florida para ver a cena lá dentro. Na varanda da frente havia grupos graves de senhores idosos e senhoras bem vestidas. Alguns saíam a conversar pelo jardim. Em frente à porta, o coche fúnebre, revestido de crepes de gala, já esperava. Um padre chegou num automóvel. Houve um

PAOLA PROCURAVA NÃO O DEIXAR COMPREENDER, MAS ESTÁ VIVAMENTE INTERESSADA.



— E que é esse Contê?

— Um filho natural do velho Angelini. Aqui todos o consideram e ele diz que tem provas...

— Mas Paola não quer demonstrar muito interesse.

— Glor, Tom, amole-me tanto aqui. Não é nada, pelo menos, acompanhando uma conta ao "Mocimbo".

— Aqui está um presentinho do teu "taptor". Recomendado, timidez, verifique, pois quem quer a bonita figura!

— Só um beijo de amigo, nada mais. Não se preocupe, bem, amanda, vermos-nos logo.

— Tom esperou o jantar com a sua mãe e a irmã. Ela compreendeu o que ele queria e ela não pôde menos obter alguma coisa.

— Bravo! Suponhamos todos as expectativas. Nenhum parente que fosse tão cuidadoso. Meus compromissos!

— Nenhum desconhecido genral, Paola. Que se recorda de ter boa voz. (Murmurando e cantando no mocimbo). TOM É FICA ENTUSIASMADO COM A IDRA E FAZ GRANDES PREPARATIVOS O SEU FICHO E QUASE TRIUNFAL. TODOS ELA SÃO ENCANTADOS COM A GRAÇA DA BELA ITALIANA.

— Muitos sentiram-se agora muito melancólicos de ti. Viste como te deu gosto? Uma canção, se quiseres. Um dia sera o um pouco do mundo sem ti.

— Não posso negar.

— Pois não, senhora.

— Primeiro passo para a liberdade. Dado mas é preciso ter cuidado. Não dá segundas. Paola vai ao AMBO e aproveitando um momento no qual TOM SE AFASTOU, DÁ-SE DO MAESTRO DA ORQUESTRA E PEDALE UM FAVOR.

— O que se te compreendeu! Procura-te, do momento, mas no fundo tu também que és agora com outros olhinhos...

— Tu fantasia demais! Não posso, no entanto, negar que poderia achar-te simpático se tu...

— Tu e a dona Barbara e que encheram a casa de coisas catiminhadas. Mas eu não ligo ao Angelini.

— Paola volta ao seu jogo, aos seus objetos.

— Paola fincou agora na varanda MORAL. WPIMBMMWKBES. BMK&3<gMMBIMPJ&CSBIR< a. A&B



— Glor, Tom, amole-me tanto aqui. Não é nada, pelo menos, acompanhando uma conta ao "Mocimbo".

— Aqui está um presentinho do teu "taptor". Recomendado, timidez, verifique, pois quem quer a bonita figura!

— Só um beijo de amigo, nada mais. Não se preocupe, bem, amanda, vermos-nos logo.

— Tom esperou o jantar com a sua mãe e a irmã. Ela compreendeu o que ele queria e ela não pôde menos obter alguma coisa.

— Bravo! Suponhamos todos as expectativas. Nenhum parente que fosse tão cuidadoso. Meus compromissos!

— Nenhum desconhecido genral, Paola. Que se recorda de ter boa voz. (Murmurando e cantando no mocimbo). TOM É FICA ENTUSIASMADO COM A IDRA E FAZ GRANDES PREPARATIVOS O SEU FICHO E QUASE TRIUNFAL. TODOS ELA SÃO ENCANTADOS COM A GRAÇA DA BELA ITALIANA.

— Muitos sentiram-se agora muito melancólicos de ti. Viste como te deu gosto? Uma canção, se quiseres. Um dia sera o um pouco do mundo sem ti.

— Não posso negar.

— Pois não, senhora.

— Primeiro passo para a liberdade. Dado mas é preciso ter cuidado. Não dá segundas. Paola vai ao AMBO e aproveitando um momento no qual TOM SE AFASTOU, DÁ-SE DO MAESTRO DA ORQUESTRA E PEDALE UM FAVOR.

— O que se te compreendeu! Procura-te, do momento, mas no fundo tu também que és agora com outros olhinhos...

— Tu fantasia demais! Não posso, no entanto, negar que poderia achar-te simpático se tu...

— Tu e a dona Barbara e que encheram a casa de coisas catiminhadas. Mas eu não ligo ao Angelini.

— Paola volta ao seu jogo, aos seus objetos.

— Paola fincou agora na varanda MORAL. WPIMBMMWKBES. BMK&3<gMMBIMPJ&CSBIR< a. A&B

— O que se te compreendeu! Procura-te, do momento, mas no fundo tu também que és agora com outros olhinhos...

— Tu fantasia demais! Não posso, no entanto, negar que poderia achar-te simpático se tu...

— Tu e a dona Barbara e que encheram a casa de coisas catiminhadas. Mas eu não ligo ao Angelini.



— Glor, Tom, amole-me tanto aqui. Não é nada, pelo menos, acompanhando uma conta ao "Mocimbo".

— Aqui está um presentinho do teu "taptor". Recomendado, timidez, verifique, pois quem quer a bonita figura!

— Só um beijo de amigo, nada mais. Não se preocupe, bem, amanda, vermos-nos logo.

— Tom esperou o jantar com a sua mãe e a irmã. Ela compreendeu o que ele queria e ela não pôde menos obter alguma coisa.

— Bravo! Suponhamos todos as expectativas. Nenhum parente que fosse tão cuidadoso. Meus compromissos!

— Nenhum desconhecido genral, Paola. Que se recorda de ter boa voz. (Murmurando e cantando no mocimbo). TOM É FICA ENTUSIASMADO COM A IDRA E FAZ GRANDES PREPARATIVOS O SEU FICHO E QUASE TRIUNFAL. TODOS ELA SÃO ENCANTADOS COM A GRAÇA DA BELA ITALIANA.

— Muitos sentiram-se agora muito melancólicos de ti. Viste como te deu gosto? Uma canção, se quiseres. Um dia sera o um pouco do mundo sem ti.

— Não posso negar.

— Pois não, senhora.

— Primeiro passo para a liberdade. Dado mas é preciso ter cuidado. Não dá segundas. Paola vai ao AMBO e aproveitando um momento no qual TOM SE AFASTOU, DÁ-SE DO MAESTRO DA ORQUESTRA E PEDALE UM FAVOR.

— O que se te compreendeu! Procura-te, do momento, mas no fundo tu também que és agora com outros olhinhos...

— Tu fantasia demais! Não posso, no entanto, negar que poderia achar-te simpático se tu...

— Tu e a dona Barbara e que encheram a casa de coisas catiminhadas. Mas eu não ligo ao Angelini.

— Paola volta ao seu jogo, aos seus objetos.

— Paola fincou agora na varanda MORAL. WPIMBMMWKBES. BMK&3<gMMBIMPJ&CSBIR< a. A&B

— O que se te compreendeu! Procura-te, do momento, mas no fundo tu também que és agora com outros olhinhos...

— Tu fantasia demais! Não posso, no entanto, negar que poderia achar-te simpático se tu...

— Tu e a dona Barbara e que encheram a casa de coisas catiminhadas. Mas eu não ligo ao Angelini.



— Glor, Tom, amole-me tanto aqui. Não é nada, pelo menos, acompanhando uma conta ao "Mocimbo".

— Aqui está um presentinho do teu "taptor". Recomendado, timidez, verifique, pois quem quer a bonita figura!

— Só um beijo de amigo, nada mais. Não se preocupe, bem, amanda, vermos-nos logo.

— Tom esperou o jantar com a sua mãe e a irmã. Ela compreendeu o que ele queria e ela não pôde menos obter alguma coisa.

— Bravo! Suponhamos todos as expectativas. Nenhum parente que fosse tão cuidadoso. Meus compromissos!

— Nenhum desconhecido genral, Paola. Que se recorda de ter boa voz. (Murmurando e cantando no mocimbo). TOM É FICA ENTUSIASMADO COM A IDRA E FAZ GRANDES PREPARATIVOS O SEU FICHO E QUASE TRIUNFAL. TODOS ELA SÃO ENCANTADOS COM A GRAÇA DA BELA ITALIANA.

— Muitos sentiram-se agora muito melancólicos de ti. Viste como te deu gosto? Uma canção, se quiseres. Um dia sera o um pouco do mundo sem ti.

— Não posso negar.

— Pois não, senhora.

— Primeiro passo para a liberdade. Dado mas é preciso ter cuidado. Não dá segundas. Paola vai ao AMBO e aproveitando um momento no qual TOM SE AFASTOU, DÁ-SE DO MAESTRO DA ORQUESTRA E PEDALE UM FAVOR.

— O que se te compreendeu! Procura-te, do momento, mas no fundo tu também que és agora com outros olhinhos...

— Tu fantasia demais! Não posso, no entanto, negar que poderia achar-te simpático se tu...

— Tu e a dona Barbara e que encheram a casa de coisas catiminhadas. Mas eu não ligo ao Angelini.

— Paola volta ao seu jogo, aos seus objetos.

— Paola fincou agora na varanda MORAL. WPIMBMMWKBES. BMK&3<gMMBIMPJ&CSBIR< a. A&B

— O que se te compreendeu! Procura-te, do momento, mas no fundo tu também que és agora com outros olhinhos...

— Tu fantasia demais! Não posso, no entanto, negar que poderia achar-te simpático se tu...

— Tu e a dona Barbara e que encheram a casa de coisas catiminhadas. Mas eu não ligo ao Angelini.

PRISIONEIRA DA NOITE — (Continuação)

movimento de ansiedade e as pessoas afastavam-se para dar-lhe passagem.

Grossas lágrimas escorrendo-lhe pelas faces, Evangelina espiava, no meio do povo, agarrada à grade do jardim. Seus olhos despedaçavam-se quase de encontro ao ferro pintado de branco. Uma mulher ao seu lado exclamou penalizada!

— A senhora é nervosa, não é? Não pode ver enterro! Eu tinha um paião que dava ataque toda vez que via.

Evangelina não respondeu. Tirou da bolsa um lençinho e, assoando o nariz, afastou-se. Daí a instantes, começou a cena lancinante. Ouviram-se de fora os ruídos de choros e gritos abafados de mulher. Mas tudo foi de pronto dominado por uma espécie de silêncio distinto e cheio de circunspeção. As lágrimas silenciosas de Evangelina escorriam-lhe pelo queixo, pingando no vestido. Quando viu o caixão solenemente carregado por homens de feição desolada, sentiu no coração toda a pena do mundo. Com Ernani Lóssio enterrava-se a sua última esperança.

Retirou-se só, depois que todos saíram. Das janelas da casa algumas fisionomias desesperadas de mulheres apareciam, como a querer ver pela última vez aquilo que partia. Sem prestar atenção aos comentários que a sua presença despertava entre a gente humilde do lado de fora da grade, foi saindo devagar, lenta, muito lentamente. Desceu a pé a rua inteira até a praça do Jockey Club. Precisava cansar-se, gastar as energias, exaurir-se. Queria atirar-se a um estado total de renúncia de tudo. O sofrimento de perder o seu amor era demais para ela.

Tantos dias passou inerte na cama, sem saber se vivia ou não, preocupando-lhe, dando trabalho à empregada e aos amigos que telefonavam, que nem teve bem noção do tempo quando um dia Arnaud lhe declarou que viria buscá-la, no dia seguinte, para um passeio de automóvel.

— Mas... não estou doente? Devo sair daqui? Não preciso ficar em repouso?

— Não. O médico deu ordem para que você se movimentasse, para que deixasse esse letargo. Diz que não é (Continua na página 63)

Z.Y.X. -2

RA'DIO ARAPUAN

Estúdios — Escritórios

PRAÇA ARISTIDES LOBO, 20

1.º e 2.º and. — Telefone 1606

TRANSMISSOR

AV. CRUZ DAS ARMAS

(Oitzeiro)

Frequência - 1340 kcs. - Onda 223,8

JOÃO PESSOA - Paraíba

DAME FRANÇAISE

Enseigne son idiome avec methode facile et rapide

Prix moderés

Telefone 47-3759

UMA CARTA DE LEOPOLDO FERREIRA

O diretor desta seção recebeu a carta seguinte:

"Há muito venho acompanhando, pela leitura assídua, a seção de rádio de FÔ-FÔ-FÔ. Tenho tido, então, a feliz oportunidade de ver publicadas várias notas a meu respeito, citando — com elogios maiores de que realmente mereço — o meu modesto trabalho de novelista. Quero deixar aqui os meus sinceros agradecimentos, Sr. Zarur, na certeza de que sempre ficarão na minha memória as suas frases de estímulo. Agora, permita-me pedir-lhe mais um obsequio: A publicação desta carta. Em primeiro lugar, para tornar público o meu agradecimento, pela maneira com que o senhor acolheu os meus trabalhos. E, por fim, para enaltecer aqui a solicitude, a fineza, a gentileza de dois homens que, hoje, considero verdadeiros amigos, e a quem devo toda a repercussão dos meus trabalhos: Amaral Gurgel e Teixeira Pinto. Quando os procurei pela primeira vez, cheio de esperança, para apresentar minha primeira novela, jamais pensei que, sendo novato no rádio, tivesse uma acolhida tão cordial! Poucos meses depois, meu trabalho ia ao ar na onda da Rádio Globo, sob a competente direção de Teixeira Pinto. Exultei de emoção. E essa emoção cresceu mais ainda quando, acompanhando de perto as irradiações, notei o carinho com que ele dirigia as interpretações. Essas demonstrações de confiança em gente nova, no meio radiofônico, são difíceis nos tempos que correm. Por isso, e por dever a essas duas brilhantes figuras da Rádio Globo a realização de um desejo que alimentava há muito tempo, é que não posso deixar de tornar pública esta carta. Sr. Amaral Gurgel: acredite-me um amigo sincero e grato, por todo o estímulo que me deu! Sr. Teixeira Pinto: a minha eterna gratidão pelo carinho com que trata os meus modestos trabalhos! Ao senhor, que foi um grande amigo de meu inesquecível pai, e que, como ele, acredita nos valores novos da radiofonia nacional, eu cito aqui, cheio de emoção, uma frase repleta de verdade, e que o Sr. Alziro Zarur, esse incansável batalhador do rádio, tem repetido inúmeras vezes: "Renovar ou morrer!" Cordialmente — (a.) — Leopoldo Ferreira."

A carta do filho de Plácido e Córdélia Ferreira dispensa comentários. Mas nós aproveitamos o ensejo para reafirmar o que tantas vezes afirmamos aqui: é preciso, em benefício do próprio rádio, abrir alas aos valores novos! Exatamente: renovar ou morrer...

DENTRO E FORA DOS ESTÚDIOS

● Nelson de Oliveira, Carlos Henrique e Cid Moreira — o trio de locutores que Gilberto Martins trouxe de S. Paulo — são uma das atrações da nova Mayrink Veiga. Três vozes espetaculares...

● Sandra, antiga colaboradora de FÔ-FÔ-FÔ, é uma das escritoras do "Rádio-Folhetim" da PRA-9. Seus trabalhos são sempre interessantes e, por isso, os fãs de Sandra aumentam, cada vez mais. É a vitória do talento...

STÉLIO RODOLFO

Memórias Ilustradas de Zezé Fonseca

(Texto de STÉLIO RODOLFO)

ZEZÉ FONSECA está escrevendo um livro de memórias. Isto é um "furo" autêntico... Enriquecendo a história da sua vida artística, o livro conterá uma série de fatos interessantíssimos, umas feitas na Europa, outras na América do Sul, principalmente na sua "doce" Argentina... Como todos sabem, Zezé tem fascinação pela terra de Perón.

A estrela do "Teatro de Novelas" da Mayrink Veiga distinguirá FÔ-FÔ-FÔ com algumas das gravuras do seu livro. Oferecêmo-las aos incontáveis fãs da famosa artista, cuja obra será, por menção, aguardada com ansiedade pelos rádio-ouvintes de todo o Brasil.



Na Espanha, as senhoras não vão, nunca, à igreja sem ter a cabeça coberta por uma mantilha ou, mesmo, um lenço, por menos que seja. E foi por isso que Zezé cumpriu a tradição da pátria de Cervantes...

Na praia de Nazaré (Portugal) — Zezé aparece, aí, entre os "mudos", filhas dos pescadores da litorânea lusitana.



A esq. — Cacilhas — "A outra banda de Lisboa!" Aí vemos o popular rádio-atriz da PRA-9 à entrada de famoso restaurante especializado em pescadas e mariscos. Observem o curioso trabalho de conchas que revestem as paredes. Não é interessante? A dir. — Zezé, no Alcazar (Sevilha), teve o bom gosto de apreciar o precioso detalhe das paredes em mosaico.



Sandra

Leopoldo Ferreira



PRISIONEIRA DA NOITE — (Continuação)

nada. Que você deve ter tido um choque moral muito forte, que a abateu muito. Quer dizer-me que choque moral foi esse?

Mas Evangelina obstinava-se num silêncio impenetrável.

Desde muitos dias Hugo não aparecia e Lara mostrava-se preocupada. Afinal, certa vez, quando já Evangelina estava de pé, houve um telegrama de Campos. Lara apareceu no quarto da amiga, muito tristonha.

— Meu Deus! parece que a época é mesmo calamitosa! As doenças acumulam-se... A gente até fica desanimada! Calcule que agora é o Hugo que está doente. Com um bruto reumatismo. Telefonou que está de cama, aborrecido, não poderá vir. O médico diz que não é nada, mas ele está preocupado. Deus do céu! É preciso muita paciência e muita coragem.

Viver!... Palavra que agora espantava Evangelina. Viver era uma coisa muito difícil e muito distante, completamente destituída de significação.

Arnaud aparecia com presentes, frutas, bombons. Tentava despertar o apetite da moça. Projetava passeios e até viagens, em companhia da mãe.

— Que tal se fôssemos fazer juntos uma estação de águas? Mamãe precisa muito e creio que a você faria muito bem.

— Fútil, dizia Evangelina apenas, olhando para o chão, com um ar de quem vê tudo acabado.

Arnaud não desistia. Os dias passavam. A doença de Hugo piorou, transformou-se em coisa de mais cuidado. Foram precisos longos meses para obter alguma melhora. Lara andava desesperada. Encontrava agora em suas expansões com Evangelina um motivo de reconforto moral. Já nem parecia a mesma moça retraída, metida consigo mesma, que por tantos anos Evangelina conhecera, ou melhor, desconheçera. Agora dizia tudo, numa verdadeira avidez de confidências, num desejo louco de expor a nu a chaga feliz de sua alma. Evangelina ouvia tudo com displicência, como quem acorda de um sono letal. Certa tarde recebeu a inesperada visita de D. Mocinha. A senhora entrou cheia de embrulhos, biscoitinhos, doces, sãos, pó-de-arroz, "baton" e "rouge", tudo lembranças delicadas que pensou pudessem agradar à doente. Estava de passagem no Rio e soubera por D. Eudídia da doença da sua sobrinha.

— Vá lá, não sabe? O Roberval vai-se casa! De hoje a quinze dias, se Deus quiser!

Evangelina fez um gesto como se não pudesse reter alguma coisa perdida.

— Ah! sim?... E foi preciso fazer um esforço, para perguntar, fingindo interesse:

— Com quem?

— Ora! com quem havia de ser? Com a Adozinda Vieira! Eu sempre disse que aquela mocinha era um doce!

As tristezas do passado eram inócuas ao seu pensamento despedaçado. Pôs-se a pensar melancolicamente naqueles dias tão longínquos, tão longínquos, que mal se lembrava deles.

— E o Capitão Noraldo? perguntou de repente. Teve notícias?

— Nenhum mais. Ninguém sabe o que foi feito dele.

Depois que a amiga saiu, sentiu-se aliviada. Precisava sempre era de solidão, embora o médico lhe dissesse o contrário. Até se sentia aborrecida quando Arnaud chegava. Era sempre a mesma coisa. Vinha, depunha-lhe um beijo na mão, exclamando:

— Éta! está cada dia mais bonita! Está voltando a ser a minha Evangelina de novo!

(Continua na página seguinte)



A esquerda — Com os rezares do "Grupo das Forçadas de Santarém" (Portugal). "Mocês do forçado" — indica positivo da bruxaria do homem português. Esse grupo é formado pela elite da mocidade ribalejana, rapazes que se atiram ao touro e o agarram à unha! E por puro amor ao touro... A fotografia foi feita quando eles homenagearam Zezé Fonseca, apresentando-a com um barrete verde, ao saberem que ela havia desfechado de emoção, após assistir ao heroísmo dos rapazes... À direita — Num "cock-tail" em Buenos Aires, vemos Zezé Fonseca em companhia de Palitos, Amélia Bemas, Alberto Clossa, império de Amélia Bencei, Nicolás Olivari e Hugo Ferrer, da revista "Radiofonia", Cordialidade...



A esquerda — Zezé Fonseca à entrada do Alcazar, em Sevilha (Espanha). Não parece uma colegial em férias? À direita — Uma das amigas de Zezé Fonseca, em Portugal, é a consagrada cantora Amélia Rodrigues, intérprete inconfundível de fado. Elas sorriem, depois de matar as saudades... Em baixo à esq. — Na famosa rua do Capello (Lisboa-Mouraria), onde vive a Severa, Zezé Fonseca aproveitou a visita para deliciosas evocações... Fotografia histórica! À dir. — Zezé Fonseca, num passeio sevilhano, sorri para a vida. Haverá coisa mais deliciosa que viajar?



Aquelas expansões desagradavam-lhe. Não dava nenhum direito ao rapaz para que assim pudesse exprimir-se. Cada vez que ele lhe perguntava quando começaria a viver, a resposta era invariavelmente a mesma:

— Nunca mais!...

Diziam isso tão sentida, tão triste, tão definitiva, que o rapaz saía com uma amargura na alma, chegava em casa e dizia à mãe:

— Qual, Mãe! acho que o nosso desejo jamais se realizará! Tenho medo de que Evangelina nunca mais volte a ser a mesma! □□□

Pouco a pouco, no entanto, a saúde ia voltando, mas o seu espírito permanecia envolto em sombras. Quando Hugo chegou, certo dia, após vários meses de reclusão por doença, foi uma alegria na casa. A própria Iara tomou-o nos braços, na frente de Evangelina, e abraçou-o chorando. Estava magro, abatido, diferente. Dir-se-ia ter envelhecido dez anos.

— Sofri muito, contou. Passei por terríveis experiências.

E com um gesto que visava Iara e excluía Evangelina:

— Todos os meus planos tiveram que ser adiados.

Iara aproximou-se dele com um olhar corajoso e, pegando a mão de Evangelina, declarou:

— Pode dizer na frente dela. Conte-lhe tudo.

Houve um momento de difícil adaptação. Hugo baixou os olhos, quase sem coragem para encarar a irmã adotiva que, no entanto, o fitava com olhos brilhantes.

— Pode falar, Hugo. Eu sei que você pretendia desquitá-se. Que resolveram?

— Nada... fez ele, com um gesto esquivo. A minha doença atrapalhou tudo!

Iara esperava, ansiosa, o peito arfando, como se das palavras que iam sair daquela boca estivesse dependendo toda a sua vida.

— Atrapalhou tudo, principalmente porque não consegui a cura radical e Alexia resolveu levar-me aos Estados Unidos para tentar um tratamento novo que há lá.

Quase sem querer, Evangelina voltou os olhos para o rosto de Iara. Dir-se-ia que a fisionomia da moça se petrificara.

— A vista do estado grave em que me encontrei, e do que isso representa como ameaça à minha saúde, tive que aceitar... Resolvemos embarcar breve... na próxima semana. Mas não será por muito tempo. Apenas o número de meses necessários ao meu completo restabelecimento.

Parecia aborrecido por ter de falar aquilo diante de Evangelina. O ar com que dizia essas palavras era o da criança mal humorada, que recebe com descontentamento a ameaça de um castigo. Evangelina, sentindo vagamente que a sua presença devia artificializar a situação, foi andando vagarosamente para o quarto.

— Então você não diz nada? Que é que acha disso? gritou-lhe Hugo, com uma expressão enervada.

— Eu?! disse ela, voltando-se. Ora essa!

Iara estava de olhos fixos no chão. Hugo esperou que Evangelina saísse e veio para a sua amada. Tomou-a pela cintura.

— Meu amor! que saudade! que louca e imensa saudade!... Você não faz ideia do que eu sofri, obrigado a permanecer tanto tempo sem vê-la, ameaçado de ficar paralisado e sem nem sequer poder abrir minha alma com você! Cada dor que eu sentia me fazia pensar que, se você estivesse ao meu lado, seria um prazer! Que desespero sofri! E dizer-se que tive

(Continua na página 66)

arte de ser

COMO PROTEGER SUA BELEZA CONTRA O SOL, DAS PRAIAS E DAS MONTANHAS

DURANTE o verão são essenciais, mais do que nunca, os cuidados da beleza que deverão proteger os olhos e a pele contra o sol e o calor excessivo das praias e das montanhas. Ao veranear na praia, devemos recordar que a água salgada pode deformar a pele e o cabelo se não se tomarem medidas de precaução. É necessário lavar a cabeça, ou pelo menos aplicar um tônico ou óleo, no cabelo logo que nos seja possível, após havê-lo exposto à ação da água e do sol, sendo esta medida aplicável tanto à água do mar como do rio, piscina ou lago, não devendo depender nunca unicamente da ducha depois do banho, para crer-se protegida.

Neste período não se deve esquecer as aplicações abundantes de brilhantina, que conservam a tonalidade da cabeleira e a sua flexibilidade, evitando os ressecamentos perniciosos.

É necessário fixar na mente esta verdade: o vento seco da serra torna o cabelo fraco e quebradiço; a água do mar o torna áspero e opaco; o sol o descolora. Isto é o que se deve evitar por todos os meios, existindo à venda uma infinidade de produtos dos quais é mister abastecer-se com quantidade suficiente antes de sair em viagem de férias.

Assim como convém nas praias ou montanhas andar com a cabeça protegida por um lenço, também para tomar banhos de mar é eficaz o uso de uma touca de borracha ou matéria plástica, para que os cabelos não sofram com a água salgada. □□□

As que desejam tostar-se, trocar a tonalidade de sua pele pela que proporcionam os raios solares, não devem esquecer-se que o bronzear do rosto deve começar do local onde nascem os cabelos e prolongar-se em tom uniforme pelo colo, ombros, braços, espaldas e pernas sem interrupção. Não devem esquecer o quanto enfeiam as manchas brancas motivadas por um corpo mal bronzando, pois assemelham-se a uma tatuagem.

As mãos e os cotovelos merecem também uma atenção especial, com tratamentos à base de cremes lubrificantes e de aplicações de óleo especial nas unhas. □□□

Os olhos escuros, especialmente com cristais verdes, são indispensáveis quando se está de férias na praia ou no campo, se não quisermos forçar os olhos, dando ocasião a que apaziguem as temíveis rugas ao redor das pálpebras e no sobrecenho. Devemos porém ter em conta que até as melhores lentes podem prejudicar a vista quando são usadas sem necessidade dentro de casa ou rua depois de se haver estado ao sol.

Se os lábios se racham com o vento, devemos protegê-los com uma pomada à base de manteiga de cacau ou um creme que os suavize.

Ao sentar-se fatigada após um dia ativo na praia, convém tomar um banho morno perfumado com água de colônia, permanecendo dez minutos dentro da banheira imóvel e com os olhos cerrados. Este relaxamento total do corpo é suficiente para recuperar as energias perdidas e para dar nova disposição para continuar divertindo-se à noite.

Quando o rosto estiver bronzado é necessário cuidar muito bem das aplicações do sombreado nas pálpebras, pois é extraordinário o efeito dos olhos nesse fundo de pele. A luz do dia poderá usar-se um sombreado verde, azul ou castanho, sempre que harmonize com a cor dos olhos. Para a luz artificial devemos procurar qualquer cor que nos agrade.

Se o nariz fica avermelhado ou adquire certa oleosidade nos primeiros dias de praia ou montanha, é conveniente passar sobre ele, todas as noites, um pouco de vaselina com 25% de polvilho, o que lhe devolve o seu primitivo aspecto.

São ótimos os diversos óleos que existem à venda para proteger a pele contra as consequen-



MITZI GAYNOR, da Fox.

bela



rias perigosas de uma queimadura, pois, nunca se esqueça de que, em casos de sérias queimaduras provocadas pelo sol, ainda que pareça extraordinária, os órgãos que mais sofrem são os rins.

E, por último, devemos proteger, mais do que outra coisa, a pele do rosto, que é a mais delicada, tendo-se em conta que, se é queimada demasiadamente, envelhece o aspecto de uma pessoa.

Durante as férias devemos intensificar a nutrição da pele cobrindo o rosto todas as noites com um creme vitalizante, a fim de mantê-la suave a despeito da ação helioterápica.

Um rosto pintado está fora de propósito numa praia. Apenas um baton de tonalidade clara é então admissível e nada de rouge, smaltados e rimmet, pois tudo o mais deverá aparecer à luz do sol, livre de cosméticos.

O tratamento dos pés é também importante devendo-se dar-lhes banhos alternados de água quente e fria e massagens com um creme mentolado, quando se esteja cansado ao voltar de um passeio, excursão ou um baile.

Não é prudente permanecer muito tempo ao sol no primeiro dia em que se chega na praia ou lugar de veraneio. Essas exposições devem ser feitas gradualmente, aumentando a sua duração em minutos, assim como ampliando, proporcionalmente, as zonas do corpo expostas. Em todos os casos devemos proteger os olhos e a cabeça, para precaver-nos de possíveis enfermidades.

É necessário cobrir-se, com algum óleo, toda a parte do corpo que ficará exposta ao sol, sendo necessário as pessoas louras e as que possuem a cutis muito sensível, fazer uma aplicação maior de óleo, para eliminar todo o risco de queimaduras, avermelhamentos ou aparecimento de bolhas. Por outro lado o bronzeado que se adquire com esta proteção é mais duradouro. É preciso renovar esta capa oleosa sempre que se note que a mesma está ressecada.

Como os banhos de sol exercem uma ação nutritiva, não é conveniente, durante o período em que os tomamos, comer na forma habitual. É recomendável uma dieta prudente onde figurem em abundância, verduras, alimentos leves, muitos sumos de frutas e outras bebidas refrescantes.

Ao escolher o seu maquiagem em conta certos detalhes importantes que, algumas vezes, passam por alto estando a vista atraída por uma cor ou modelo de agrado. É essencial que o maquiagem se ajuste bem ao corpo, deixando-o ao mesmo tempo com liberdade de movimentos. Um maquiagem ao qual é necessário puxar constantemente os extremos é tão ruim quanto outro demasiado largo.

Por mais agradável que seja durante uma excursão ou passeio refrescar o rosto queimado pelo sol, é preferível abster-se dessa vontade, pois ocasiona um sério dano à cutis, pagando-se bem caro essa sensação de alívio que se experimenta.

Todos esses cuidados são indispensáveis para as mulheres que queiram conservar a sua beleza fresca e radiante.

QUATRO CONSELHOS PARA VOCE SEGUIR NO VERAO

1) Antes de utilizar os seus cremes faciais, água de colônia e loções, coloque-os alguns instantes na geladeira. Verá como é maravilhoso aplicar-se um creme gelado sobre o rosto ardente.

2) Não use penteados complicados. Trate de afastar o mais possível os cabelos do seu rosto ou seja, sempre que as suas feições o permitirem, é claro. Em casa e ao ar livre penteie-o para cima ou faça tranças as quais podem segurar com vistosos laços. Porém o melhor ainda é usar o cabelo curto como está em moda.

3) Em lugar de usar uma gargantilha de pérolas, ponha um colar solto que não esquentará o seu pescoço aumentando com isso o calor.

4) Não se limite a uma dieta absolutamente "fria" nas suas alimentações. Sentir-se-á muito mais fresca se acompanhar a sua salada ou sanduiche um prato de caldo quente. E, se gosta de bebidas geladas, acompanhe-as com algo quente, como por exemplo um sanduiche de queijo e presunto frito.

A IMPORTANCIA DO DESCANSO

Os ambientes destinados à tarefa diária, como os escritórios, as lojas e oficinas, nem sempre reúnem as condições higiénicas que a saúde requer. Prejudicando-a assim, muitas vezes.

Se você sabe distribuir o seu tempo, estabeleça um horário disciplinado, o que é mais fácil de levar a cabo. Para isso é necessário, antes de tudo, ser pontual, evitando à todo o momento as precipitações. Sacrifique também algumas noites de cinema ou outras diversões para dedicá-las ao sono, que é o melhor aliado da sua beleza. Como já dissemos, devemos dormir, no mínimo, oito horas diárias; porém a comodidade da cama não deve ser motivo para que nos demorem a saltar dela quando for chegado o momento de nos levantarmos para cumprir com nossas obrigações. A pessoa sadia deixa o leito sem praguiza, alegremente.

No caso de se padecer de insônia, é um erro crer que o sono durante horas do dia compensará esse tempo perdido. No máximo se logrará com ele um pequenino descanso.

FON-FON ▲ NATAL DE 1951



O pelo nas pernas, braços e axilas compromete a sua presença na rua, nas praias e nas reuniões elegantes. Para eliminar os pelos supérfluos não use lâminas ou navalhas, use

RACE, o maravilhoso e eficaz depilatório em pó, perfumado. Elimina com incrível rapidez os pelos incômodos.

A venda nas boas perfumarias

Dr. José Murta
CLINICA MEDICA

CONSULTÓRIO:

Rua do Ouvidor, 183 - 5.º andar
Salas 502 e 503 — Tel. 23-3525

3as. Sás. e sáb. das 14 às 18 horas

RESIDÊNCIA:

Rua Mário Pedernheiras, 11-Apt. 201

Tel. 26-6146

BOWAFOGO

Casa de Saúde
SANTA LÚCIA



Modernamente aparelhada, com assistência médica permanente, enfermagem Ana Neri. Intervenção para operações e partos. Tratamento de ondas curtas, ultra-violeta, infravermelho, diatermia, correntes galvânicas e farádicas. Rolo X, Oxigenioterapia (tenda e máscaras). Nebulização. Confortáveis quartos e apartamentos de luxo.

VOLUNTÁRIOS DA PÁTRIA, 435

TEL-S: 26-8403 e 26-0333

BOTAFOGO

PRISIONEIRA DA NOITE

— (Continuação) —

que aturar os cuidados de Alexia, como enfermeira! Nem sei como melhor, como consegui o meu relativo restabelecimento! Pois, na verdade, não estou curado, querida... Preciso mesmo ir aos Estados Unidos. Era desejo de Alexia ir à Europa, mas com a guerra, é impossível. E todos dizem que, se não formos já, para os Estados Unidos, talvez não possamos mais ir tão cedo. Pois parece mesmo que o povo de Tio Sam entra na sarabanda...

Eram coisas de mais sobre o espírito da pobre Iara e, ainda por cima, essa possibilidade dos Estados Unidos entrarem na guerra, arrastando, possivelmente, o Brasil... Levou a mão à testa, num gesto lasso.

— Tenho sofrido demais, Hugo, aqui sem você... com notícias tão poucas detalhadas... sem saber o que você estava passando e sentindo! E agora, além de toda a situação mundial que me preocupa tanto, você me aparece com essa notícia de que vai para os Estados Unidos, de que vai deixar-me!...

— É necessário, querida... Não quer que eu me cure definitivamente? Existe em New York um célebre médico que...

Ela pôs-lhe a mão na boca, impedindo a saída das palavras.

— Não fale mais nisso, por favor! Nem quero pensar! Deixe-me ter a ilusão de que estamos felizes como antigamente, e sem nada que ameace o nosso amor!

— Essa viagem não representa nenhuma ameaça ao nosso amor! Ao contrário, vem a favor dele, defende-o, garante-o, porque me devolve a saúde indispensável...

— E Alexia? Você falou com ela a respeito do desquite?

— Não pude, querida. Você compreende... Cai tão doente! Não era o momento oportuno. Tenho estado sempre preso na cadeira, ou na cama... A situação tão atrapalhada... A usina abandonada... Tudo entregue a auxiliares incompetentes... Achei que seria completamente fora de propósito falar sobre isso a Alexia nessa situação... Já que devo ir aos Estados Unidos, deixei para falar com ela na volta...

Iara deixou-se cair sentada no sofá. Em seus lábios havia um amargo sorriso.

— Quanto tempo mais será preciso esperar, Hugo?

— Tenha mais um pouquinho de paciência, querida... É preciso compreender...

Tomou-a nos braços. O barulho dos passos de Evangelina voltando os separou. Endireitou a gravata e perguntou, pigarreando:

— Que é que há de novo, Maninha? Ficou completamente boa?

— Fiquei, Hugo... Isto é: minha doença não é daquelas que se curam. — Em que consiste precisamente essa doença, Maninha?

— Consiste em saber que se é inútil e não ser capaz de fazer alguma coisa para acabar com isso!

— Bom... se você sabe tão bem diagnosticar é bom sinal... Quem é capaz de encontrar tão boa definição será também capaz de encontrar a solução para o problema...

— O pior é que tenho preguiça, entender? Uma preguiça louca de procurar a solução para o problema. E ainda nem sei em que consiste o problema!

Hugo levou a mão à cabeça, num gesto galhofeiro, como se ela estivesse doida.

— Qual, maninha! Você ainda acaba ficando gira!...

Evangelina atentou na expressão tristonha de Iara.

— Então? Que resolveram? para quando é o desquite?

A outra levantou os ombros com desânimo. Hugo explicou:



A REVISTA FEITA PARA O LAR

ENDEREÇO

Administração, Redação e Oficinas: — Rua Pedro Alves 60. — Tels.: — Gerência e Publicidade: 23-5180. Redação: 23-6282. Contabilidade: 43-1527. — Caixa Postal 97. — End. Teleg. FON-FON. — Sucursal em São Paulo — Gabriel Pereira — Rua Xavier de Toledo, 141, 2.º and. — Representante na Europa: Comptoir International de Publicité (P. Gargon & Ch. Levindrey 28 Boulevard Haussmann PARIS 9e) — France.

ANO XLIV

Rio de Janeiro

22 de Dezembro de 1951 — N. 2.332
Cr\$ 5,00 — EM TODO O BRASIL

DIRETOR-PRESIDENTE
Sérgio Silva.

DIRETOR-RESPONSÁVEL
Ary Sérgio Silva.

DIRETOR-SECRETÁRIO
André Sérgio Silva.

DIRETOR-TESOUREIRO
Cyro Vieira Machado.

REDATOR-PRINCIPAL
Martins Capistrano.

REDATORES

Elcias Lopes e Bastos Portela.

COLABORADORES

Gustavo Barroso — Alziro Zarur — Edvard Carmilo — Edgard Pereira — Lázinha Luís Carlos de Caldas Brito — Mercedes S. Martins (Miss "N") — Jonatli — Gilberto Brandão — Clélia Clay — Zilah Bastos Seabra — José Bandeira Nery — Maluh Ouro Preto — Caio Pinheiro — Cyra Nery — Ieda Criso Fontes — Eloyna de Araújo.

Venda avulsa Cr\$ 5,00
Núm. atrasado Cr\$ 5,50
Núm. atras. pelo Correio Cr\$ 6,00

Prego das assinaturas em todo o Brasil
Porte Simples

Ano (52 ns.) Cr\$ 200,00
Semestre (26 ns.) Cr\$ 100,00
Registrado

Ano (52 ns.) Cr\$ 230,00
Semestre (26 ns.) Cr\$ 115,00
em qualquer mês.

As assinaturas começam e terminam em qualquer mês.

PRISIONEIRA DA NOITE

— (Continuação) —

— Para quando eu voltar dos Estados Unidos.

— E voltando-se para Iara num gesto conciliatório:

— É preciso compreender, querida... A gente não muda de mulher como quem muda de camisa...

Iara não gostou do modo com que ele disse isso. Nesse momento o telefone tocou e a criada correu a atender.

— É para a senhora, D. Iara. Parece que é D. Carmila.

Enquanto a moça se dirigia ao aparelho, Hugo perguntou a Evangelina:

— É D. Carmila? Ela saiu? Não está mais aqui?

— Você não soube do que houve? Sentou-se, fez um riso triste e contou:

— Há mais de um mês que ela foi embora... com o português...

— Que português?

— O empregado do armazém Santa Rosa. Calcule que constantemente eu encontrava aqui na porta o tal sujeito, trazendo garrafas de guaraná ou outras encomendas de D. Carmila. E um dia, com a maior surpresa, encontrei-o no quarto dela. Preocupada, Iara telefonou a D. Antea. E soubemos da verdade. A primeira vez que D. Carmila mandou encomendar guaraná do armazém e que o empregado veio trazer, ficou desatinada ao vê-lo: o homem se parecia enormemente com o noivo que ela espera há tantos anos! Ficou tão alucinada, acreditando tratar-se da mesma pessoa, que o mandou entrar, recebendo-o de braços abertos, chamando-o "meu adorado noivo" e outras coisas assim. O homem ficou perplexo, viu logo tratar-se de uma doida, mas fez o seu plano. Aceitou todas as homenagens que ela lhe prestou e ficou de voltar no dia seguinte. Cada vez que vinha era a mesma coisa: D. Carmila atirava-se nos seus braços, fazia-lhe mil carinhos, dava-lhe dinheiro, oferecia-lhe tudo, inclusive ela mesma. Ora, pois não é que o homem achou negócio aceitar? Certa vez, em que a pobre doida estava sozinha, aceitou mesmo. Eu estava doente, nessa ocasião, nem podia dar pelo que se passava no quarto ao lado. Quando Iara chegou, encontrou a situação muito feia, chamou D. Antea e pôs tudo em pratos limpos. Quis chamar a polícia, mas quando o sujeito soube por D. Antea que D. Carmila tinha alguns bens, prontificou-se logo a casar. Trataram de fazer a cerimônia rapidamente. Até hoje a pobre senhora não deu pela história: continua a pensar que é o noivo que voltou. Vive num estado de verdadeiro delírio de alegria. É a criatura mais feliz do mundo! E o português aproveitou-se da situação. Dizem até que deixou o armazém e vai montar casa própria. Veja você!

Hugo estava perplexo. Evangelina deu de ombros.

— Veja você! Só ela pode ter a verdadeira felicidade, porque vive na ilusão. Se caísse na realidade, como não sofreria?!

— É mesmo... Só os que vivem iludidos podem ser felizes.

Iara voltou do telefone. Era mesma D. Carmila dizendo que ia mandar-lhes um bolo de presente.

— E o que há de mais patético é que ela está convencida de que vai ter um "bebê", mas D. Antea me afirmou que era pura ilusão... que ela não tem mais idade para isso...

— Mulher feliz! murmurou ainda Evangelina. Criou um mundo para uso próprio! Vive dentro dele e nada deste a atinge!

— Sua felicidade durará? exclamou Hugo, apreensivo.

— Qual é a felicidade que dura?! respondeu Iara, olhando pela janela, ao longe.

(Continua no próximo número).



BÔLO SUPREMO

Peneire juntos: $2\frac{1}{4}$ xícaras de farinha de trigo; $1\frac{1}{2}$ xícara de açúcar; 3 colheres de chá de fermento em pó; 1 colher de chá de sal. Faça um buraco no centro do monte formado por estes ingredientes e dentro dêle ponha: $\frac{1}{2}$ xícara de manteiga derretida; 5 gemas; $\frac{3}{4}$ de xícara de água fria; 2 colheres de chá de essência de baunilha. Bata tudo até obter uma massa lisa.

Noutra tigela junte: 7 ou 8 claras e $\frac{1}{2}$ colher de chá de cremor de tártaro. Bata bem, até formar picos duros (como claras em neve), mais duros ainda que para um merengue. Sem bater, despeje a mistura das gemas sobre a das claras e misture bem. Leve a massa obtida a uma fôrma de furo no centro. Não unte a fôrma. Forno moderado por 55 minutos ou até que a crosta volte imediatamente à posição quando levemente comprimida. Retire do forno e ponha a fôrma, de fundo para cima, apoiada de modo que o bôlo fique em suspenso. Pode usar uma garrafa em cujo gargalo apoie o funil do centro da fôrma. Deixe ficar assim até o bôlo esfriar. Com uma espátula, solte o

bôlo dos lados e ao redor do funil e, batendo levemente a fôrma, o bôlo logo se solta. Corte-o então em 4 camadas (use palitos espetados dos lados do bôlo para servirem de guia e impedir que corte camadas irregulares).

GLACE: numa panela ponha: 3 claras, $2\frac{1}{4}$ xícaras de açúcar, $\frac{1}{4}$ colher de chá de sal; $\frac{1}{2}$ colher de chá de cremor de tártaro e $\frac{1}{2}$ xícara de água. Leve esta panela a banho-maria e bata por uns 10 minutos, isto é, até que possa formar bicos ao levantar a glaze com a colher. Deixe esfriar. Reserve uma pequena parte para confeitar formando a espiral branca. No resto da glaze misture 10 gotas de corante vermelho. Separe, desta última parte, o suficiente para cobrir o bôlo e ao resto acrescente algumas cerejas marasquino ou nozes picadas, o qual servirá para unir as camadas do bôlo. Depois de confeitado, passe uma bonita fita de cetim vermelho claro ao redor do bôlo e dê um artístico laço de lado. Com o saco de decorar, desenhe a espiral com a glaze sem corante e, bem no centro, ponha um pequeno passarinho em marzipan.

o preparado que dá it



Toda mulher pode chegar diante do espelho e olhar, fascinada, a própria imagem, quando o encanto de sua pele é mantido e realçado pelo toque inconfundível do mais moderno e mais completo embelezador da mulher:

Loeile de Rosas